



Jussara Cassiano Nascimento
Coordenadora do Projeto

MEMORIAIS DE FORMAÇÃO


epilaya
Editora

Jussara Cassiano Nascimento
Zulmira Maria Marques de Pinho
Rousiane Damasceno Evangelista
Antonio Fábio Malcher Figueiredo
Organizadores

MEMORIAIS

F DE
ORMAÇÃO


epitaya
Editora



Jussara Cassiano Nascimento
Zulmira Maria Marques de Pinho
Rousiane Damasceno Evangelista
Antonio Fábio Malcher Figueiredo
Organizadores

MEMORIAIS DE FORMAÇÃO

1ª Edição


Editora

Rio de Janeiro - RJ
2024

Copyright © 2024 Epitaya Editora. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se correções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores/autores.

Editor: Bruno Matos de Farias

Assessoria Editorial: Helena Portes Sava de Farias

Marketing/ Design: Equipe MKT

Diagramação/ Capa: Professora Carmen Lúcia Crespo Pinto

Revisão: Autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte, MG, Brasil)

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

M533 Memoriais de formação [livro eletrônico] / Organizadores Jussara Cassiano Nascimento...
[et al.]. – Rio de Janeiro, RJ: Epitaya, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-94431-59-2

ISBN 978-85-94431-58-5 (Livro Físico)

1. Memória autobiográfica. 2. Professores – Formação. 3. Educação. I. Nascimento, Jussara Cassiano. II. Pinho, Zulmira Maria Marques de. III. Evangelista, Rousiane Damasceno. IV. Figueiredo, Antonio Fábio Malcher.

CDD 808.066



Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ | Tel: +55 21 98141-1708
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com>

APRESENTAÇÃO

Nos percursos da vida e existência humana, tive a oportunidade de conhecer a Professora Dra. Jussara Cassiano Nascimento, no Rio de Janeiro, quando eu ainda estava em fase de Doutorado pela Universidade do Estado do Rio Janeiro. Um lugar fecundo e potencializador de nossas vidas. Na ocasião, ao conhecê-la nasceu uma grande amizade pessoal e profissional.

Ao receber seu convite para apresentar este livro me sinto extremamente lisonjeada pela estima e apreço que construímos tanto na vida, quanto a oportunidade de conhecer professores das três Escolas Assistenciais da FAB, em palestra que proferi sobre a importância dos memoriais. Considero ter sido uma oportunidade ímpar e fecunda com experiências e aprendizagens, significativas para nossas vidas.

No movimento histórico do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPsAD), coordenado por ela, percebe-se a riqueza e a profundidade de pesquisa, que vem contribuindo e construindo novos olhares e horizontes no campo da vida pessoal e profissional. No caminhar para si, os educadores contam em múltiplas dimensões suas histórias individuais e coletiva. Esse trabalho revela segundo Josso (2004), questões de identidade e existencialidade, por meio da ação refletida, interpretada e concebida na pluralidade da história e da memória, onde os movimentos de fragilidade e mobilidade de suas trajetórias, os levam a compreensão de si mesmo e do outro, ao longo da vida.

A nobre tarefa na produção de conhecimentos no grupo de estudos e pesquisas GEPsAD, além de estudar as teorias educacionais sobre o currículo que vem sendo praticado nessas escolas, expressa também a memória e a história da formação de vinte professores que atuam nessas três Escolas Assistenciais da FAB, que mesmo estando em localidades diferentes: Rio de Janeiro, Belém e Maranhão, estão buscando uma melhor forma pedagógica para atuar com os estudantes.

Nesse trabalho, as lembranças, os percursos de aprendizagem formadora realizados na vida, seja no âmbito pessoal ou profissional, incorporam na dinâmica biográfica, os lugares onde vivem e habitam. Esses laços de comunicação com o mundo nascem no cotidiano da história e da memória, entre os fluxos naturais e complexos que formam e compõem a vida singular e plural. Esse tempo é marcado pelo corpo de saberes que configuram seus modos de viver e narrar, como homens e mulheres no tempo e espaço.

Na composição (auto) biográfica de José Carlos Pistilli, as marcas da infância foram significativas na projeção do ser professor. As lembranças do Observatório criado no casarão, configuram a imagem de si em percursos diferenciados

de sua formação acadêmica e profissional. Na recomposição da trajetória de vida de Jussara Cassiano Nascimento, os movimentos formadores de si, são potencializados pelos momentos preñhes de saber e marcantes de luta e resistência nos percursos de sua história individual e coletiva.

A vida de Cleonilda Camargo Abreu é marcada pelos movimentos do aprender e fazer docente, buscando sempre aprender nos percursos de aprendizagens da vida. Foi professora na Prefeitura do Rio de Janeiro, local que lhe proporcionou uma quantidade significativa de cursos que eram oferecidos e que enriqueciam sua formação e assim, não deixava de aproveitar todas as oportunidades que me eram oferecidas, participando de projetos diferenciados de Formação em serviço. O ingresso no Colégio Brigadeiro Newton Braga trouxe um diferencial marcante em sua vida. Na biografização de Mário Aniceto Correa, os lugares de formação, vividos em diferentes espaços de aprendizagem, configuram sua trajetória pessoal e profissional. Ser militar da Força Aérea Brasileira foi um diferencial para sua vida, pois contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento de sua vida e carreira que está sendo finalizada como professor de Matemática dos Anos Iniciais.

Na trajetória de Luiz Otávio, a base familiar recebida na infância tornou-se um pilar fundamental em sua vida. A caminhada profissional na rede estadual do Estado do Rio Janeiro, marcava sua trajetória inicial como professor. O ano de 1981 foi o ponto de partida e marcava a trajetória de ser professor, posteriormente coordenador e diretor do Colégio Brigadeiro Newton Braga por 19 anos, trazendo um diferencial para essa instituição.

Na vida de Zulmira, o tempo é marcado pela temporalidade biográfica vivida. É marcada pelo Curso de Enfermagem, realizado na Escola de Enfermagem Ana Néry (EEAN) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuando como enfermeira, professora e coordenadora do Curso Técnico de Enfermagem no CBNB, as aprendizagens docentes foram solidificadas e fundamentais na sua identidade profissional. Para Maria Julia Nunes, entre memórias e fatos, a vida sofrida proporcionada no Nordeste, foi marcada pelas viagens e travessias necessárias na reconstrução de si, como mulher e profissional da educação.

No protagonismo docente de Rousiane Damasceno Evangelista as trocas de experiências vivenciadas na gestão educacional e como professora contribuíram significativamente na formação de sua identidade profissional. A vida de Antônio Fábio Malcher Figueiredo é marcada pela vivência militar. Entre idas e vindas, sua desejada carreira como professor de matemática, finalmente acontece no Colégio Tenente Rego Barros. Na dinâmica da vida de Bianca Pantoja, o sonho de ser professora foi marcado ainda na infância e desenvolvido durante a sua trajetória profissional, dentre elas destacamos sua atuação primeiro como docente e posteriormente atuando na gestão pedagógica do Colégio Tenente Rego Barros.

Na trajetória da professora Carmen Lucia Crespo Pinto as artes sempre estiveram presentes desde a sua infância, quando frequentava os teatros junto com seu pai. E já lecionando buscou encontrar na música e aulas de artes um movimento afetivo que além de unir as pessoas, trouxe momentos de harmonia, relaxamento e brincadeiras tanto para alunos quanto para os colegas professores. A trajetória familiar e percurso acadêmico de Alex Sandro Moura demonstram o quanto se dedica a cada espaço frequentado por ele, indicando a exigência consigo mesmo para que todas as atividades que desenvolve sejam desenvolvidas com muita sabedoria e competência.

Os caminhos percorridos pela professora Giselle Christina Figueiredo Pinto demonstram o quanto se dedica ao trabalho que realiza. A prática alfabetizadora esteve presente o tempo todo em sua trajetória, inclusive no momento pandêmico sentido por todo o mundo o que para ela foi super desafiador, mas que trouxe resultados frutíferos. Fazer a diferença na vida dos educandos esteve o tempo todo presente na trajetória da professora Elaine Cristina Assis, pois ela o tempo todo se propõe a trabalhar com diferentes projetos, mas de forma interdisciplinar. As experiências vividas no passado, o aprender em todos os espaços da escola se transformam em motivação para que ela possa investir em atividades que buscam uma educação transformadora e significativa para os estudantes.

A larga trajetória profissional totalmente voltada para as artes demonstram a sensibilidade da professora Maria do Socorro de Araújo Alves. Em todos os projetos pelos quais esteve envolvida em sua carreira, a arte sempre esteve presente tendo como objetivo principal estimular os estudantes a tratarem com esmero o estudo da arte a partir de práticas culturais. As narrativas sobre a escolarização na infância da professora Maria do Amparo demonstram o quanto foi prazeroso esse período em sua vida. Apresenta de forma agradável o modo como foi amada e criada por sua família. Foi aprendendo a gostar da profissão desde pequena através de sua família. Inicialmente envolveu-se em estudos que envolvem a educação especial e que mais tarde foi substituído por sua atuação no Ensino Fundamental I.

A Professora Suzana do Nascimento ao se empenhar em seus estudos incentivou os primos e primas, mais jovens que também sonhassem, acreditassem e corresse atrás de seus sonhos para que fosse possível passar para uma universidade pública estudando de forma organizada, com afinco, propósito e foco, mesmo sem a família ter uma situação financeira abastada como era o pensamento daquela época. Ser aluna e depois professora de Inglês no Colégio onde estudou fez toda diferença em sua carreira. A professora Maria das Graças de Souza Lima esteve sempre ligada a área de educação, mesmo hoje tendo mais de 30 anos de experiência ainda se sente fascinada pela profissão que escolheu. Dorme e acorda

sonhando com um novo fazer pedagógico, onde cada dia se transforma em um novo encantamento.

A história do Professor de Geografia André Gomes da Conceição ainda está em processo de construção, seja como aluno ou como professor. O trabalho, a vida amorosa e a militância política conduziram sua vida acadêmica. Acredita que a educação estará inserida em boa parte dos seus próximos anos de vida. Segundo ele próprio, talvez ela nunca deixe de estar. A Professora Joelma Carvalho da Conceição Molinaro desde a infância traz uma trajetória cercada de avanços e sucessos. Fez o curso Normal e depois vieram a Graduação e a Pós-graduação. Além de professora da rede privada dos Anos Iniciais, foi Coordenadora e diretora de escolas Sua passagem pela Força Aérea Brasileira marcou sua carreira docente de forma crescente, pois vai desde sua atuação como professora dos Anos Iniciais e Orientadora Educacional até seu envolvimento com projetos educacionais que apontam sua contribuição social procurando obter resultados positivos voltados para as necessidades dos estudantes.

A professora Silvia Lobato apresenta memórias privilegiadas, nas quais se misturam pessoas, lugares e fatos, destacando seu processo de formação como um caminho inacabado pelo qual deseja - com suas dificuldades e tentativas fazer alguma diferença, e contribuir com a educação do nosso país através da formação de pessoas cidadãos, no exercício de sua autonomia.

E, nesse contexto, percebe-se que nos fragmentos apresentados nas memórias desses docentes, o ser, o saber e o fazer se entrelaçam de forma artesanal na temporalidade biográfica dos autores e compositores desta obra.

Prof. Dra. Cilene de Miranda Pontes

Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Amazonas

Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas EDUCA no CEST/UEA

SUMÁRIO

Capítulo 1.....	13
MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E PROFISSIONAL <i>José Carlos Pistilli (CBNB)</i>	
Capítulo 2.....	19
RECOMPONDO MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO <i>Jussara Cassiano Nascimento (CBNB)</i>	
Capítulo 3.....	29
MEMORIAL <i>Cleonilda Maria Camargo de Abreu (CBNB)</i>	
Capítulo 4.....	37
MEMORIAL <i>Mário Aniceto Corrêa (CBNB)</i>	
Capítulo 5.....	45
MEMORIAL DE FORMAÇÃO <i>Luiz Otávio Ebendinger Martins (CBNB)</i>	
Capítulo 6.....	51
MEMORIAL: TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL <i>Zulmira Maria Marques de Pinho (CBNB)</i>	
Capítulo 7.....	59
MEU BANCO DE DADOS, MINHAS MEMÓRIAS <i>Maria Julia Nunes (ECE)</i>	
Capítulo 8.....	69
MARCOS E DESAFIOS: NARRATIVAS DE MINHAS MEMÓRIAS <i>Rousiane Damasceno Evangelista (ECE)</i>	
Capítulo 9.....	79
CONSTRUINDO MIINHA HISTÓRIA: MEMORIAS E APRENDIZADOS <i>Antonio Fábio Malcher Figueiredo (CTRB)</i>	

Capítulo 10.....	89
MEMORIAL DE FORMAÇÃO	
<i>Bianca de Fátima Fonseca Jardim Pantoja (CTRB)</i>	
Capítulo 11.....	99
MEMORIAL DE FORMAÇÃO	
<i>Carmen Lúcia Crespo Pinto (CBNB)</i>	
Capítulo 12.....	111
LEMBRANÇAS	
<i>Alex Sandro Moura (CBNB)</i>	
Capítulo 13.....	119
MEMORIAL	
<i>Giselle Christina Silva Figueirêdo Pinto (CBNB)</i>	
Capítulo 14.....	127
MEMORIAL	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Santana Assis (CBNB)</i>	
Capítulo 15.....	135
MEMORIAL ACADÊMICO DESCRITIVO	
<i>Maria do Socorro de Araújo Alves (ECE)</i>	
Capítulo 16.....	145
MEMORIAL	
<i>Maria do Amparo Torres Pinheiro (ECE)</i>	
Capítulo 17.....	153
REMEMORANDO	
<i>Suzana do Nascimento Santos (CBNB)</i>	
Capítulo 18.....	163
MINHAS MEMÓRIAS E SONHOS CONQUISTADOS	
<i>Maria das Graças de Souza Lima (CTRB)</i>	
Capítulo 19.....	169
MEMORIAL	
<i>André Gomes da Conceição (CBNB)</i>	

Capítulo 20.....	179
MEMORIAL	
<i>Joelma Carvalho da Conceição Molinaro (CBNB)</i>	
Capítulo 21.....	189
REVISITANDO MEMÓRIAS, IDENTIFICANDO TRAJETÓRIA	
<i>Silvia Cristina da Costa Lobato (CTRB)</i>	
SOBRE OS AUTORES	201



Capítulo 1

MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E PROFISSIONAL

José Carlos Pistilli



Cada época não somente sonha a seguinte, mas ao
sonhá-la força-a despertar.

Benjamin



A trajetória de vida e a identidade profissional de todos nós sempre guardam alguma relação entre si. O entendimento dessa relação pode ajudar o melhor entendimento das pessoas e de nós mesmos e a reformulação de nossas visões de mundo e de nossas relações sociais nas vidas particular e profissional. Acreditando na força dessa ideia procuro exemplificá-la através da minha narrativa a seguir.

Durante os primeiros dez anos de vida morei com meus pais em uma das casas localizadas em um grande terreno que tinha o casarão onde moravam minha avó paterna e seus cinco filhos, minhas duas tias e meus três tios, ainda solteiros.

Nesse terreno, ricamente arborizado, havia um galpão onde abrigávamos dezenas de cachorros e de gatos resgatados de rua e o galinheiro da minha avó que produzia ovos para o consumo da família, sendo que o excedente era distribuído na vizinhança. No terreno tinha uma mangueira imensa onde eu subia para pegar do pé as mangas deliciosas que serviam para serem chupadas, ou para fazer suco e doce. De um de seus galhos eu passava para cima da grande caixa d'água onde ficava soltando pipa e observando o céu e contando as estrelas e conversando com os pássaros que cantavam as músicas mais lindas que conhecia. Nos fundos do terreno estava também, a fábrica de dentes dos meus tios que eram protéticos, onde trabalhavam dezenas de funcionários e, ao lado, o consultório do meu pai que era dentista. Filho único, única criança entre tantos adultos, muitas vezes eu acabava sendo alvo de atenção da família, de funcionários da fábrica e de simpáticos pacientes do consultório. Isso porque muitos deles disputavam ser meus professores, de alguma coisa. E realmente foram. Antes de ir para a escola já lia, escrevia e já sabia bastante matemática.

Toda quinta-feira e todo domingo minha avó me levava para a igreja que ficava no final da mesma rua. Ela era colaboradora do seu conterrâneo padre Alexandre, que quando brabo, só falava italiano e ninguém entendia nada. Sua função era de professora de catequese, organizava festas e ensaiava peças teatrais com crianças da igreja e da redondeza e eu era o seu fiel ajudador. As duas tias tocavam e cantavam no coral as mais lindas músicas cristãs que nunca mais saíram da minha memória.

Esses primeiros anos de infância são páginas agradavelmente saudosas da minha vida. Época da imaginação em que via o mundo na ótica do fantástico, dimensão fundamental para sermos pessoas mais sonhadoras e por isso, mais felizes. Dessa época, lembro as histórias mais engraçadas, quando aproveitava os dentes, as ceras e outros tantos materiais que eu pegava na fábrica dos meus tios para, quando éramos visitados pelos meus primos, usarmos no nosso teatro nos caracterizando de figuras fantasmagóricas que inventávamos e também usávamos para concursos das fantasias mais originais e amedrontadoras.

Esse foi um tempo mágico que despertou meu apresso pela música principalmente religiosa, pelo teatro, pela arte, o amor pelos animais e plantas que habitavam o cenário do casarão onde eu morava.

Foi o tempo que despertou meu interesse pela beleza do céu que descobri através do binóculo, que imaginava ser um poderoso telescópio, que roubava da minha tia para levar para o meu “observatório” que montei no sótão do casarão e que me rendeu algum dinheiro, simbólico, que primos e colegas me pagavam para assistir os espetáculos do céu, com direito a sanduiche de pão com ovo das galinhas da minha avó.

O tempo passou. Me mudei. As lembranças do casarão, porém, continuaram me acompanhando e sempre influenciaram minha vida pessoal, até hoje.

Um ponto fora da curva, como um boi atravessando a pista, foi eu ter feito engenharia, na UFF, somente para satisfazer um sonho de consumo de meus pais. O acidente de percurso se consumou quando, passei, num golpe de sorte, ou de azar, no concurso para engenheiro de Furnas, na usina de Angra I. Essa foi a felicidade máxima para meus pais. Para mim foram anos de insatisfação e de planejamento da hora de desistir. Foi época de saudades dos anos da infância e do meu ginásio em que sonhava ser professor, do tempo em que ajudava colegas ensinando matemática, do tempo em que era voluntário na alfabetização e animação cultural de crianças de comunidades carentes. Essa era minha verdadeira vocação. O resto era apenas trajetória errática. Aí decidi que precisava agradar a mim mesmo e tomei coragem e de abandonar o emprego. Fui trabalhar em cursos preparatórios e vestibulares, mesmo sem diploma de licenciatura. Voltei para a faculdade para fazer Matemática com habilitação em Ciências. O dia em que me formei professor foi um dos meus momentos mais felizes. Nesse mesmo ano fiz concurso e obtive a primeira matrícula como professor da Rede pública Municipal RJ e dois anos depois a segunda matrícula.

Em 1996, por concurso público, ingressei como professor, no Colégio Brigadeiro Newton Braga onde trabalho até hoje e onde encontrei ambiente propício e oportunidade real para desenvolver projetos interdisciplinares integrando arte-ciência-tecnologia.

Em 2002 também por concurso público ingressei como professor, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Não permaneci por coincidência do horário com o noturno do CBNB o que me tirava a chance de fazer mestrado e doutorado sem pedir licença.

Ao sair de Furnas fiz duas pós-graduações *Latu Senso*. Quando já era professor do CBNB, fiz meu primeiro mestrado (UNESA) em 2000. Ainda, sem pedir licença à Aeronáutica, tive fôlego para fazer, em 2002, o mestrado (UFRJ) e, em 2005, o doutorado (UFRJ).

O CBNB faz parte das experiências mais importantes da minha vida pelas amizades que construí, pelo aprendizado que meus colegas me proporcionaram, pelas vivências mais ricas que já tive com estudantes. No CBNB tive a oportunidade de experimentar a interdisciplinaridade, na prática, nas suas diversas dimensões e extensões.

As primeiras experiências de interdisciplinaridade começaram quando, em 2000, a pedido da direção, passei a ser, simultânea e/ou alternadamente, professor de matemática e de física, prática que perdura até hoje. No ano letivo de 2002 cheguei a dar aula, também, de química, no noturno.

No CBNB, desde 1996, até a presente data, venho desenvolvendo trabalhos interdisciplinares, dentre os quais eu destaco os seguintes: De 1996 a 2015 orientei estagiários de física e de matemática e suas inserções nos trabalhos de Educação para o Trânsito e de Astronomia. De 1996 a 2000 fui professor de física e de matemática do Projeto Vestibular. De 1997 a 2008, do Projeto Alfabetização Gráfica que recebia estudantes com demandas em várias disciplinas. De 2000 a 2006, do Projeto Centro de Apoio ao Ensino da Matemática (CAEM) e suas aplicações na vida cotidiana. De 2001 a 2003, participei do Projeto Coral CBNB que serviu de aproximação de professores de várias disciplinas e segmentos da escola. De 2000 a 2004, coordenei o Projeto CBNB na Ópera, em parceria com o Teatro Óperon, visando estimular pais e estudantes a se familiarizarem com a música dita erudita. Em 2005, coordenei o GT- Educação e Segurança de Trânsito, o qual propunha a implantação da disciplina Educação para o Trânsito no CBNB, o que veio a se concretizar com a Disciplina Eletiva da qual fui professor em 2023. De 2008 a 2014 desenvolvi o Projeto interdisciplinar MusiFisiMat, base para o Projeto SEMEARTE. De 2014 até a presente data, coordeno o Projeto SEMEARTE, atrelado ao Lab Espaço IPPUR-UFRJ, o qual elaborei para a obtenção da minha Dedicção Exclusiva (DE).

Desde 2014, SEMEARTE realiza eventos diversos e promove palestras sobre Educação para o Trânsito e sobre Astronomia. Faz parte do SEMEARTE, o Teatro Guarani, com apresentações de peças teatrais encenadas por estudantes do CBNB, a partir de releituras de óperas sob temas ligados a Meio Ambiente e Cidadania.

Em outubro de 2023 inauguramos a primeira parte do espaço educativo ASTRONOMIA CBNB SEMEARTE, coordenado por mim e pela professora Jussara Cassiano Nascimento. Trata-se da Maquete Gigante de 200 m, do Sistema Solar no terreno do CBNB, na Escala de 1 para 109 e equipada com QR Codes de todos os astros do Sistema Solar. Os próximos passos são: o estabelecimento de uma parceria institucional entre o CBNB e o Museu de Astronomia, Astronáutica e Ciências

Afins (MAST) e, logo a seguir, a montagem do Clube de Astronomia e Astronáutica na sala onde pretendemos montar o Lab Rede CICAT que integra atividades de estudo e pesquisa em Ciência, Cultura/Arte e Tecnologia.

Em 2018, na gestão da então coordenadora professora Jussara Cassiano do Nascimento tive a satisfação de ser professor nos anos iniciais quando pude desenvolver trabalhos lúdicos de astronomia tendo os estudantes como os protagonistas do processo. Lembramos as elaborações e as apresentações de maquetes, de saraus dos planetas, de danças e coreografias tal como a Dança dos Planetas. Nessa mesma época passei a atuar como adjunto, na coordenação da professora Jussara no GEPSAD, espaço privilegiado de diálogo, de reflexão, de compartilhamento de experiências realizadas nas escolas assistenciais da aeronáutica. Esse espaço de encorajamento de pessoas e de descoberta de suas potencialidades é, ponto de partida no processo de produção de saber, de despertar de criatividade na dinâmica da interdisciplinaridade. GEPSAD representa um caminho de enriquecimento da educação escolar da aeronáutica e de exemplo a ser compartilhado com outros espaços escolares públicos e particulares e em qualquer nível de escolaridade.

Diante do que foi dito sobre minha trajetória de vida e tendo em conta as boas experiências no CBNB, um espelho do que sonhava desde a época de infância, firmo a convicção de que tudo na vida é um aprendizado pelo qual vale a pena passarmos. Mesmo que, partido de trajetória errática, como a que segui no início de minha vida profissional, é possível que num certo momento a gente sinta que tudo fez sentido na construção de nossa identidade e que, em muito valeu a pena ser vivido.

Capítulo 2

RECOMPONDO MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO

Jussara Cassiano Nascimento



Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo.

Walter Benjamin



Relebrar fatos vividos e ocorridos durante nossas vidas é sem dúvida nenhuma estimulante; pois com certeza muitas marcas deixamos para traz ou a trazemos conosco. Durante nosso percurso de vida acumulamos saberes com os quais definimos nossa postura de vida e conseqüentemente nossa maneira de lidar com o outro.

A cada dia que nos relacionamos com outras pessoas, seja no seio familiar, seja em nosso trabalho e em todos os lugares, estamos aprendendo e enriquecendo nossos conhecimentos. Nesse processo de interação com o outro conversamos, trocamos, aprendemos e ensinamos e dessa maneira, nos relacionamos com as outras pessoas, produzindo conhecimentos.

Escrever acerca desses processos de viver e produzir conhecimentos nos diferentes cotidianos em que aprendemos e ensinamos vem ganhando relevo nas pesquisas atuais, principalmente na área da educação. Nesse espaço-tempo (Alves, 1999) tem ganho relevo as escritas autobiográficas de professores e professoras (Nóvoa, 1995), personagens comuns do contexto escolar, que têm contribuído para resgatar histórias da escola e dos processos de aprenderensinar (Alves, 2001) a partir das experiências e momentos vividos por esses e essas profissionais.

Esses processos mnemônicos transportam os/as autores/as para tempos longínquos guardados em suas memórias. Trazendo situações, desejos mais íntimos e segredos escondidos que vêm à tona através de questões reveladoras sobre suas vidas pessoal e profissional. Nesse sentido Dominicé (1990) afirma que a vida é o lugar da educação e a história de vida, o terreno no qual se constrói a formação (p.167).

Quando buscamos na memória resgatar histórias que ficaram para trás, estamos selecionando recordações, sentimentos, momentos alegres ou tristes; fáceis ou difíceis, experiências vividas que escolhemos para registrar. Esse é um dos dilemas clássicos do/a pesquisador/a, o que escolher para registrar? O que deve ser contado e o que será omitido? Essa é uma decisão que cabe somente ao/a pesquisador/a.

Escolhi começar a narrar minha trajetória de estudante e posteriormente de educadora; a partir da minha infância, pois foi um período bastante significativo para mim enquanto pessoa e hoje educadora.

RECOMPONDO MINHA TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO

A casa em que morava enquanto criança; era uma escola. Minha mãe dava aulas em nossa casa e eu adorava ajudá-la. Naquela época minha mãe não tinha formação adequada e resolveu estudar para que pudesse registrar a escola. Sentiu necessidade de buscar um maior aperfeiçoamento profissional chegando até a Universidade.

Comecei minha trajetória escolar, em uma escola oficial, na terceira série; pois aprendi a ler e escrever em casa com minha mãe. Ao ser matriculada em uma escola pública; no bairro de Alcântara no Estado do Rio de Janeiro, me foi aplicado um teste e este verificou o grau de conhecimentos que eu já possuía e por isso fui matriculada na terceira série primária aos sete anos de idade.

No ano de 1973 fui fazer o Curso Normal no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira em Duque de Caxias, trazendo para minha família, grande momento de alegria e felicidade; pois ser normalista do Instituto de Educação naquela época, era considerado o máximo das conquistas; principalmente para uma moça negra como eu.

No Instituto de Educação, minha vontade de ser uma educadora se confirmava a cada dia com as aulas e estágios que fazíamos durante todo curso. As normalistas desde o primeiro ano do curso, deveriam iniciar seus estágios pedagógicos; e ao final do curso deveriam ter passado por todos os segmentos desde a Educação Infantil até a quarta série.

No ano de 1976 abriu concurso para o Município do Rio de Janeiro e já tendo médias necessárias para me formar recebi declaração de conclusão do curso Normal.

Com essa declaração em mãos; no último dia de inscrição para o concurso para atuar na prefeitura do Rio de Janeiro, me inscrevi e mesmo antes de terminar o último bimestre do curso Normal, passei no concurso. A alegria tomou conta de todos no Instituto de Educação. Meus professores não se continham em contar e estimular outras meninas que como eu, desejavam assumir uma turma, após o curso.

Mesmo tendo pouca idade e falta de experiência em uma escola pública, cheguei no ano de 1977 a Escola Municipal Herbert Moses no Jardim América, Rio de Janeiro para trabalhar. O espanto da direção e dos colegas de trabalho era visível; porém eu estava ali disposta a enfrentar todos os desafios. Preocupada com a pouca idade que eu tinha e pensando nas turmas difíceis que tinha naquela Unidade Escolar a direção resolveu colocar-me na Secretaria da escola. Em meio a muitas lágrimas e conversas; consegui que ela voltasse atrás e me entregasse uma turma que estava sem professora.

A turma tinha quase a minha idade uma vez que eram alunos de segunda série repetentes a cinco anos. Mesmo com a pouca idade e inexperiência para lidar com tantos alunos, percebi que eles não conseguiam seguir adiante devido ao fato de não saberem ler o que lhes era proposto e todo trabalho que desenvolvi com essa turma, foi através da Alfabetização. A partir daí, comecei a conquistar o respeito de todos daquela unidade escolar e mesmo sendo a mascote do grupo de professores; a alfabetização fez parte de minha trajetória docente por alguns anos.

Passados alguns anos me casei e tive dois filhos e conciliar as tarefas do lar e trabalho docente não foi nada fácil; uma vez que mesmo distante dos bancos escolares; procurei estar sempre presente nos cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação.

Quando meus filhos chegaram em idade de frequentar a Educação Infantil, pedi remoção para uma escola próxima de minha casa: Escola Municipal Tarsila do Amaral no bairro de Irajá, Rio de Janeiro. E novamente iniciei minhas tarefas docentes com a Alfabetização. Logo após a escola sofreu uma grande reforma e foi construído um prédio anexo somente para a Educação Infantil e foi nessa época que voltei a trabalhar com a Educação Infantil.

Então, resolvi aprimorar meus conhecimentos buscando interligar minha experiência com as teorias educacionais ligadas à infância. Me inscrevi no Vestibular da UERJ e fui aprovada, iniciando meus estudos no Curso de Pedagogia.

A partir do meu ingresso na Universidade, comecei a perceber a importância da Pesquisa na Educação e logo fui convidada a fazer parte do Grupo de Pesquisa Rede de Conhecimentos em Educação coordenado pela Professora Doutora Nilda Alves. Nesse grupo, comecei a ler e discutir diversas teorias educacionais. Elas me ajudavam a dialogar com a prática; além de ter a oportunidade de participar de vários eventos acadêmicos como: palestras, congressos e seminários que nos eram sugeridos.

Ao concluir o Curso de Pedagogia, resolvi me inscrever no Curso de Pós-Graduação em Educação Infantil da PUC/ RJ, com o objetivo de continuar ampliando minha formação e conhecimentos ligados à infância.

Algumas questões me instigaram participar desse curso: a formação de profissionais de Educação Infantil, a atuação desses profissionais diretamente com as crianças no ensino Fundamental, a Alfabetização, as alternativas pedagógicas para a Educação Infantil; dentre outras.

Ao final de um ano e meio de Especialização, resolvi cursar a Disciplina Docência do Ensino Superior também na PUC/RJ e ao terminar o curso de Especialização, passei no concurso público para o Mestrado em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

O INGRESSO NO CURSO DE MESTRADO

Ingressar no Mestrado logo após o curso de Especialização, foi motivo de surpresa para mim, pois me inscrevi como um teste, onde eu iria verificar como era uma prova para ingressar no Mestrado. Felizmente fui aprovada e tive como orientadora a Professora Doutora Carmen Sanches, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias.

Achei o tempo do Curso de Mestrado muito curto. Sentia que ainda precisava de mais tempo para amadurecer as teorias que estavam sendo apresentadas para mim.

Inicialmente fui encaminhada a ser orientanda por outra professora, pois os mestrandos das primeiras turmas, não escolhiam seus orientadores, era o programa que os encaminhava. O problema é que a professora que me foi destinada, não pesquisava alfabetização, então solicitei a troca de orientador. Ao trazer meus argumentos à Coordenação do Programa, fui encaminhada a professora que eu desejava a Prof. Dra. Carmen Sanches.

Essa troca de orientação só aconteceu um ano depois do meu ingresso, então tive que fazer os estudos, a pesquisa e defender em um ano. Talvez seja por isso que achei pouco o tempo que tive no Mestrado para estudar, pesquisar e escrever minha Dissertação.

Durante o Mestrado tive a oportunidade de realizar estágio de Docência no Ensino Superior com a Professora Dra. Carmen Sanches, na disciplina Alfabetização, Conteúdo e Forma, em turmas de Graduação no curso de Pedagogia da UNIRIO. Aprendi a selecionar textos, trabalhar com as turmas usando a teoria em consonância com a produção das crianças, aprendi a organizar o planejamento para a disciplina, organizar atividades para a turma realizar em aula, após as discussões dos textos, dentre outros.

Meu desejo de realizar um trabalho sobre formação de professores alfabetizadores estava cada vez mais se consolidando e com a ajuda de uma especialista em alfabetização como é a Professora Dra. Carmen Sanches, isso foi possível.

Durante o curso, outra oportunidade me foi oferecida; trabalhei junto com a Professora Dra. Nailda Bonatto na disciplina Didática do Ensino Superior, no Curso de Pós-graduação em Biblioteconomia, também na UNIRIO. Nesse curso, apesar de ser Pedagoga, e minha experiência ser mais com crianças, eu contribuía com os estudantes discutindo os textos selecionados pela professora Dra. Nailda onde eu trazia minhas experiências com projetos didáticos e sobre a própria docência.

Em abril de 2008, defendi minha Dissertação intitulada “Professoras alfabetizadoras: as narrativas (auto) biográficas entrelaçando fios da formação”. A banca foi composta por quatro Professores Doutores, além da minha orientadora. Lembro-me que fiquei muito nervosa porque era uma banca de doutorado, muito extensa. E tinha o Prof. Elizeu Clementino de Souza, autoridade máxima em nosso país, na pesquisa (auto)biográfica. Porém, tudo deu certo e eu me tornei Mestre em Educação, com louvor.

Com o término do curso de Mestrado, fui convidada a trabalhar no Ensino Superior, no Curso de Pedagogia, como Professora Substituta na UERJ/FFP em

São Gonçalo, atuando na disciplina Alfabetização IV. Experiência ímpar que me despertou a vontade de me preparar ainda mais para atuar no Ensino Superior.

Como a vida toda trabalhei com crianças, também me inscrevi para fazer prova e entrevista para atuar no CAP/UERJ. Houve essa possibilidade porque no CAP/UERJ, trabalham juntas nas disciplinas do núcleo comum, duas professoras por turma, oferecendo a possibilidade de estarem o tempo todo estudando, dialogando e trabalhando juntas.

A experiência de trabalho no CAP foi muito diferente das que eu já havia vivenciado, pois trabalhavam juntas duas professoras, uma Doutora e uma Mestre, atuando com estudantes dos anos iniciais. Interessante ressaltar que as professoras do CAP trabalhavam com crianças, por sua opção, então o trabalho realizado é o tempo todo com muito prazer e dedicação de pessoas que amam o trabalho que realizam. Ênfase que o trabalho de ponta realizado no CAP/UERJ é amplamente reconhecido pela sociedade.

O CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Durante o curso de Mestrado, me sentia muito mal tendo que dizer que era professora aposentada do Município do RJ, parecia que eu estava falando de um lugar que era muito distante do que estávamos discutindo. Mesmo sendo professora substituta no CAP/ UERJ, e professora da UERJ/ São Gonçalo, não era suficiente, para que eu me sentisse professora do quadro. Então, decidi que antes de ingressar no curso de Doutorado, deveria passar em um concurso para voltar a ser professora efetiva. E assim, por meio de concurso público realizado no ano de 2009 ingressei no quadro efetivo dos docentes do Colégio Brigadeiro Newton Braga, para atuar no Ensino Básico Federal.

Tendo de volta o emprego público que tanto desejava, me inscrevi no processo seletivo da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), para cursar o Doutorado. Esse programa de Pós-Graduação exigia mais dos futuros doutorandos que os outros programas, pois deveríamos realizar prova escrita de conhecimentos específicos em Educação e duas provas de línguas estrangeiras.

O que me agradava nesse programa de Pós-graduação era que ele estava direcionado para a formação de professores e, como esse era o meu objetivo para desenvolver o projeto de pesquisa, aceitei o desafio e fui aprovada de imediato.

Dessa forma, no ano de 2013, ingressei no Curso de Doutorado, mas desta vez, tendo orgulho em dizer: - sou docente em uma instituição de ensino público federal. E assim, comecei a dialogar com as teorias e práticas, não me sentindo mais um “peixe fora d’água”. Percebi que esta minha decisão de trabalhar durante o curso, foi um tanto penosa, pois além das tarefas do Doutorado, tive inúmeras tare-

fas docentes para realizar, mas me sinto orgulhosa em poder dizer que trabalho em uma escola pública federal, além de desenvolver minhas pesquisas em um curso de Doutorado em Educação.

Durante o curso me deparei com algumas dificuldades que fazem parte dessa trajetória acadêmica que escolhi: a distância entre a minha casa e a Universidade (Petrópolis); conciliar o trabalho e os estudos acadêmicos; as inúmeras leituras e trabalhos exigidos durante o curso; os diversos eventos que participei no Brasil e no exterior; os encontros de orientação e o amadurecimento para a escrita final da Tese.

O importante é que três anos depois, no ano de 2016, consegui terminar o curso, me tornando “Doutora em Educação”, concluindo mais um ciclo de estudos e pesquisas em minha vida. Considero ter sido esse, o período mais difícil em termos de estudos, pelo qual já passei, porque para que o ineditismo de uma Tese aconteça, é necessário que o doutorando, faça muitas leituras, discuta o tempo todo, sobre o tema, com outros: a orientadora, os colegas, nos eventos da área escolhida, onde são discutidos temas parecidos, além de realizar uma pesquisa com profundidade, para que a escrita final possa fluir.

Porém, agora com o curso concluído, descobri que a academia nos impulsiona a querer cada vez mais investigar outros caminhos apontados, a partir daquele estudo inicial e, portanto, percebo que vou continuar realizando estudos e pesquisas, tendo a consciência de que este será um norte, que adquiri, a partir do Curso de Doutorado, e que estará sempre presente em minha trajetória. Talvez seja esse, o legado deixado a partir da realização de um curso de Doutorado.

No dia da minha defesa de Doutorado, a professora Pós-doutora Lia Faria que fazia parte da banca, me convidou para participar do grupo de estudos que ela coordenava na UERJ e eu mesmo cansada do curso de doutorado, resolvi aceitar e duas semanas depois comecei a frequentar os encontros do grupo (LER- Laboratório de Educação e República). A professora Lia me pediu que apresentasse minha tese aos colegas do grupo de estudos. Quando terminei a apresentação e respondi aos questionamentos dos colegas e professores presentes, ela me convidou publicamente a fazer um Pós-doutorado com ela.

Depois disso, ingressei oficialmente no grupo LER e me sinto feliz em ter a oportunidade de ter tantos amigos. Em 2018 resolvi ingressar no Pós-doutorado com a Prof. Pós-Doutora Lia Faria. Não sendo professora do Ensino Superior, foi preciso que meu projeto fosse aprovado pelo Colegiado de Professores do PRO-PED/UERJ. Fui aprovada de imediato. Meu projeto foi analisado também por professores de outras linhas de pesquisas que deram seus pareceres favoráveis.

Concluí todas as exigências propostas pela supervisora e no ano de 2019, terminei o Pós-doutorado em Educação no PROPED/UERJ, com apresentação pública da pesquisa intitulada: Memória e história do curso CPM: um curso de Pedagogia, específico para a formação de Professores dos Anos Iniciais, em serviço.

Neste momento, sou Adjunta e Assessora Pedagógica da Divisão de Ensino do Colégio Brigadeiro Newton Braga e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas GEPSAD.

**Cada época não somente sonha a seguinte,
mas ao sonhá-la força-a despertar.**

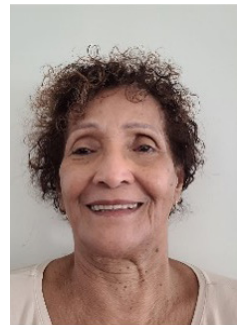
Walter Benjamin



Capítulo 3

MEMORIAL

Cleonilda Maria Camargo de Abreu (CBNB)



É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece,
e ao passar-nos nos forma e nos transforma...

Jorge Larrosa



Início meu memorial trazendo lembranças que marcaram a minha vida e da minha família. Meus pais, são naturais do Estado de Minas Gerais, migraram para o Rio de Janeiro após se casarem. Foi o local que escolheram para constituir nossa família. Minha decisão em começar a escrita sobre a minha trajetória, apresentando primeiro a história inicial da vida deles, foi porque considero que meus pais foram meu grande exemplo de vida, mas principalmente pelo papel que assumiram na minha trajetória de formação.

Meu pai, cabo do Exército, ex-combatente, morreu em serviço em 1964 deixando minha mãe viúva, com nove filhos menores, sendo eu a mais velha. Nessas condições, sempre fui a pessoa que deu muito apoio à minha mãe nos cuidados e criação dos irmãos menores.

Minha mãe, neta de ex-escravos e que fora criada no interior de Minas Gerais, não frequentou escola, não sabia ler e escrever. Veio para o Rio de Janeiro, após meu pai retornar da guerra e se casarem.

Após a morte precoce do meu pai, com 45 anos de idade em 1964 e ainda na ativa, ela com 39 anos, ficou sozinha com nove filhos menores. Foi quando passou por uma experiência marcante na sua vida: Sendo viúva de militar, precisou abrir uma conta corrente na Caixa Econômica para receber a pensão que lhe cabia por direito. Não sabendo ler e escrever, para receber seu dinheiro, tinha que tirar as impressões digitais ali na agência na frente de todos, o que lhe causava profundo constrangimento e tristeza.

Assim, em 1964, ela se empenhou para ingressar em uma escola noturna, próxima da nossa residência, no bairro de Guadalupe. Foi quando ela se apropriou da leitura e da escrita e passou a amar as novas possibilidades conquistadas e que a ajudavam a conhecer o mundo, se comunicar e expressar seu pensamento, o que a fazia muito feliz! E assim, de acordo com Benjamin (1994) posso dizer que cada época não somente sonha a seguinte, mas ao sonhá-la força-a a despertar.

Com a importância que dava ao novo modo de ver o mundo, passou a alimentar o sonho de que eu me tornasse professora. Então, percebendo o entusiasmo de minha mãe e seu desejo que eu me tornasse professora, fiz concurso e consegui ingressar no Curso Normal, na Escola Normal Júlia Kubitschek.

Na época, o acesso ao quadro de magistério do Estado da Guanabara era mediante o ingresso nas escolas normais estaduais. A profissão de professora era muito valorizada, mas eu, provavelmente por rebeldia, na ocasião, me afastei do magistério.

Como qualquer moça daquela época, me dediquei ao casamento e logo vieram os filhos e aos poucos fui construindo minha história, estando somente no lar. Depois de algum tempo, passei a desejar retornar ao magistério, sobretudo ao

ensino público. Observava as mazelas sociais existentes na época e percebi que poderia contribuir de alguma forma com a educação brasileira.

Nessa mesma época, passei por uma experiência muito significativa em minha história: Já com quatro filhos pequenos, casada com um cirurgião dentista e totalmente dedicada ao lar e à família, em uma discussão ouvi meu marido me chamar de 'parasita'. Foi uma palavra dura que me fez chorar, mas impulsionou ainda mais o desejo de sair daquele lugar colocado por ele, para mim.

No dia seguinte, em uma banca de jornal, vi uma chamada de um concurso para o quadro do magistério da Cidade do Rio de Janeiro, me inscrevi e obtive sucesso. Fui designada para trabalhar na Penha, próximo à comunidade da Vila Cruzeiro, na Escola Monsenhor Rocha.

Na Secretaria Municipal de Educação, SME. E assim, minha história estava tomando um novo rumo, com muitas possibilidades de crescimento. Minha atuação na SME aconteceu no período de 1984 a 1997.

No início de 1985, comecei a trabalhar com Dupla Regência na própria Secretaria Municipal de Educação e no final do ano, iniciei um novo projeto, determinada a me preparar para um novo concurso. E foi assim que conquistei ter uma segunda matrícula como professora da rede pública.

Desde o meu ingresso na Prefeitura do Rio de Janeiro, sempre fiz os cursos que me eram oferecidos, sabia que estava enriquecendo minha formação e assim, não deixava de aproveitar todas as oportunidades que me eram oferecidas, participando de projetos diferenciados de Formação em Serviço. Alguns cursos eram realizados fora do horário de serviço. Preciso admitir que eles tiveram muita importância em minha trajetória porque me ajudavam nas reflexões e ações da minha prática enquanto professora das séries iniciais.

Tenho gravada na minha memória o quanto foram importantes esses momentos de formação em serviço ofertados pela SME entre os anos 1980/1990.

Trabalhei no CIEP Dr. João Ramos de Souza. Ali, tínhamos um pequeno grupo de professoras que mergulhavam avidamente nos estudos e leituras que a SME dispunha na sala de leitura. Assim, após o horário das aulas e nos finais de semanas, procurávamos ficar na sala de leitura para o conhecimento de obras relacionadas às questões pedagógicas, discussões e reflexões sobre temas pertinentes aos estudos dos processos de ensino/aprendizagem.

Foi quando saiu o edital do concurso público para ingresso no magistério do Colégio Brigadeiro Newton Braga, com abertura de oito vagas para professores dos anos iniciais. O concurso teve aproximadamente mil inscritos. Fizemos as inscrições e, quando saíram publicados os resultados, das vagas ofertadas, quatro delas foram ocupadas por professoras do nosso grupo de estudo no CIEP Dr. João

Ramos, com classificações no 1º, 3º, 4º e 8º lugares. Atribuo o resultado aos momentos de estudo que vivenciamos com ajuda da SME. Nos sentimos potente, foi maravilhoso!

Em 1992, entrei para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ para o Curso de Pedagogia, CPM (Convênio Prefeitura Municipal). Era um convênio que foi estabelecido na época entre a SME e a UERJ. Para ingressar no curso era necessário realizar um vestibular exclusivo e só poderiam se inscrever, professoras que comprovassem estar atuando em sala de aula, naquele momento.

Esse Curso de Pedagogia – Habilitação: Magistério das Series Iniciais do 1º grau, veio em resposta a nossa Constituição de 1988 quanto ao padrão de qualidade no desenvolvimento do ensino. Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, anunciava a formação em nível superior para todos os professores dos Anos Iniciais.

Foi um momento mágico em minha trajetória porque o curso valorizava os nossos saberes, as nossas práticas e o trabalho que desenvolvíamos com as crianças na escola. Nós trocávamos experiências o tempo todo, além de dialogarmos com as teorias que davam sustentação as práticas que realizávamos. Nossos professores nos ajudavam a compreender a importância dos estudos teóricos que estávamos realizando, mas sempre em diálogo com a prática.

E levávamos para nossas escolas as experiências que estávamos vivenciando na Universidade, e isso também contribuía com a formação daquelas que ainda não tinham a oportunidade de ter o nível superior.

Quando o profissional se revela flexível e aberto ao cenário complexo de interações da prática, a reflexão na ação é o melhor instrumento de aprendizagem. No contato com a situação prática, não só se adquirem e constroem novas teorias, esquemas e conceitos, como se aprende o próprio processo dialético da aprendizagem (GOMES, 1995, p. 104).

Considero o ingresso na universidade, um momento muito especial em minha carreira docente, porque pude compreender teoricamente aquilo que fazia a tanto tempo na prática com as crianças, mas sem ter um suporte teórico consistente, baseado também nas discussões com meus pares e professores universitários.

No ano de 1996, prestei concurso para o magistério público federal e ingressei como professora civil na Força Aérea Brasileira (FAB). Fiquei lotada no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), situado no Galeão, Ilha do Governador. No ano seguinte, incorporei ao regime de dedicação exclusiva no CBNB, local onde atuo até o presente momento.

Naquela época em que ingressei no Colégio Brigadeiro Newton Braga, me causou estranhamento o ambiente que encontrei, no Colégio. Nas paredes não havia a presença de estímulos as práticas de escrita, letramento e linguagens. Tudo era muito diferente do que eu tinha vivenciado na minha passagem pela Secretaria Municipal de Educação. Com o passar do tempo e a partir das conversas na sala dos professores, nós, professores do CBNB começamos a mudar o quadro apresentado e, ao longo do tempo, passamos a nos envolver com a necessidade de iniciarmos grupos de estudo. Fomos iniciando os estudos aos poucos e em pequenos grupos, entre os que quisessem participar. Com isso, nossas práticas foram mudando, a partir do embasamento teórico que estávamos buscando.

Atualmente, temos um grupo de estudos oficializado pelo CNPQ, que pode ser considerado de Excelência sob a coordenação da Prof^a Dr.^a Jussara Cassiano Nascimento porque mergulhamos nas questões que envolvem o cotidiano escolar e dos diferentes saberes das práticas pedagógicas. Dialogamos com teóricos que buscam aproximar a educação da vida.

No ano de 2007, resolvi fazer concurso para o Mestrado e ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, para desenvolver o projeto intitulado: ARTE CAPOEIRA: MULTICULTURALISMO X (DES)IGUALDADE SOCIAL. Porém, por incompatibilidade de horário, a disciplina Seminário de Consolidação Temática estava disponível no mesmo horário em que eu teria que estar em classe. Na época, a Coordenadora, sugeriu que eu pedisse uma licença sem vencimento o que, para mim seria inviável. Assim, por não ter conseguido liberação de horário no trabalho, infelizmente não pude concluir o curso.

No ano de 2015, alguns professores resolveram lançar no espaço da escola o livro Guia Patrimonial da Pequena África. Todos estavam envolvidos com as questões da consolidação das leis 10 639/2003 e 11 645/2008. Surgiu a ideia da construção coletiva de um projeto que desse visibilidade à história e culturas afro-brasileira e indígena. Então, foi criado o Projeto Saravá que tem como objetivo trabalhar com a comunidade escolar a cultura afro-brasileira e indígena no espaço escolar e que tem uma culminância dessas atividades no mês de maio no espaço escolar. Destaco a quarta edição do evento, onde o mesmo já consolidado, proporcionou uma movimentação muito grande em nosso colégio. Foi possível organizarmos uma série de atividades como: oficinas, palestras, rodas de conversas, apresentação de jongo, capoeira, maculelê, contação de histórias, teatro, músicas, filmes, vídeos e almoço com feijoada.

Com as atividades que ocorreram na culminância anual do Projeto, organizamos uma oficina sobre o racismo presente nos espaços sociais. Essa oficina foi idealizada a partir de um vídeo de apresentação do cantor Jorge Aragão interpretando a música “Identidade”, com uma reportagem publicada na revista Galileu, nº 290, 09/ 20015, com o título de ‘Você é racista – só não sabe disso ainda’, e com um outro vídeo em que são apresentadas falas de pessoas entrevistadas, onde o entrevistado pergunta se as pessoas ‘sentem o racismo presente no cotidiano de suas vidas’. Em seguida, convidamos os participantes a se manifestarem sobre o observado e as reflexões que se apresentaram foram bem significativas.

A oficina descrita acima foi apresentada durante o Projeto Saravá, foi inscrita e aceita para apresentação no Museu de Arte do Rio em dezembro de 2016, sendo possível realizar um debate com os participantes acerca da oficina, mas também sobre a inserção de um projeto que traz para o espaço escolar discussões em torno dos preconceitos racistas que ocorrem na sociedade.

Em seguida organizamos um texto acadêmico onde explicitamos todo o desenrolar da oficina e os resultados parciais que surgiram com nossos estudantes a partir da mesma. Esse texto foi aceito para apresentação no 21º COLE, ou seja, 21º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, para uma roda de conversas intitulada “Oralidade afro-brasileiras e africanas (in)visibilidade dos negros”, na UNICAMP, Campinas, em 07/2018.

Buscando me preparar para fazer um curso de Mestrado, ainda no ano de 2018, fiz matrícula como aluna especial no Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica – PPGEB – CAP/UERJ, na disciplina ‘Espaços educativos não formais no ensino de História: entre memórias e identidades’ – com a Prof. Dra. Helena Maria Marques Araújo. Essa disciplina contribuiu para que eu pudesse enriquecer meu projeto de estudos, além de proporcionar um diálogo frutífero com os colegas e com a professora.

Em seguida fui convidada para participar de uma roda de conversas: INTERCULTURALIDADE, COLONIALIDADE E EDUCAÇÃO, com o Prof. Dr. Reinaldo Fleuri. Fiquei encantada com tudo que conversamos e que tanto enriqueceram meus conhecimentos. Essa experiência sinalizou para mim, a necessidade de reflexões sobre o poder colonial e as relações desumanas entre opressores e oprimidos e de como as transgressões/insubordinações dos oprimidos podem ser a saída para a libertação e superação de maldades dirigidas a um grupo social de pessoas: os negros.

Atualmente, trabalho com estudantes do 1º ao 5º ano de escolaridade com o componente curricular Artes. Temos uma sala apropriada, onde os estudantes se deslocam para esta sala, dentro de um horário pré-estabelecido. Essas aulas de

Artes são organizadas a partir de projetos interdisciplinares que envolvem os outros professores da instituição, principalmente aqueles que atuam no Núcleo Comum do 1º segmento.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.

Benjamin, 1994

Capítulo 4

MEMORIAL

Mário Aniceto Corrêa



A palavra morre
Quando é dita,
Alguém diz.
Eu digo que ela começa
A viver
Naquele dia.
Emily Dickinson



Começo a escrita desse memorial a partir de momentos que considero significativos desde o meu nascimento. Sou filho único de Joanna Aniceto Corrêa, mulher negra, que não tinha estudos e estava separada do seu esposo Ilson Joaquim Corrêa. Naquela época, uma mulher separada, não era bem-vista pela sociedade, e por isso era extremamente discriminada. Destemida e confiante, minha mãe resolveu enfrentar todos os desafios e foi trabalhar fora mesmo estando grávida.

Durante toda gestação costurou para uma fábrica de roupas e esse percurso durou até o dia do meu nascimento que ocorreu no dia 11 de outubro de 1961, no bairro de Marechal Hermes, subúrbio do Rio de Janeiro. O parto foi realizado em nossa casa com ajuda de uma parteira. Naquela época as famílias mais humildes não tinham condições de se tratar em hospitais e em geral, as crianças nasciam em casa.

Como admiro a garra de minha mãe! Sou muito grato pela educação que recebi tanto dela quanto de minha avó. Minha mãe trabalhou durante toda a minha infância, e com isso fui criado praticamente pela minha avó Abigail Santos, que também era uma mulher negra e analfabeta, mas que incentivava muito os filhos e os netos a estudarem.

Com a vontade da minha mãe e incentivo da minha avó ela voltou a estudar. Apesar de ter uma idade avançada e um filho para criar, conseguiu se empenhar e terminar seus estudos, formando-se em Ciências Contábeis. Ainda no período acadêmico, prestou concurso para um cargo de Agente Administrativo no Ministério da Marinha, conseguindo uma das vagas, permanecendo empregada até a sua aposentadoria.

Mesmo tendo sido criado por minha avó, eu e minha mãe sempre estivemos juntos. Me casei com a Solange da Silva Fraga e tivemos dois filhos Saulo e Esther, mas sempre estivemos ao lado de minha mãe. Convivemos em paz e harmonia durante muitos anos, até o dia de sua morte que ocorreu em dezembro do ano de 2015.

Os primeiros contatos que tive com uma escola, foi em março de 1968. Tinha seis anos e fui matriculado por minha mãe, na Escola Municipal Santos Dumont. Essa escola está localizada no bairro de Marechal Hermes, na cidade do Rio de Janeiro. Essa escola era pública e ficava bem próxima da nossa casa. Lembro-me da alegria de conhecer a escola, novos colegas e a minha primeira professora que se chamava Dona Maria Tereza.

Toda minha trajetória do antigo primário, foi com a mesma professora; da 1ª a 4ª série, hoje chamado de 1º ao 5º ano de escolaridade. Lembro-me que só tive uma única professora para todas as matérias e que ela era muito exigente em matéria de aprendizagens e disciplina. Eu tinha um pouco de medo, pois ela fazia uma

cara muito feia para aqueles alunos que desobedeciam ou fugiam daquelas regras que eram impostas. Não era o meu caso, porque segundo minha mãe e minha avó, eu sempre fui um aluno comportado.

Toda semana Dona Maria Tereza fazia uma arrumação diferente na sala de aula, e sempre colocava nas primeiras fileiras os alunos que tinham tirado notas baixas nos testes e provas, ou aquele que tinha um comportamento fora dos padrões exigidos por ela.

Na hora da entrada, os alunos entravam em forma uniformizados para cantar o Hino Nacional enquanto da bandeira era hasteada, e a cada dia da semana cantávamos um hino diferente: um dia era o Nacional, no outro o da Bandeira, e nas sextas feiras cantávamos uma canção saudando a escola e a professora.

Lembro-me também que no início de cada aula tínhamos que escrever em um caderno deitado o cabeçalho com o nome da escola, meu nome, o nome da professora e a data. A cada caderno utilizado era preciso escrever antes da tarefa o chamado cabeçalho. Nossa turma era bem grande e todo ano éramos convidados a tirar uma foto de lembrança daquele ano da turma.

Imagem 1: turma da 1ª série primária na Escola Santos Dumont



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Continuei meus estudos nesta escola, até o final do Ginásio, mas na 7ª série fui reprovado, mesmo assim, permaneci na mesma escola até a 8ª série que era o final de todo curso ginásial. Fiquei reprovado justamente em Matemática, matéria que eu tanto gostava. Mas não deixei me abalar e fui em frente e no ano de 1978, com o término do Ginásio ingressei no Colégio Itu localizado no bairro de Bento Ribeiro, no curso técnico em Química no turno da manhã.

Com meus 17 anos prestes a completar os 18 chegou a hora de me alistar. Decidi pela Aeronáutica. E foi assim que iniciei minha carreira militar. No curso técnico foi preciso me transferir para o turno da noite, pois durante o dia estava em serviço. E, com muito sacrifício consegui concluir o curso técnico de Química, no ano de 1980.

Exatamente no dia 14 de julho de 1980 finalmente início a minha jornada militar no Parque de Material Aeronáutico do Galeão, unidade esta em que permaneci por toda a minha carreira militar durante esses trinta anos de serviço. Trabalhei em diversos setores da área de manutenção de aeronaves tipo, Hercules (C 130), e outras existentes na Fab. Já com um vasto conhecimento que adquiri nesses anos, mais uma vez fui transferido de setor saindo da manutenção e indo trabalhar no setor de Controle de ordens de serviço setores estes em que tive grandes experiências e satisfação em ter trabalhado para uma nação chamada Brasil.

No período que estive como soldado nunca desisti dos estudos, tinha vontade de crescer. Então, por influência de minha mãe comecei a estudar aos sábados Radiologia, isso ocorreu por um período de 1 ano. Consegui conciliar os horários do curso inclusive fazendo concomitantemente, o estágio no hospital Carlos Chagas, fazendo um plantão de 24 horas por um período de seis meses.

Naquela época Radiologia era uma profissão que estava em alta no mercado de trabalho e com uma grande facilidade de emprego, pois ainda não estava seguro na Aeronáutica. Então, com o término do curso, tentei uma transferência para trabalhar no hospital da Aeronáutica, no setor de Radiologia, o que infelizmente foi negada pela minha chefia.

Nesse meio tempo apareceu a oportunidade fazer o curso para Cabo que me direcionou a ficar na Aeronáutica e seguir a carreira militar. Feliz com o ingresso na carreira militar e com muita determinação, resolvi cursar uma faculdade, prestei vestibular para a universidade Nuno Lisboa. Fui classificado no curso de Engenharia Eletrônica e depois de oito períodos cursados, resolvi trancar a matrícula.

No ano de 1999 após de três anos, retornei aos estudos na UNISUAM, dessa vez fiz opção pelo curso de licenciatura em Matemática, como já havia feito algumas matérias na antiga faculdade, consegui isenção em várias matérias relativas à graduação em Matemática, cursando apenas as matérias relativas à parte pedagógica, concluindo em dezembro de 2000. Em seguida, ingressei em uma pós-graduação em educação Matemática na mesma universidade onde havia cursado a Graduação. Percebi que era esse o caminho de estudo e aperfeiçoamento que procurava.

Durante essa trajetória de estudo e trabalho, o teatro estava sempre presente em minha vida. Sempre gostei muito de assistir peças teatrais. Assistia pelo

menos duas a três peças por mês. Naquela época era socio da Câmara de Artes que enviava várias peças em cartaz com descontos e até mesmo ingressos gratuito, para assistir aos espetáculos.

Mesmo gostando muito de teatro nunca me imaginei atuando em um palco teatral, pois me considero uma pessoa muito tímida em relação a se apresentar em público. Então, vejo na rede social um curso de teatro no centro do Rio de Janeiro, perguntei para minha filha se ela gostaria de fazer o curso de teatro e ela aceitou. Fui até o curso e fiz a matrícula dela, porém a secretária do curso me perguntou se eu também não teria interesse em me matricular também. Falei para ela que não, pois me sentias envergonhado. Mas como sempre gostei de teatro, resolvi encarar o desafio e, por incrível que possa parecer, a minha primeira peça teatral sendo mostrada para um público foi com um figurino seminu só com um lençol, depois dessa peça, passei a gostar mais e mais do teatro e procurando a me aperfeiçoar ainda mais.

Continuei no curso e com isso fiz várias amizades. Conheci alguns atores que me convidaram para fazer uma peça de teatro sobre a história da vida de Santa Rita de Cassia. Fizemos uma bela apresentação no teatro Princesa Isabel em Copacabana, e após essa apresentação, ingressei em outro curso de teatro desta vez na FAETEC.

Gostei de participar dessas peças e após concluir o curso, surgiu a oportunidade de fazer outro curso pelo Pronatec. O curso seria totalmente gratuito e seria ministrado pela universidade Estácio de Sá. E assim, no ano seguinte ingresso no curso de Pós- graduação em Artes Cênicas pela Universidade Estácio de Sá.

No ano de 2014, com minha filha estudando no Colégio Brigadeiro Newton Braga, recebi um convite para trabalhar como inspetor no colégio. Resolvi aceitar e fui selecionado para trabalhar no turno da manhã com as crianças dos Anos Iniciais. Mas como nem tudo são flores, nesse mesmo ano, minha mãe adoeceu, vindo a falecer em dezembro.

Prossigui no colégio, na mesma função de inspetor dos Anos Iniciais, passando por várias coordenações. As crianças eram minhas parceiras. Atuando nesse espaço, procurava ajudar em tudo, principalmente quando era necessário a construção de cenários para as festividades do segmento. O tempo todo eu era chamado pela Coordenação e pelas professoras para auxiliar na ornamentação e ajustes pedagógicos na sala de aula ou nas festas que ocorriam na escola. Também tive a oportunidade de realizar brincadeiras e vários jogos com as crianças enquanto aguardávamos a chegada ou a troca de professores nas salas de aula.

Enquanto inspetor, estava sempre próximo das crianças em tudo o que acontecia com elas e sempre sabia do que estava acontecendo tanto no lar quanto

na escola. Por várias vezes sentava-me ao lado delas e ouvia suas lamentações, trazendo um certo conforto externo para elas. O carinho que sempre recebi das crianças, dos pais e das professoras me confortavam o coração.

Eu não sabia que essas minhas atitudes estavam sendo observadas pela Coordenadora dos Anos Iniciais de 2018. Para minha surpresa, ela me fez um convite para atuar na sala de recursos que estava em construção. Eu seria mediador de alguns alunos portadores de necessidades especiais. De imediato aceitei o convite e comecei a mediar testes e provas com essas crianças. Percebi que precisava de um novo estudo e mais aprofundamento para que pudesse contribuir ainda mais com esses alunos.

Porém, estávamos em um momento bem difícil na escola com falta de muitos professores e havia uma turma de 4º ano de escolaridade sem aulas por vários dias e para a minha surpresa fui convidado a lecionar para essa turma. Tinha a Graduação em Matemática e Artes Cênicas e por isso era habilitado a atuar como professor.

Confesso que fiquei um pouco receoso, porque apesar de estar acostumado a lidar com as crianças e ter a formação necessária, nunca tinha atuado diretamente em sala de aula. A Coordenação me solicitou os Diplomas e procurou a direção. Apresentou meus documentos de Habilitação e eu fui direcionado ao cargo de Professor dos Anos Iniciais. Hoje continuo lecionando para as crianças do 5º ano de escolaridade e me sinto feliz pela oportunidade que me foi ofertada.

Imediatamente ingressei no Grupo de Estudos criado por essa Coordenação, chamado “Grupo de estudos e pesquisas Práticas e Saberes Docentes: os Anos Iniciais em foco” e comecei a estudar e escrever sobre a minha trajetória e práticas, junto com os demais professores. Nós, os professores que atuamos nos Anos Iniciais, nos encontramos uma vez por semana no espaço do Colégio e priorizamos nossos estudos para o currículo que é praticado. Fazemos leituras teóricas e dialogamos com a nossa própria prática. O grupo de professores me acolheu muito bem e a cada dia percebo que estou me tornando um professor melhor, com mais experiência.

A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido.

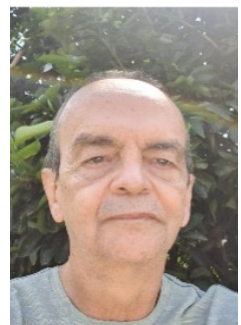
Walter Benjamin



Capítulo 5

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Luiz Otávio Ebendinger Martins



Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar onde ela floresceu.

Ecléia Bosi



Considero que minha trajetória de vida e escolarização foi sempre cercada por uma base familiar que tanto eu quanto as minhas três irmãs tivemos na infância, a partir dos ensinamentos dos nossos pais. Eles sempre buscaram nos ensinar o sentido da responsabilidade social que tínhamos a partir das nossas ações, durante a vida cotidiana.

Tive uma infância bem simples, onde até os nossos aniversários eram comemorados com almoço em família cujo prato principal era o frango. Porém, destaco o quanto era feliz podendo ter contato direto com a natureza. As plantas e os animais sempre estiveram presentes em minha vida. Acredito que minhas escolhas profissionais tiveram início desde o meu olhar curioso e atento sobre as ciências da natureza desde a minha infância.

Iniciei minha trajetória escolar no antigo Jardim de Infância no clube GREIP (Grêmio Recreativo do IAPI¹ da Penha) que ficava localizado na Penha. Meu pai era presidente desse clube e tinha somente uma turma de Jardim, onde fui matriculado. Não me recordo se fui alfabetizado nesse Jardim de infância. Confesso não me lembrar com clareza sobre esse período da minha escolarização.

Lembro-me somente que todo o meu primário, ginásio e antigo 2º grau foi realizado em escola pública. No primeiro grau estudei na Escola Eurico Gaspar Dutra, que também fica no bairro da Penha. Essa escola é bem antiga e conhecida. E, ainda hoje funciona com maestria nesse bairro.

Vivi com minha família até os meus quatorze anos em um conjunto habitacional que fica no IAPI da Penha, no Rio de Janeiro. Porém, depois de alguns anos, mudamos para a casa da minha avó paterna, que fica no bairro da Tijuca, também no Rio de Janeiro.

A convivência entre a minha mãe e avó era muito agradável. Ela era considerada uma filha. Apesar de ter quatro filhos homens e duas mulheres, minha avó escolheu morar com a família do meu pai por causa dessa relação maternal que ela tinha com a minha mãe e também porque não gostaria de morar sozinha.

Com essa mudança de bairro e meu ingresso no antigo 2º grau, precisei mudar de escola. Fiz o segundo grau, hoje chamado de Ensino Médio na Escola Estadual Orsina da Fonseca e posteriormente fiz o vestibular, cursando o bacharelado e licenciatura, em Ciências Biológicas, na Fundação Souza Marques.

No ano de 1974 ingressei no Serviço Público em um cargo administrativo. Tinha como meta principal pagar os meus estudos. Atuei em uma farmácia de Dispensação em um posto de saúde que ficava dentro do antigo INAMPS. Essa experiência foi extremamente rica em minha trajetória, posto que ela me ofereceu a oportunidade de lidar com questões que antes não havia lidado. Eram experiências

1 IAPI significa Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, fundado no ano de 1936.

voltadas para questões sociais e que me direcionavam para ações que estavam diretamente ligadas as políticas públicas.

No ano de 1978 fiz concurso público para ser professor da rede Estadual de ensino, no Rio de Janeiro. Fui aprovado e depois de algum tempo direcionado para trabalhar na Escola Estadual Barão de Itacurussá, na Tijuca, no mesmo bairro em que eu morava.

Fui professor de sala de aula nessa escola até o ano de 1990 quando fui eleito por meus pares para ser Diretor Geral, ocupando esse cargo até o ano de 1995. Essa foi uma nova experiência, mas muito significativa em minha vida, posto que lidei diretamente com a administração do estado e com pessoas de toda a comunidade escolar.

Considero a minha característica mais marcante ser solidário com o meu próximo. Esses ensinamentos aprendi com meus pais desde a infância e procuro o tempo todo ser sensível ao que acontece com o outro, oferecendo sempre que possível minhas contribuições. Ao assumir o novo cargo, percebi que ser diretor envolve estar sempre disponível e solidário com sua equipe e com o próximo.

Tendo em vista todo meu envolvimento com a direção, cursei uma Especialização em Administração Escolar, na Universidade Castelo Branco. Escolhi esse curso porque percebi que ele estaria contribuindo com as necessidades cotidianas e sociais que o cargo de diretor exigia, além de me ajudar nas tomadas de decisões que faziam parte das exigências de um cargo de diretor.

No ano de 1979, fui convidado para trabalhar por contrato, no Colégio Brigadeiro Newton Braga. A professora de Biologia entrou de licença maternidade e eu a substituí. Porém, no ano de 1981 fiz o concurso público e me tornei professor efetivo do colégio, atuando como professor de Biologia, mas dessa vez como professor efetivo da casa. Estive no cargo de Coordenador de Biologia de 1993 até 1996.

Ainda no ano de 1996 ocupei o cargo de Diretor Administrativo do colégio sendo eleito por meus pares no ano de 1998 para ser o Diretor Geral do CBNB, cargo que ocupei com muito orgulho até o ano de 2016.

Ainda atuando na Escola Estadual Barão de Itacurussá e no Colégio Brigadeiro Newton Braga, precisei pedir exoneração do Estado, posto que precisei mudar meu regime de trabalho para dedicação exclusiva e, assim me dedicar integralmente as atividades do CBNB.

A partir das percepções com o trabalho que estava desenvolvendo no CBNB, busquei me especializar em um curso que estivesse bem próximo das questões voltadas para o social. Encontrei na PUC/Rio um curso de Especialização em Educação Ambiental. Fiz o curso completo me aprofundando principalmente no tema: a construção da identidade masculina em um contexto cultural e educacional. Fiz minha monografia a partir desse tema que envolve as relações sociais.

Na PUC/Rio tive a oportunidade de participar de alguns eventos e congressos voltados para essa temática. Destaco o V Congresso Ibero Americano de Educação Ambiental, porque tive a oportunidade de apresentar um trabalho, além de ouvir, discutir, aprender e aprofundar estudos relacionados com o tema que estava pesquisando.

Desejando ingressar no curso de Mestrado, procurei uma professora doutora, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e solicitei participar do grupo de pesquisa que ela coordenava. Fiz algumas disciplinas como aluno especial de disciplinas isoladas no Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES). As disciplinas cursadas foram: 1-Temas de Pesquisa em Educação; 2- Imagem, Sexualidade e Gênero: um diálogo com a educação; 3- Sociologia do Conhecimento Científico; 4- Comunicação em Educação e Saúde.

Cursar essas disciplinas foi de crucial importância, posto que as mesmas além de enriquecerem meus conhecimentos, me ajudaram na construção do meu projeto de pesquisa. Cursar o Mestrado será um novo desafio, onde vou procurar enriquecer meus conhecimentos, aprender os caminhos metodológicos da pesquisa, além de me desenvolver no meio acadêmico.

Hoje continuo ativo em minhas atividades no Colégio Brigadeiro Newton Braga, mas na parte administrativa do Colégio. Solicitei deixar o cargo de Diretor Geral por razões particulares, mas por conhecer de perto alguns procedimentos administrativos ligados aos professores civis, no momento estou atuando nesse setor.

Também faço parte da Comissão Permanente do Magistério da Aeronáutica (COPEMA) e dos professores que fazem parte do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPESAD) do Colégio Brigadeiro Newton Braga. É um grupo formado por Doutores, Mestres e Especialistas que estão interessados em estudar e dialogar sobre as demandas educativas do colégio, principalmente as que envolvem o currículo que vem sendo praticado.

Para finalizar esse memorial, trazemos utilizamos os apontamentos de Ana Maria Machado quando afirma que biografias constituem gênero literário e fonte histórica. Conhecer essas vidas é de suma importância porque contribuirá para a construção do futuro e para a elaboração da identidade cultural.

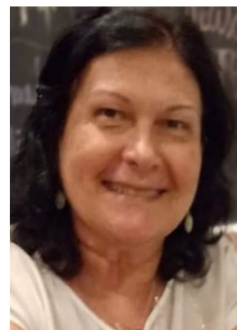
E, nesse contexto Benjamin nos oferece a oportunidade de utilizar a narrativa como uma via privilegiada que nos auxilia o tempo todo na articulação da história com a vida cotidiana.



Capítulo 6

MEMORIAL: TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Zulmira Maria Marques de Pinho



“Utilizei a retrospectiva da memória e reparei que fatos pontuais, em determinadas fases da minha trajetória, ficaram cravados em mim.”



Inicialmente, ressalto que tanto meu pai quanto minha mãe, nascidos em pequenas aldeias ao Norte de Portugal, distantes da cidade mais próxima, não frequentaram o ambiente escolar. Alfabetizaram-se minimamente, por esforço próprio, mas sempre enalteciam a importância do estudo, “pois o saber é muito bonito” palavras do meu amado pai. A cobrança de ser uma boa estudante era muito maior devido ao fato de ser a primeira brasileira na família, servindo de exemplo para meu irmão e os primos mais novos.

Tive a oportunidade de estudar a partir dos cinco anos de idade, em escola particular próxima a minha residência, até à admissão, seguindo para o antigo ginásio (década de 70), depois segui estudando na rede pública municipal e estadual, onde tive ótimos professores. Desde pequena gostava de estudar como se estivesse dando aula, falando em voz alta e explicando os conteúdos, também adorava ler e escrever.

Optei em realizar Vestibular CESGRANRIO em 1980 para Enfermagem na Escola de Enfermagem Ana Néri (EEAN), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Obtive aprovação, concluindo a Graduação e Habilitação em Enfermagem Obstétrica em 1984. Prestar Assistência de Enfermagem à mulher, no seu ciclo grávido-puerperal, realizar os partos, além dos cuidados ao recém-nascido, me gratificava como profissional, mas muito mais, como ser humano. A maternidade para mim sempre foi algo do Sagrado.

Realizei concurso público DASP para o Hospital Clementino Fraga Filho (Hospital do Fundão) da UFRJ em 1984, tendo sido aprovada, mas não classificada para as vagas oferecidas. Posteriormente, o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) convocou a lista dos aprovados no concurso e, em abril de 1985, estava sendo admitida e lotada no então Hospital Geral de Bonsucesso (HGB). Inicialmente, trabalhei no horário da tarde, diariamente, na Pediatria, onde havia vaga para este horário, uma vez que estava cursando a Licenciatura em Enfermagem, na Faculdade de Educação da UFRJ, na Urca, no período da manhã, em 1985.

Assim que terminei a Licenciatura, fui convidada pela Coordenadora do Curso de Complementação em Técnico de Enfermagem da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, na Tijuca, para lecionar no horário noturno, pois era destinado aos auxiliares de enfermagem que atuavam na área e que, devido à nova lei do exercício profissional, necessitavam da complementação de carga horária e de conteúdos, em algumas disciplinas, para obterem o título de técnicos. Foi um grande desafio para mim, em início de carreira do magistério, oferecendo conhecimento para profissionais com anos de atuação e, em sua maioria, com idades superiores a minha. Ao final, foi uma grande troca de conhecimento e experiência, sendo inesquecível de fato.

Em 1986, pedi para trabalhar no horário da manhã, continuando na Pediatria, mas me tornei a responsável pela Enfermaria 31, como era chamada, onde havia 10 leitos para crianças de até três meses de idade, em tratamento de saúde. Algumas tinham necessidade de permanecer em incubadora, com suporte de oxigênio. Senti como um desafio, pois lidava com a tenra idade adoecida e os pais e mães sofridos, bem diferente da alegria do momento do parto/nascimento.

Em 1987, recebi o convite, da Chefe Geral do Serviço de Enfermagem do HGB, para ser sua Assistente, cargo de Substituta da Chefia Geral, o que me causou surpresa na entrevista pelo fato de estar a apenas dois anos no HGB. Sempre gostei da parte de planejamento e organização do serviço de Enfermagem, tendo tido excelentes notas na disciplina de Administração em Enfermagem na EEAN. Minha atuação na Enfermaria 31 também foi de elogio, por parte da chefia médica.

Permaneci, até 1989, como Assistente. A Chefia Geral mudou e, embora convidada a continuar, preferi sair e solicitei atuar no ambulatório de Pediatria, onde sabia necessitar da presença de uma Enfermeira. Organizei o atendimento nas diferentes especialidades, orientando nos cuidados básicos de saúde.

Por motivos de ordem pessoal, de doença da minha mãe, solicitei minha remoção do HGB para o Posto de Assistência Médica (PAM) da Ilha do Governador, bairro este onde minha mãe e eu tínhamos nossas residências, próximas. E assim, iniciei no chamado PAM da Unidade Bancários, onde havia o atendimento Materno-Infantil na época. Realizei Projeto de Consulta de Enfermagem tanto no Pré-natal (para aquelas em primeira gestação) quanto na Puericultura (para mães de primeiro filho), tendo sido bem aceito e colocado em prática. Além de realizar palestras em sala de espera com temas de importância sobre prevenção e promoção de saúde.

No final de 1995, tomei conhecimento de concurso público para o Magistério, no então Ministério da Aeronáutica, Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), no bairro do Galeão, onde existia o Curso Técnico de Enfermagem. Concorri para as três vagas existentes e fui aprovada nas provas de títulos, de conhecimentos e aula prática. Iniciei em 1996. Escolhi lecionar a disciplina de Fundamentos de Enfermagem (técnicas e procedimentos), por amar ensinar o desenvolvimento das técnicas e saber da importância dos cuidados a serem observados.

Assim, passei a trabalhar como Enfermeira e concomitante como Professora. Realizei meu sonho profissional das duas atuações, o que me gratificavam intimamente e também por ter dois cargos públicos que podiam ser conciliados na carga horária.

Nesta época, o Diretor Geral do PAM Ilha do Governador, considerando minha habilitação em Enfermagem Obstétrica, me designou como Assistente II da Divisão Médico-Assistencial para ser Coordenadora do Programa da Mulher do

Posto dos Bancários. Experiência excelente para organizar o atendimento Médico e de Enfermagem desde a Ginecologia até a Obstetrícia. Aproveitei para criar Protocolos Internos de Consulta de Enfermagem para entrega de resultados de exame do Preventivo Ginecológico e também da Consulta de Enfermagem da Gestante, com realização da anamnese e solicitação dos exames laboratoriais iniciais. Também participei da criação do Programa de Assistência Integral ao Adolescente (AIA).

No ano de 1998, assumi a Coordenação do Curso Técnico de Enfermagem do CBNB, onde permaneci até 2004. Conciliava a Coordenação com a Sala de aula, pois não queria me afastar do convívio direto com os alunos, com o processo de ensino-aprendizagem. Foi gratificante vivenciar a chegada de pessoas leigas na profissão e ver a conclusão como profissionais para o mercado de trabalho. Jovens sendo aprovados em concursos públicos nas diferentes Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), no Corpo de Bombeiros, na Polícia Militar e nas Instituições Municipais, Estaduais e Federais.

No ano 2000, a Unidade foi municipalizada e se tornou independente oficialmente, denominando-se Posto de Saúde Madre Teresa de Calcutá (PS MTC) e eu designada para ser a Chefe de Enfermagem, tendo permanecido até 2002. Realizei levantamento da necessidade de recursos humanos para o quadro da Enfermagem, com vistas ao desenvolvimento de ações básicas de saúde. Solicitei e fui atendida integralmente pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS), reforçando a qualidade do atendimento prestado. Criei planta física da Central de Material e Esterilização (CME) a ser criada e o fluxograma de artigos médicos e odontológicos a serem esterilizados.

Ao solicitar meu desligamento da Chefia de Enfermagem criei, junto a uma médica ginecologista, o Programa do Planejamento Familiar na Unidade, muito necessário para palestras de orientações aos diferentes métodos contraceptivos e posterior escolha do método a ser dispensado na própria unidade, com o devido acompanhamento, tanto para as mulheres quanto para os homens em idade fértil. Também pude participar do Programa de Controle do Tabagismo, onde percebi o quanto a parte emocional está intimamente relacionada às situações de fissuras e de recaídas no uso do cigarro. Permaneci como Enfermeira responsável pela CME do PS MTC até 2012.

Solicitei minha remoção de retorno ao, agora denominado, Hospital Federal de Bonsucesso (HFB) por não estar satisfeita, em pensar em solicitar minha aposentadoria por trinta anos de serviço, na condição de cedida à SMS. Era muito desconfortável chegar à Rua México, no Ministério da Saúde, enquanto servidor federal e ouvir que estava cedida e deveria me dirigir ao órgão da gestão. Assim, me apresentei na Chefia do Serviço de Enfermagem do HFB e fui muito bem acolhida e

encaminhada para atuar na CME do HFB, como Enfermeira Diarista. Senti um enorme alívio e prazer, em estar de volta, onde iniciei minha atuação como Enfermeira. Minha aposentadoria foi publicada em outubro de 2015.

Em relação ao Colégio, de 2004 até fevereiro de 2011, permaneci em sala de aula, ministrando aulas teóricas e práticas, com grande satisfação e empenho.

Após uma cirurgia da tireoide, sofri comprometimento da minha corda vocal direita, realizando tratamento fisioterápico e fonoaudiológico por dois anos para recuperação da voz.

Retornei em 2013, como professora readaptada por problema na voz. Auxiliei, dando suporte, na parte administrativa e em 2015 assumi a Coordenação do Curso Técnico de Enfermagem, pela segunda vez, até início de 2018, quando solicitei meu desligamento do Curso.

Solicitaram minha atuação junto ao Centro de Memória do CBNB, na organização do acervo e arquivamento de documentos, fotos, vídeos de eventos. Tarefa diferenciada, mas que me preenche na tarefa de planejamento e organização, da qual muito me agrada.

Vale ressaltar e deixar registrado que, sempre, ao tomar conhecimento de seminário, congresso, simpósio, colóquios e cursos, dos quais me interessavam, procurava participar para estar atualizada e capacitada dentro da minha área de atuação.

Realizei o Curso de Especialização em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem, pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), concluído em 2005.

A perspectiva de realizar um Curso de Mestrado (Pós-graduação *stricto sensu*) parecia muito distante diante de tantas tarefas a serem desempenhadas nas vinte e quatro horas do dia, divididas entre ser filha de pai e mãe idosos, mãe de uma filha jovem e dois vínculos empregatícios a cumprir. Até que surgiu uma incentivadora no CBNB – Professora Doutora Jussara Cassiano Nascimento – que criou um Grupo de Estudos e Pesquisa Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD) para dar motivação as leituras, escritas e pesquisas, nos incentivando a dar mais um passo na trajetória docente.

Assim, comecei a estudar e me preparar para a seleção de uma vaga no Mestrado Profissional. Iniciei na UNISUAM, em 2023 no segundo semestre, no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, título muito atual e importante para o engajamento e transformação no local em que atuamos e vivemos, com vista a contribuir para a melhoria do entorno.

Reconheço-me como uma pessoa séria, responsável, perfeccionista e muito reservada, na minha forma de viver, seja na vida pessoal como na profissio-

nal. Se por um lado me faz bem os resultados alcançados, ao longo da minha total perseverança em vencer os obstáculos, também só eu sei o quanto me custou na parte emocional tantos desafios a enfrentar.

Ao longo dos trinta anos na atuação, como Enfermeira, muito aprendizado do ser humano e realização na busca de uma melhor assistência ao semelhante.

Da mesma forma, como Professora de Enfermagem, tanto em sala de aula como nos campos de estágio ou, até mesmo, nos meus relatos de experiências adquiridas, sinto que consegui fazer um bom trabalho, no campo do aprendizado dos alunos, tanto na atuação de Enfermagem quanto no campo da humanização do cuidado.

Agora como Mestranda, uma vez mais me empenho em desempenhar algo novo e reconfortante ao meu ideal a ser alcançado.

Gratidão aos que me ajudaram e apoiaram ao longo da minha trajetória, como também aos que, por alguma razão, colocaram obstáculos ou dificuldades que me fortaleceram na caminhada.

Hoje, sinto no íntimo a paz do dever cumprido, dentro das áreas de Enfermagem e da Educação escolhidas, pois dei o melhor de mim, além da realização alcançada nos objetivos traçados na minha mocidade.

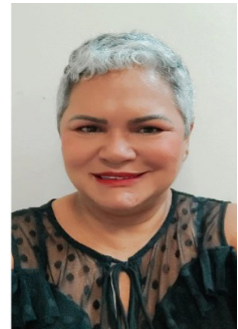
Começar e recomeçar sempre que necessário na busca da paz interior!!!



Capítulo 7

MEU BANCO DE DADOS, MINHAS MEMÓRIAS

Maria Julia Nunes



“Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertencço. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.”

Walter Benjamin.



A vida é um caminho e um caminhar cheio de momentos, fatos e memórias. Puxar pelas lembranças é algo que traz naturalmente emoções variadas; algumas certamente deliciosas, saudosas, outras nem tanto. Mas é fato que toda experiência vivida merece ser narrada, uma vez que lembrar pode funcionar como terapia para a cura da alma e serve ainda, como contribuição para que outras pessoas se sintam estimuladas a contar suas histórias. Sim, todos deixamos em nosso trajeto marcas, saberes e fazeres que contribuem para definir ou caracterizar nossa personalidade, bem como, nossa contribuição para com os nossos semelhantes e com a sociedade em geral.

A cada dia que nos relacionamos com outras pessoas, seja no seio familiar, trabalho ou em outros lugares, estamos aprendendo e enriquecendo nossos conhecimentos. Nesse processo de interação com o outro conversamos, trocamos, aprendemos e ensinamos e dessa maneira, produzindo novos saberes. Esse processo de crescimento e fortalecimento do ser humano, da pessoa, é um percurso educativo, conduz a formação. Nesse sentido Dominicé (1986), afirma que a formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento que se encontra no cerne da identidade pessoal (Dominicé, 1986).

Nesse caminhar da vida trilhamos percursos muitas vezes desafiadores, que nos tornam mais fortes e capazes de perceber a dimensão gigantesca que é conviver com os diferentes de nós, em espaços variados, que possibilitam novos aprendizados e saberes que só advêm da capacidade que temos de nos relacionar, de aprender com os outros e nessa interação aprendemos e construímos conhecimentos que nos tornam seres aprendentes e cooperativos. O bom desse percurso é que, seja no círculo familiar, no ambiente de trabalho ou nos espaços coletivos, estamos fortalecendo nosso currículo, e não se trata apenas do currículo lattes, diria mesmo que é aquele currículo cotidiano, que não encontramos nos livros, plataformas, mas no fazer diário, nas conversas de esquina, no café com os colegas, lugares ricos de aprendizados únicos.

É na memória que encontramos recordações, afetos e desafetos que ao resgatá-los nos permite adentrar nas emoções, nos conflitos e também nas experiências vivenciadas. Nesse momento, nessa imersão surgem também alguns conflitos acerca do que registrar, como compartilhar nossas dores e nossos amores, nossa caminhada desde a educação infantil até a chegada na vida profissional como educadora. Diante desse desafio, alguns fatos ficarão ocultos, seguirei relatando as vivências em seções a seguir. Início narrando aspectos de minha infância, período de grandes aprendizados em meio às dificuldades de uma infância regada pela luta contra a pobreza e a escassez de oportunidades.

PRIMEIROS PASSOS

Nascida no 1º dia de julho do ano de 1971, recebi o nome Julia, segundo meu avô materno, era uma homenagem ao mês de julho, considerado importante devido ao São João e às boiadas, festas tradicionais na baixada maranhense; além de período de grande fartura: colheita do milho, do arroz que tradicionalmente é cortado, torrado em forno e socado no pilão, chamado de arroz novo; uma verdadeira iguaria para os baixadeiros como são chamados aqueles que nascem a oeste e sudeste da Ilha de Upaon-Açu (São Luís), formada por grandes planícies baixas que alagam na época das chuvas.

Dessa fase da minha infância guardo muitas memórias afetivas, como, o melhor ovo batido do mundo. Se trata de bater em cuia de cabaça as gemas de ovos caipira com bastante açúcar e raspas de limão até virar um creme cheiroso e consistente que meu tio Antônio colocava farinha e distribuía uma colherada na palma das nossas mãos. Lembro-me também de comer camapum, nome de origem indígena (*physalis pubescens*), hoje reconhecida como de grande valor nutritivo. Uma frutinha nativa da Amazônia, amarelada e doce que eu pegava na roça e comia com farinha enquanto esperava no tijupá, uma espécie de palhoça, minha mãe e meu padrasto terminar o serviço de capina da roça. Naquela época, a vida no inferior do Maranhão tinha seus percalços, não tínhamos bolsas de programas assistências e nosso lanche era aquilo que se extraía da natureza, tipo: manga verde com sal, maracujá do mato, ingá, palmito, macaúba, verdadeiras delícias que matavam a fome e nos ensinavam a conviver harmoniosamente com o meio ambiente.

O início no mundo da alfabetização foi em uma casinha de sapê. Nessa época frequentei uma escola tipo comunitária, de taipa (coberta de palha) com grandes bancos de madeira. Lá a sala era mista, com meninas e meninos de tamanhos e idades variadas. Foi onde fui alfabetizada ainda no sistema da palmatória e por uma professora de apelido Margarida, não ela não era uma flor. Nunca esqueço certa comparação que ela fez entre mim e uma garota de melhor poder aquisitivo após uma briga de criança entre nós, quando ela disse que a menina deveria deixar pra lá, porque filho de urubu não levantava voo, nesse caso, “urubu” se referindo a mim e minha família. Coisas do passado, ainda bem. Talvez não fosse culpa dela e sim daquele sistema de educação do campo, do atraso e da precariedade que a educação infantil conviveu durante décadas. Que Deus a perdoe, porque eu já a perdoei. Certo é que aquela menina voou e chegou longe, onde as vezes ainda se pega pensando eu consegui, gratidão meu Deus!

Passado aquela fase pueril, veio uma oportunidade de sair daquele interior chamado Mata Praga, não, não me perguntem por que desse nome, mas, está registrado na minha certidão de nascimento, nascida em Mata Praga, Município de

São Vicente Ferrer. Na minha casa os adultos eram quase todos analfabetos, inclusive minha mãe. Contudo minha mãe se desdobrava para que eu e meus irmãos frequentássemos a escola do pequeno povoado vizinho.

Trazida para morar e estudar na casa de padrinhos, na capital São Luís; vivi momentos que se fosse hoje seria caso de polícia. Mandaram fazer um banquinho de madeira para eu subir e alcançar as louças na pia para lavá-las. Bonecas não tinha. Ia a feira da Liberdade, um bairro conhecido e famoso pela violência. Vinha carregando sacolas de coisas da barraca do meu padrinho, não tinha tamanho, mas tinha uma força incomum, já lutava bravamente pela sobrevivência, por oportunidades. Enfim, algum tempo depois chegou aos ouvidos da minha mãe essa situação, ela me levou de volta pra casa.

Volto a morar em São Luís numa segunda tentativa de estudar, e novamente morando na casa de parentes. Nesse intervalo, eu estava super atrasada nos estudos e fui fazer a 1ª série com 11 anos. Era um novo momento, contudo ainda passava pelo crivo do trabalho infantil, sutil, velado, mas real e também pelo assédio sexual, sim aquele tipo que acontece no seio da família, por pessoa que se apresenta como teu protetor, quando na verdade quer te abusar, se aproveitar da tua infância e da ingenuidade dessa fase da vida das meninas; prática muito comum no interior de vários estados do Brasil.

O trabalho infantil doméstico principalmente das meninas é o pior tipo de exploração, por ocorrer de forma invisível, silenciosa e altamente prejudicial, envolvendo uma considerável cifra oculta por ocorrer em contexto familiar e se justificar como trabalho auxiliar. Essa triste realidade se encontra descrita nas palavras de Custódio; Moreira (2015) quando diz:

“Assim, no Brasil, as idades mínimas permitidas seriam de catorze anos para o trabalho de aprendiz, mediante regime próprio conforme a Lei 10.097, de 15 de dezembro de 2000, e de dezesseis anos para o trabalho adolescente, seguindo requisitos necessários. [...] Qualquer trabalho que não respeite esses limites é considerado trabalho infantil”

Termino o ensino fundamental menor, já uma moça me sentindo triste em frequentar aulas com crianças bem menores que eu. Além disso precisava deixar aquele lugar que já não era mais agradável e nem saudável para mim. Resolvi trabalhar em casa de família, como doméstica, haja vista não ter mais desejo de voltar a morar na casa da minha mãe no interior e agora com uma nova realidade; decidi fazer supletivo para minimizar essa defasagem de tempo, mesmo ficando aquém dos conteúdos e habilidades daquele ciclo.

NOVOS ARES NA TERRA DE JORGE AMADO

Tive muita sorte e iniciei essa etapa com pai(trões), sim uma família que me acolheu e logo percebeu minha vontade de crescer, de aprender. Como eu ainda era menor de idade eles buscaram os caminhos da Lei e pediram na justiça um termo de posse e guarda. Com a autorização da minha mãe tudo ficou acordado e então eis que eles foram trabalhar na Bahia, em uma cidade pequena chamada Teofilândia e claro fui com eles para enfrentar mais esse desafio. Lá havia exploração de Mina de ouro pela Vale do Rio Doce, empresa onde meu pai(trão) trabalhava e a qual passei a ser considerada como depende dele. Assim pude estudar no Colégio Pitágoras, sistema de ensino que atendia de forma excelente filhos e dependentes dos funcionários da empresa.

Passei a ter plano de saúde, odontológico e direito a passagem aérea nas férias para visitar a família em São Luís. Era um benefício que a empresa oferecia aos seus colaboradores e familiares. A vida ganhava novos ares e eu vivia um mundo novo. Era como se eu tivesse nascido de novo, ganhado novos pais, nova educação e hábitos. Eu sabia que não era filha, era funcionária daquela família, mas tratada com muito respeito, com humanidade e recebendo benefícios nunca imaginados por mim. Me agarrei a todas as oportunidades e diante das deficiências no aprendizado, busquei todo recurso oferecido pela equipe pedagógica da escola, além do meu esforço individual para conseguir manter meu compromisso com as tarefas do trabalho doméstico, agora remunerado e as atividades escolares, bem difíceis diga-se de passagem.

Como boa nordestina vim, vivi e venci. Acordei centenas de vezes as 4h da manhã para estudar e ao sair para a escola já deixava tudo adiantado para o almoço. Não podia decepcionar aqueles que estavam me salvando da difícil realidade que eu vinha. Deu certo, concluí o Ensino Médio e fiz meu primeiro vestibular para a Faculdade de Educação de Serrinha, cidade vizinha. Passei em 1º lugar para o curso de pedagogia, fato que foi extremamente comemorado por todos, inclusive merecedora de faixa na entrada da cidade e da escola com meu nome. Foi no Pitágoras que conheci pessoas incríveis, pelas quais tenho muita gratidão. Um professor maravilhoso, paciente e incentivador de física o Léio, hoje meu amigo; a Geisa, hoje minha comadre e irmã de alma, a Dinuzzo, médica e minha amiga, pessoas que sempre pude contar para superar as dificuldades nos estudos e para compartilhar momentos maravilhosos na vida.

Quando já estava no 3º período da faculdade, voltamos a morar em São Luís e transferi meu curso para a Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, onde me formei em uma bela festa. No último período quando precisei fazer estágio, já não conseguia conciliar os estudos com o trabalho doméstico. Foi então que tive

que tomar uma difícil decisão; deixar aquela casa, aquela família que já era também a minha segunda família. Posso assegurar que as experiências ali vividas me conferiam uma segunda faculdade. Choramos juntos minha partida, mas sabíamos que era para eu viver uma nova etapa, para meu crescimento pessoal e profissional.

Foi nesse período que ao viajar para fazer uma pesquisa e conhecer a cidade histórica e turística de Alcântara, fiquei sabendo que haveria concurso para a Escola Caminho das Estrelas, uma escola assistencial, Federal dentro do Centro de Lançamento de Alcântara/ MA, que atendia filhos de funcionários Civis e Militares.

NO CAMINHO DAS ESTRELAS O SOL NASCE PARA TODOS

Iniciava minha vida profissional. Era o 1º concurso para aquela escola. Fiz a prova e fui classificada em 1º lugar das 4 vagas oferecidas para o ensino Fundamental, Anos Iniciais. Começava minha trajetória rumo a educação pública e minha jornada na carreira EBTT, Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Aeronáutica. A ECE, como é carinhosamente conhecida, é uma escola considerada de fato, mas não de direito uma localidade especial, devido a difícil missão de chegar até lá. Imagine a professora ter que pegar um barco ou catamarã, navegar por mais ou menos 1h30 min, em uma das maiores marés do mundo, ou ter que em dias de maré quebrada, quando não é possível as embarcações chegarem até Alcântara, ter que ir de avião da FAB em voo de 12 a 15 minutos, ou mesmo pegando uma balsa, chama ferry boat e viajar em alto mar por aproximadamente 2h. Parece sul real, mas é assim que tenho trabalhado durante 25 anos.

Essa longa jornada me possibilitou trilhar além do cotidiano da sala de aula, outras experiências. Exerci Cargos Comissionados de Coordenação Escolar por dois períodos 2007/2008 e 2013/2014, além de Gestão Escolar 2017/2018. Participei de bancas de seletivo para professores civis e militares, de comissões como COPEMA e CPPD, entre outras. Desenvolvi e ou participei de belíssimos projetos pedagógicos como o “Projeto Interdisciplinar Nas Raízes da Mandioca” um projeto em cooperação com a Escola Tenente Rego Barros em Belém do Pará, onde os alunos com melhor desempenho na execução do mesmo foram beneficiados com um intercâmbio para conhecer e dialogar com alunos do mesmo ciclo sobre a importância, os produtos e a herança indígena dessa poderosa raiz.

Pela primeira vez alunos dos anos iniciais saíram da ECE rumo a Belém levados pelo avião Caravan e recebidos por um Brigadeiro com hospedagem, alimentação e passeios por conta do comando, oportunizando aos alunos viajar de avião, meio de transporte que para a maioria dos alunos daquela cidade é apenas visto no alto, no céu. Nunca esqueço o depoimento de uma das alunas quando me disse: “Professora hoje é nosso dia de princesa, temos até motorista abrindo a porta

do carro para nós”, são aprendizados e ensinamentos que nenhum dinheiro pagaria e tive a coragem e o desprendimento de elaborar esse projeto que para alguns colegas de trabalho da época era uma ideia maluca, impossível de realizar. Tantas histórias, alegrias, decepções, amizades, aprendizados, enfim, vivências que me fortaleceram como pessoa e como educadora das quais tenho muito orgulho de fazer parte e está agora compartilhando.

Minha relação com a comunidade alcantarensense e com a Escola Caminho das Estrelas é tão intensa que morei na Vila Tapireí, Vila Militar próxima a escola por duas vezes e por essa razão coloquei meus filhos para estudar na ECE, prova da confiança que tinha naquela que é sem dúvida nenhuma a melhor Escola Pública de Ensino Fundamental do Município de Alcântara/MA.

Uma vez fui desafiada por uma certa professora em uma das especializações que fiz a pensar uma frase sobre algo ou alguma coisa que eu achasse importante, eu escrevi: “Para mim o Sol é algo incrível, pois ele nasce para todos” e expliquei que o sol é democrático, ao amanhecer nasce para todos, embora nem todos alcancem seus raios e ao entardecer se põe igualmente para todos. Assim luto para que a educação desenvolvida na ECE chegue para todos, seja justa, equitativa e inclusiva e que os reflexos dessa educação se espalhem para além-mar.

Nesse intervalo me casei, tive dois lindos filhos, hoje homens. Perdi para a violência, o meu grande amor e pai do meu filho mais novo. Contudo renasci, me recriei. Hoje tenho outro relacionamento, e muita sede de viver, de aprender e ensinar.

SALVA PELA EDUCAÇÃO

Essa sede que me move me trouxe três pós-graduações a nível de especialização: Psicopedagogia pela UCAM- Universidade Cândido Mendes/RJ. Gestão e Supervisão Escolar pela FACAM- Faculdade do Maranhão e Gestão Educacional pela Faculdade Integrada Potencial – FIP/SP. Aos 52 anos estou cursando um Mestrado Em Meio Ambiente pelo CEUMA- Centro Universitário do Maranhão.

Até chegar aqui fui convidada a participar do GEPSAD, Grupo de Estudos e Pesquisas, Práticas e Saberes Docentes criado e coordenado pela Professora Doutora Jussara Cassiano Nascimento, do CBNB, Colégio Brigadeiro Newton Braga. Após minha entrada nesse grupo, nunca mais fui a mesma. As discussões, estudos e trocas entre professores das três escolas assistenciais da FAB, me fizeram perceber que havia muito que ser contado, compartilhado. Foi assim, através desses encontros de professores que surgiu a ideia de escrever uma coleção de livros que narrasse nossas práticas e projetos do cotidiano escolar. Essas narrativas se fortalecem na fala da própria organizadora da coleção, Nascimento (2019), quando diz: “Não podemos deixar de sinalizar o quanto o registro dessas narrativas

pedagógicas contribui com a formação continuada dessas professoras que ao narrarem o vivido, junto aos seus pares, a partir das trocas, das conversas e dos diálogos, procuram compartilhar fatos e acontecimentos oriundos do cotidiano escolar, contribuindo para que o professor se sensibilize e reveja suas ações, mas em uma perspectiva reflexiva sobre a prática” (Nascimento, 2019).

Quando escrevi meu primeiro capítulo já estava no volume 2 da coleção e hoje estamos trabalhando para lançar o volume 6. Escrever capítulos para esses livros possibilitaram uma visibilidade na comunidade escolar e local nunca imaginada. Organizamos lançamento, com autógrafos, coquetel para convidados, alunos e pais de alunos, autoridades locais como prefeitos, enfim algo grandioso e que trouxe uma contribuição pedagógica e um engajamento cultural maravilhoso para mim e para as demais professoras envolvidas. No Volume 4 tive a honra de ser convidada a ser uma das organizadoras do livro, fato ainda mais marcante para minha carreira no mundo da escrita e de produção do conhecimento. Foi o ponto de partida para escrever artigos, capítulos para outros livros, ebooks; pareceres, ou seja, para meu empowerment pedagógico, para a transformação da minha trajetória acadêmica. Concordando com Nóvoa (2023),” Em educação nunca há novidades. Tudo já foi dito ou inventado. Mas há mudanças importantes, dinâmicas de transformação. É preciso repensar o que já se sabe e o que já se faz evitando cair na ilusão de uma “novidade” sem raízes e sem história.

Entrar no mundo da pesquisa científica me trouxe uma certeza; nossa experiência é única, ninguém pode entender ou contar sobre a nossa prática pedagógica do que nós mesmos. Ensinar para os pequenos, escrever e planejar projetos, saberes também é ciência, é pesquisa e isso me deu empoderamento pedagógico, feminino, confiança no meu fazer e ser profissional.



Capítulo 8

MARCOS E DESAFIOS: NARRATIVAS DE MINHAS MEMÓRIAS

Rousiane Damasceno Evangelista



Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo.

Paulo Freire



INTRODUÇÃO

Este memorial tem como propósito esboçar uma síntese significativa da minha trajetória de formação, destacando tanto os aspectos familiares quanto os profissionais. Em busca desse objetivo, empreendi uma reflexão profunda sobre uma série de questões que não apenas conectam meu passado, presente e futuro, mas também estabelecem uma relação intrínseca entre a formação que recebi no seio familiar e aquela que adquiri ao longo de minha carreira profissional. Essa retrospectiva, além de lançar luz sobre meu percurso pessoal, atua como alicerce fundamental para a compreensão de como as experiências vivenciadas moldaram minha identidade, influenciaram as escolhas que delinearam meu caminho e, consequentemente, moldaram a pessoa que sou no momento presente.

Meu nome é Rousiane Damasceno Evangelista, nasci no dia 2 de abril de 1968, em São Luís do Maranhão. Filha de João de Deus Evangelista e Marivanda Damasceno Evangelista, primogênita de uma família de quatro irmãos. Cresci em um ambiente simples, permeado pela calosa vivência familiar, e desde cedo, aprendi valores que moldaram minha personalidade e trajetória.

BASE FAMILIAR E VIVÊNCIA EDUCACIONAL

Minha infância foi marcada por pedaladas de uma bicicleta simples, que me levavam a explorar cada canto da rua onde morávamos, alimentando minha curiosidade e sentido de descoberta. No ambiente acolhedor do lar, minha paixão por brincar com bonecas de papel ganhava vida, eu dava às minhas bonecas uma nova história, cortando e colocando os adesivos de roupas e acessórios enfeitando-as com capricho.

Aos olhos de minha mãe, eu era uma bonequinha, a filha amada, luz que iluminava a família com minha energia e sorriso. A figura de minha mãe permanece como uma presença inestimável de coragem e cuidado. Sua memória ecoa vividamente em minha mente, uma mulher forte que liderava com determinação as decisões da família, proporcionando-nos um porto seguro. Como afirma Alves (2003, p. 58), “memória: um saber que o passado sedimentou. [...] Permitem que andemos pelas trilhas batidas. Mas nada têm a dizer sobre mares desconhecidos.”

Além dela, outra mulher notável em minha história foi minha avó materna, Vó Rosilda. Pequena em estatura, mas colossal em sua capacidade de transformar cada detalhe de nosso modesto lar em um símbolo tangível de afeto e segurança. Suas mãos habilidosas e seu coração generoso ajudaram a moldar as bases do que hoje recordo como um tempo de união.

Meu pai, igualmente presente nas tramas das minhas recordações, emerge como uma figura marcada pela rigidez disciplinar, mas que, ao mesmo tempo,

revelava uma sensibilidade e flexibilidade notáveis, especialmente quando se tratava das vontades de minha mãe. Ele personificava a força e a segurança que permeavam nosso lar. Suas lições de vida, transmitidas com uma mistura única de firmeza e ternura, moldaram-me de maneira profunda, proporcionando alicerces sólidos para a construção do meu caráter. A imagem dele, com sua postura forte e seus gestos de afeto, continua a ecoar como uma influência duradoura em minha jornada.

A simplicidade do nosso lar nunca foi um obstáculo, mas sim a essência que unia nossa família. Foi no seio dessa convivência familiar que eu aprendi os verdadeiros valores que nortearam minha jornada. Desde os primeiros passos, absorvi valores que não apenas moldaram minha personalidade, mas também pavimentaram o caminho que escolhi seguir.

Estudei todo o ensino fundamental em escola pública. Lembranças expressivas do Centro Educacional Benedito Leite, uma escola imponente, localizada no centro da cidade. Considerava o máximo estudar nessa escola, parecia uma catedral, ou um castelo, as escadas de filme de contos de fadas foi um dos atrativos a parte. Claro que, os professores, as aulas práticas de expressão cultural, as salas, o pátio e o teatro.

Ah! O teatro! Espaço físico de socialização, como suas cadeiras de madeira, aguçava minha imaginação. Sonhava em um dia apresentar-me naquele palco, lá fiz amigos que durante um bom tempo compartilhei minha vida.

O Ensino Médio, cursei na Escola Técnica Federal do Maranhão, onde encontrei meu marido. Casamos quando eu tinha apenas 18 anos, e aos 19, fui abençoada com o nascimento de uma linda menina. A chegada de minha filha trouxe um novo significado à minha vida, transformando-me em mãe precocemente e desafiando-me a equilibrar os deveres familiares e os anseios acadêmicos.

Os primeiros anos de minha vida adulta foram dedicados inteiramente à minha família, com o nascimento de mais dois filhos. A jornada materna intensificou-se, e após sete anos veio minha segunda filha, proporcionando uma entrega novamente nos desafios e nas alegrias da maternidade.

Dois anos depois, um novo capítulo se abriu, com a chegada de meu tão desejado filho (menino), completando assim minha jornada como mãe de três filhos amorosos. A maternidade foi uma fase marcante, exigindo dedicação e entrega, mas proporcionando um amor incondicional que moldou minha visão de mundo.

PERCURSO ACADÊMICO E PROFISSIONAL

Quando meus filhos alcançaram certa independência, senti o desejo de retomar minha vida acadêmica. Ingressei na Licenciatura Normal Superior- habili-

tação em magistério para a educação infantil pela Faculdade Atenas Maranhense – FAMA (2005-2008), onde tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos pedagógicos, comprometendo-me a aprender e aprimorar habilidades para melhor educar meus filhos e alunos que ainda estavam por vir.

Durante esse período, apresentei meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o título “A importância da prática pedagógica na Educação Infantil: o caso das escolas municipais”. Um estudo interessante das práticas pedagógicas municipais em relação as crianças na faixa etária de quatro a seis anos.

A busca por conhecimento não parou por aí. Em 2009, concluí minha graduação em Pedagogia, pela Faculdade Atenas Maranhense – FAMA (2007-2009), apresentando meu TCC intitulado “Gestão participativa: efeitos e avanços”, expandindo ainda mais minha compreensão sobre a educação. Um estudo que preconizou a gestão compartilhada em diferentes níveis hierárquicos nas decisões da escola.

Paralelamente, realizei uma Especialização em Gestão Educacional Integradora, realizada, na mesma instituição, entre 2008 e 2009. O equilíbrio entre ser mãe, esposa e educadora moldou-me em uma mulher multifacetada, capaz de enfrentar desafios com resiliência. Cada conquista acadêmica era um testemunho do poder da educação e de meu esforço pessoal.

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E DESAFIOS PESSOAIS

Com base nessa trajetória acadêmica e nas experiências anteriores, de atuação em escolas privadas, ingressei no campo profissional, assumindo a posição desafiadora e enriquecedora de Coordenadora de Educação Básica na Secretaria de Educação do município de Paço do Lumiar - MA, no período de janeiro a setembro de 2009. Este período foi caracterizado por uma imersão intensiva no âmbito da gestão educacional, proporcionando-me a oportunidade de aplicar e expandir os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação.

Nesse papel, as responsabilidades eram vastas, abrangendo desde a supervisão curricular até a implementação de políticas educacionais que visavam aprimorar a qualidade do ensino nas escolas sob minha coordenação. A articulação entre os diferentes níveis de ensino, a gestão de equipes e a interação com docentes, discentes e comunidade foram elementos cruciais que compuseram meu cotidiano profissional.

Destaco a importância da integração de teoria e prática nesse contexto, onde pude aplicar conceitos pedagógicos e estratégias de gestão de maneira efetiva. O embasamento teórico adquirido ao longo de minha formação acadêmica tornou-se uma bússola valiosa, orientando minhas decisões e ações no sentido de promover uma educação de qualidade e alinhada às necessidades locais.

Além disso, a experiência como Coordenadora de Educação Básica permitiu-me aprofundar minha compreensão sobre os desafios específicos enfrentados pela educação pública, especialmente em contextos municipais. A busca por soluções inovadoras, o estímulo à formação continuada de professores e a promoção de práticas pedagógicas inclusivas foram aspectos prioritários durante minha gestão.

Em retrospecto, essa experiência profissional desempenhou um papel fundamental na consolidação de minha identidade profissional como educadora e gestora. A interseção entre a teoria e a prática na educação básica revelou-se uma etapa essencial na minha jornada, moldando meu entendimento sobre a complexidade e o impacto significativo da gestão educacional local.

Dessa forma, a passagem como Coordenadora de Educação Básica em Paço do Lumiar foi um capítulo marcante, permitindo-me não apenas aplicar e aprimorar meus conhecimentos, mas também contribuir efetivamente para o desenvolvimento educacional do município. Essa experiência serviu como uma plataforma sólida para futuros desafios e aprendizados em minha trajetória profissional.

Posteriormente, tornei-me servidora pública federal, pertencente ao quadro de Magistério do Comando da Aeronáutica, na Carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, admitida através da Portaria nº 4969, de 06/08/2010 e publicada no D.O.U nº 152, de 10/08/2010, lotada na Instituição de Ensino intitulada Escola Caminho das Estrelas, como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Na Escola Caminho das Estrelas, desempenhei diversos papéis, desde Diretora de Ensino (2013-2014) até Coordenadora Pedagógica dos Anos Iniciais, nos biênios 2011-2012 e 2017-2018.

Em 2018, vivenciei um divisor de águas em minha vida, marcado pelo doloroso processo de divórcio do meu marido. Este episódio, embora profundamente pessoal, reverberou em diferentes esferas da minha trajetória, demandando resiliência e uma redefinição de papéis. A separação, apesar dos desafios, representou um período crucial de autorreflexão, catalisando um significativo crescimento pessoal.

Em meio aos desafios pessoais, minha carreira como professora dos anos iniciais permaneceu um pilar essencial em minha existência. Com uma dedicação inabalável à educação, encontrei na sala de aula não apenas um local de trabalho, mas um refúgio e uma fonte renovada de propósito. Ao guiar mentes jovens, percebi a importância de ser uma figura inspiradora, transmitindo não só conhecimento acadêmico, mas também valores fundamentais

No âmbito acadêmico, minha jornada como educadora dos anos iniciais foi marcada por um comprometimento constante com a busca por mais conhecimentos. Participei ativamente de cursos, congressos e seminários, buscando in-

cessantemente a atualização e aprimoramento das minhas práticas pedagógicas. A introdução de metodologias inovadoras e a integração de recursos tecnológicos tornaram-se elementos cruciais, refletindo meu empenho na entrega de um ensino significativo, de qualidade.

A habilidade de adaptar-me às mudanças, tanto na esfera pessoal quanto profissional, não só demonstrou minha flexibilidade, mas também minha capacidade de transformar desafios em oportunidades de crescimento. O processo de separação, apesar das adversidades, impulsionou uma fase profunda de autocohecimento, redefinição de metas e reconstrução da minha identidade.

Ao refletir sobre essa fase, reconheço a importância de integrar minhas experiências pessoais ao meu papel como educadora. Minha empatia cresceu, e a compreensão das complexidades da vida se reflete em minha abordagem pedagógica. Em resumo, o divórcio em 2018 não representou apenas um desafio, mas também uma oportunidade transformadora em minha jornada.

No ano seguinte, em 2019, outro marco, agora profissional, assumi a significativa responsabilidade de Diretora Geral de Ensino Interina na Escola Caminho das Estrelas, uma experiência que se estendeu até março de 2020. Esse período foi marcado por transformações substanciais na estrutura de gestão da instituição, visto que a direção da escola transitou definitivamente das mãos de gestores civis para uma administração de cunho militar.

Essa transição trouxe consigo desafios singulares, demandando uma adaptação rápida e eficaz para lidar com as nuances e particularidades da gestão militar na educação. Como Diretora Geral de Ensino Interina, tive o privilégio de liderar uma equipe comprometida de profissionais da educação, entre civis e militares, enfrentando os desafios decorrentes da nova cultura organizacional.

A gestão militar implicou em mudanças significativas nas estratégias pedagógicas, no ambiente escolar e nas relações interpessoais. A hierarquia e a disciplina, características fundamentais da abordagem militar, foram incorporadas às práticas cotidianas, impactando diretamente a dinâmica da escola e as interações entre corpo docente, discente e demais colaboradores.

A busca por uma educação de qualidade manteve-se como o cerne de minha atuação, alinhada agora às diretrizes militares. A ênfase na disciplina, no respeito à hierarquia e no desenvolvimento de valores cívicos tornaram-se elementos essenciais de aprendizagem sobre as diversas formas de condução da educação em ambientes institucionais distintos.

Além disso, o período como Diretora Geral de Ensino Interina durante essa transição permitiu-me compreender a importância da flexibilidade e da comunicação efetiva na condução de mudanças organizacionais. A integração da pers-

pectiva militar com as práticas educacionais convencionais foi um processo desafiador, mas enriquecedor, proporcionando-me uma visão abrangente sobre diferentes abordagens de gestão na educação.

A experiência na Escola Caminho das Estrelas durante esse período foi, sem dúvida, um capítulo marcante em minha trajetória profissional. A transição para uma gestão militar consolidou minha capacidade de liderança adaptável e meu comprometimento com a busca incessante pela excelência educacional. As lições aprendidas nesse contexto continuam a influenciar minha abordagem à gestão educacional, inspirando-me a promover ambientes escolares inclusivos e orientados para o desenvolvimento integral dos alunos.

INICIAÇÃO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS E ORIENTAÇÕES ACADÊMICAS

Consequentemente, minha jornada de busca incessante por conhecimento ganha novos contornos, agora como Mestranda em Meio Ambiente pela Universidade Ceuma – UniCEUMA, (2023-2024). A entrada no programa de mestrado proporcionou-me uma imersão profunda em temas cruciais relacionados ao meio ambiente, enriquecendo minha compreensão sobre as complexidades e desafios enfrentados por questões ambientais impactantes.

A oportunidade de contribuir para a construção do conhecimento nessa área específica é algo que abraço com entusiasmo, alinhando-me aos valores da pesquisa e da preservação ambiental.

Durante esse período, engajei-me em grupos de estudos significativos, como o Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPsAD) e o Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (GPEA). Estas participações não apenas complementam minha formação acadêmica, mas também consolidam minha atuação no universo interdisciplinar que abrange a educação e o meio ambiente.

O GEPsAD proporciona insights valiosos por suas contribuições sobre a teoria do currículo e narrativas de sala de aula, focando a importância da prática e da experiência na educação. Este grupo de estudos tem sido uma fonte constante de inspiração, incentivando-me a explorar novas perspectivas na minha pesquisa e prática profissional.

Minha participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas e Saberes Docentes (GEPsAD) foi fundamental para a expansão de minha atuação acadêmica. Por meio desse grupo, tive a oportunidade de contribuir para a coleção “Cotidiano Escolar” com a publicação de três artigos em capítulos de livro. Essa experiência enriquecedora ocorreu nos volumes 2, 3 e 4 da coleção, cada uma abordando aspectos específicos e relevantes no cenário educacional contemporâneo.

No volume 2 da coleção, intitulado “Cotidiano Escolar: os diferentes saberes nas práticas pedagógicas” (2021), meu artigo focou-se no tema “Estrelas da literatura: um olhar sobre Clarice Lispector”. A pesquisa explorou a influência e a relevância da obra de Clarice Lispector no contexto pedagógico, destacando a importância de incluir em sala de aula o estudo de autores que transcendem as fronteiras literárias convencionais.

Logo no volume 3 da coleção, denominado “Cotidiano Escolar: os diferentes projetos e as práticas pedagógicas” (2022), contribuí com um artigo que abordou uma temática relacionada aos projetos volumosos educacionais. O título do meu (nosso) trabalho foi “Narração das estrelas: práticas pedagógicas na pandemia”, e nele, explorei o universo da arte digital em parcerias com outras Instituições de ensino.

Minha mais recente contribuição ocorreu no volume 4 da coleção intitulada “Cotidiano Escolar: práticas pedagógicas em Colégios Assistenciais” (2023). Nesse contexto, meu artigo, intitulado “A influência indígena no modo de vida alcantareense”, teve como foco a destacada atuação da professora de alfabetização. Ao explorar a atuação da coordenadora pedagógica nos projetos didáticos de sala de aula, busquei ressaltar o papel fundamental da professora da turma do primeiro ano na valorização da rica herança cultural indígena presente no cotidiano da comunidade alcantareense. Propus reflexões sobre estratégias para efetivamente incorporar esses elementos nos contextos educacionais, reconhecendo a importância desses projetos na formação cultural e educacional dos alunos. Lück (2009, p. 21), reafirma que, “neste sentido, a elaboração de um projeto correspondente a um processo de mobilização e promoção de sinergia para a ação organizada e consistente.”

A experiência de contribuir para essa coleção foi além de uma simples publicação; representou uma oportunidade de compartilhar minhas pesquisas e reflexões com a comunidade acadêmica. A interação com colegas de pesquisa no GEPSAD foi fundamental para a construção desses artigos, proporcionando uma troca enriquecedora de ideias e perspectivas.

Da mesma maneira, o GPEA, grupo dedicado à Educação Ambiental, representa um espaço propício para a troca de ideias e aprofundamento teórico sobre como integrar efetivamente questões ambientais no contexto educacional. A interação com colegas e pesquisadores engajados nesse grupo tem sido fundamental para ampliar minha visão sobre o papel da educação na promoção da sustentabilidade.

Minha trajetória como mestranda representa mais uma etapa na minha busca pelo aprimoramento acadêmico e pela contribuição efetiva para a compreensão e preservação do meio ambiente. A participação ativa em grupos de estudos

complementa e enriquece essa jornada, fornecendo uma base sólida para minha atuação na interseção entre educação e meio ambiente.

Assim, sigo empenhada em contribuir para a construção de um corpo de conhecimento relevante e impactante. A interconexão entre a pesquisa, a educação e a preservação ambiental permanecem como meu propósito, impulsionando-me a explorar novas fronteiras e desafios que surgem nesse fascinante campo de estudo.

No âmbito profissional, ao longo dos 13 anos de atuação na Escola Caminho das Estrelas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na cidade de Alcântara, Maranhão, tenho buscado constantemente aprimorar minhas abordagens educacionais. A experiência como gestora e coordenadora pedagógica proporcionou-me uma compreensão abrangente das dinâmicas educacionais, consolidando minha paixão por contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos.

Em resumo, minha trajetória acadêmico-profissional é marcada por desafios superados, aprendizados constantes e a certeza de que a educação é a chave para o desenvolvimento pessoal e social. A jornada é desafiadora, mas a paixão pelo ensino e a crença no poder transformador da educação continuam a guiar meu caminho, para consolidação de meu papel como educadora em inspirar meus alunos a alcançarem seu pleno potencial.

Capítulo 9

CONSTRUINDO MINHA HISTÓRIA: MEMÓRIAS E APRENDIZADOS

Antonio Fábio Malcher Figueiredo



Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin



Ao iniciar este memorial trago na lembrança de minha infância os dias em que meus pais, com muito sacrifício, faziam para manter a família, eu, o quinto de seis filhos, e meus irmãos. Meu pai funcionário público e minha mãe costureira, ele tinha que complementar a renda como pedreiro nos finais de semana, mas para mim que acompanhei alguns finais de semana na obra era muita diversão. Além da família grande, era comum os primos do interior virem para a capital estudar e trabalhar, desta forma minha casa, de 2 quartos, sala e cozinha, chegava a ter quinze pessoas morando, dormíamos em redes espalhadas por toda a casa.

Meu pai apesar de ser uma pessoa simples, sempre me disse que de tudo que poderia nos dar, não faltaria casa, comida, roupa lavada e estudos, pois mesmo não tendo estudo, ele sempre procurou garantir que sempre estivéssemos estudando. Lembro que eu, meu primo Júnior que meu pai criou desde pequeno e minha irmã mais nova, estudávamos eu colégio administrado por freiras e que ficamos por 2 anos na 1ª série porque queríamos ficar na mesma sala. A garantia de estudos nos fez ser perseverantes e com isso todos concluímos o 2º grau, tenho orgulho de todos os meus irmãos, Giovany, hoje doutor em Matemática, Aderson, com duas faculdades Arquitetura e Matemática e hoje Policial Rodoviário Federal, Aylton, Ana, Suely são todo meus exemplos.

A partir da 3ª série mudamos de escola e seguimos em salas diferentes e foi assim que iniciei meus estudos, sempre em escolas públicas. No 2º grau já com 16 anos, estudei em uma escola de formação técnica, fazia eletrônica, deste modo 3 dias da semana estava no Escola Estadual Deodoro de Mendonca e o restante estudava na Escola técnica Estadual Magalhães Barata. Mesmo tendo como foco os estudos, eu e meus irmãos começamos a trabalhar muito cedo e com 14 anos trabalhei em lanchonetes, clubes e lava a jato, mas nunca deixei de estudar. No 3º ano do 2º grau, já com 18 anos, devido à grande falta de professores e achando que tinha um bom emprego (trabalhava em um bar no contraturno do colégio e durante a noite, nos finais de semana, como atendente na lanchonete de uma danceteria), me matriculei em uma escola particular para fazer um convênio (3º ano e cursinho preparatório para o vestibular), mas consegui me manter por pouco tempo e tranquei a matrícula e voltei a escola pública.

Meu último ano em escola pública (1988) não foi dos melhores e certo de que não conseguiria concluir, abandonei a escola me escrevi em concurso público na Marinha do Brasil. Por meu pai, naquela época ser contrário a carreira militar, me escrevi no concurso para soldado Fuzileiro Naval e sem avisar meus familiares fui passando pelas fases do concurso sem nenhum acompanhamento. Após passar por todas as etapas e chegando o momento de me apresentar para o recrutamento (fevereiro de 1989) e como eu iria ficar 2 meses em regime interno, para justificar

minha ausência, avisei somente minha mãe e pedi a ela que não falasse para ninguém, pois eu, como todo adolescente, passava um momento difícil com meu pai, pois ele não aceitava minha ajuda financeira e não nos falávamos com frequência. Após 15 dias de internato, chegava o momento do primeiro domingo de uma hora de visita e como eu não tinha avisado ninguém que estava lá, achava que ninguém viria me visitar, mas com 20 minutos após início da visita, chega minha mãe para a visita. Desse dia em diante pedi a minha mãe que avisasse a todos que eu estava ali, e no domingo seguinte recebi a visita de todos, inclusive de meu pai, um dos momentos mais feliz de minha vida.

No ano seguinte, já como soldado, resolvi concluir meu 2º grau e me matriculei novamente em uma escola particular para concluir os estudos, mas a rotina de soldado não era fácil, muitos serviços noturnos e estudar a noite, depois de um dia estressante de treinamento me deixava muito cansado, mas eu tinha um amigo, soldado Monteiro, que estudava na mesma sala e deste modo fazíamos dias de revezamento para que não perdêssemos as explicações dos professores e deste modo concluímos o 2º grau no Colégio Ernest Rutherford (1990).

Com o intuito de seguir uma carreira militar, começamos neste mesmo ano a estudar para prestar concurso interno para Cabo e novamente foram noites de estudos em grupo, mas a aprovação não veio e um pouco desanimado não estudei no ano seguinte. Em 1991 sem estudar para o concurso interno, fui aprovado e selecionado para o curso em 1992, assim sendo fui transferido para o Rio de Janeiro e fui morar em um kit net dividido com mais dois amigos paraenses. Como não tinha muitos amigos no Rio de Janeiro, me dediquei intensamente aos estudos e no final de 1992 tive a satisfação de ter concluído em 1º lugar o curso de especialização, que me dava com prêmio a aprovação imediata ao curso de sargento, mas naquele mesmo ano recebi também a notícia de falecimento de minha mãe que me deixou muito abatido e desorientado.

Durante o curso de Cabo, conheci um amigo carioca que me convidou para passar o final de semana em sua casa, em São Gonçalo, cidade metropolitana da Grande Rio. Nesses finais de semanas tive a grata satisfação de conhecer uma família simples que me adotou e foram grandes na minha permanência na cidade maravilhosa e entre esses novos amigos, em 1993 conheci minha esposa Flávia, que em 1994 ficamos noivos em uma reunião familiar e em 1995 nos casamos, no ano seguinte iniciei o curso de formação de Sargento.

Apoiado por minha esposa e aproveitando a oportunidade de descontos nas mensalidades para os funcionários públicos, em 1997 iniciei a faculdade de Matemática e como sempre comecei com a dedicação em um curso que eu gostava, mas estudar a noite e passar dias trabalhando com dias de pernoites e viagem

operativas não foram fáceis. Minha formação em Ciências com habilitação em Matemática me proporcionou nos três primeiros semestres disciplinas comuns com Biologia, que me deixaram encantado também por ciência e a ideia de que também na Matemática, podemos fazer experimentos. No último ano de faculdade veio a melhor das notícias, eu seria pai de uma linda menina, Danielle nasceu em 2000 e neste ano muito feliz, conclui a graduação em Matemática.

Sabedor que me trabalho não permitiria e que eu não teria muitas oportunidades de estar em sala de aula como professor de matemática, procurei fazer especializações e parcerias com amigos professores para participar, como amigo da escola, das aulas deles e sim me manter atualizado no meio acadêmico.

No ano de 2004, fui aprovado para a especialização em Instrumentação para o ensino da Matemática, curso organizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em parceria com o Exército Brasileiro, curso semipresencial que concluí com muita satisfação. No último ano do curso, em 2007, fui transferido para Belém, mas meu TCC foi feito e encaminhado pelos correios e aprovado pela banca examinadora da UFF.

Em 2008 iniciei uma nova fase de minha vida, agora em Belém, minha cidade natal, estava com meus familiares, que eu só tinha contatos por cartas e telefonemas que eram realizados nos finais de semana, quando eu ligava para casa de vizinhos e falava com meus irmãos, ou em férias quando eu vinha no início de cada ano, após a uma longa viagem de 3 dias de ônibus pelas estradas esburacadas que ligam as regiões sudeste e norte de nosso Brasil.

Nos quatro anos que estive em Belém, mantive bons relacionamentos na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde meu irmão Giovany era professor e Chefe do Departamento de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) do Instituto de Ciências Exatas e que me proporcionaram conhecer a logística de trabalho para realizar no Estado do Pará, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e trabalhar como coordenador de Centros de Aplicação de provas da 2ª fase da OBMEP, bem como corretor dessas provas e como professor do Programa de Iniciação Científica Júnior (PIC), que seleciona medalhista da OBMEP para participarem do programa, neste período, a cada 15 dias, eu viajava de barco, durante a noite e nos finais de semana para a cidade de Breves na Ilha do Marajó para lecionar no PIC, no polo da UFPA naquela região.

Em 2010 começa minha relação com o Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB), ano em que minha filha iniciou seus estudos no 5º ano no Colégio, vaga cedida pelos bons relacionamentos entre o CTRB e a UFPA, pois era crescente o desempenho dos alunos do CTRB na OBMEP com vários medalhistas a cada ano, motivo de orgulho da comunidade escolar do colégio.

Com o trabalho desenvolvido como coordenador nos centros de aplicação da OBMEP, conheci e mantive bons contatos com professores de várias escolas públicas no Estado, o que me proporcionaram grandes conhecimentos, principalmente na área de educação, ampliando e fortalecendo meu interesse na educação básica, enfatizando os dois ciclos do ensino fundamental.

Como a Marinha do Brasil tem sua sede no Rio de Janeiro, era certo que passado o tempo permitido de permanência fora da sede eu teria que voltar para o Rio e assim, em 2012, volto para a cidade maravilhosa, mas após contatos com o então diretor do Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), Sr. Prof. Luiz Otávio, eu pude matricular minha filha no CBNB e ela continuar os estudos nos colégios de grande prestígio da FAB. Durante essa curta passagem novamente pelo Rio de Janeiro, não tive oportunidades na área de educação, pois com a minha filha estudando no CBNB, vendi minha casa em São Gonçalo e fui morar de aluguel na Ilha do Governador para ficar mais próximo do colégio e do trabalho, no centro da cidade.

Em 2015 fui novamente transferido para Belém e procurei novamente o CTRB para tentar matricular minha filha no Colégio, agora no ensino médio, mas não obtive sucesso. No ano seguinte recebi o convite, do então Supervisor Militar, Coronel Joan, para atuar como professor de matemática do Colégio, para tanto consultei o Comando da Marinha em Belém, quanto a possibilidade de ser indicado para substituir o militar que estava destacado no colégio atuando como inspetor. Após os contatos iniciais fui indicado pelo Com4ºDN para atuar destacado no CTRB e como prometido fui apresentado a Coordenação do Ensino Fundamental I, Profa. Isabel Lopes como professor de Matemática do 5º ano.

Ao iniciar minha trajetória como professor do CTRB, deparei com a maior de minha dificuldade, lecionar para alunos pequenos, mas a equipe pedagógica que atuava naquele seguimento me recebeu de braços abertos e me ajudaram muito. Meu primeiro desafio foi, juntamente com a professora Ana Cardoso, que também atuaria como professora de matemática do 4º ano pela primeira vez, preparar o currículo de matemática, que teria como objetivo, levar aos alunos desses dois últimos anos desse ciclo, uma transição tranquila para o 6º ano, onde em anos anteriores tinham grande dificuldade.

Nesses primeiros anos desenvolvi alguns projetos que me desafiaram como professor, primeiro por que achava que minha missão era ensinar matemática, mas nos Anos Iniciais isso vai muito além, trabalhar interdisciplinarmente me fez perceber que algumas dificuldades no meu componente curricular podem e devem ser supridas com outro componente curricular. Destaco que alguns de meus alunos tinham dificuldades de escrever os números por extenso e assim iniciamos a par-

ceria com a professora Cristina Ledo de produção textual, assim como ao trabalhar grandezas e medidas pude desenvolver o projeto de economia de energia e cuidados com o meio ambiente juntamente com a professora de ciências.

Outro projeto que me desafiou e que tive um excelente resultado foi o desenvolvido dentro do 5º ano com a professora Maria do Carmo de Ciências, que estava fazendo uma pesquisa sobre puberdade e ela pretendia consolidar essa pesquisa, justamente com a matemática, transformamos esses resultados em gráficos e tabelas. Com esses trabalhos iniciais, cada vez mais fui ficando entusiasmado com o ensino nesse ciclo.

Todo esse envolvimento me deixou à vontade para desenvolver outros trabalhos que trouxe reconhecimento por parte da direção e do corpo docente do CTRB, podendo salientar a criação do “Mercadinho Terceirinho”, projeto desenvolvido para os alunos do 3º ano e aplicado por todos os anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, descrito no artigo “O ENSINO DA MATEMÁTICA POR MEIO DO USO DE TECNOLOGIA: um passeio pelo Projeto Mercadinho como estratégia e solução criativa de ensino-aprendizagem” e publicado no volume 2 da coleção COTIDIANO ESCOLAR – os diferentes saberes nas práticas pedagógicas, organizado pela Profa. Dra. Jussara Cassiano Nascimento, bem como na aplicação dos simulados de matemática, que prepara os alunos deste ciclo para participarem das Olimpíadas do Componente Curricular.

Nesse breve período no CTRB, passei pelo maior dos desafios, agora entendido para toda a comunidade escolar, quando em março de 2020 nossas aulas presenciais foram suspensas e tivemos que continuar educando num momento em que o mundo inteiro passava por uma pandemia de COVID e sim, fomos desafiados a transmitir uma educação de qualidade para os nossos alunos. Meu papel, a convite da Chefe da STPA, Tenente Bianca Jardim, por quem tenho grande respeito e gratidão, foi compor a equipe de Tecnologia Educacional para em um pequeno prazo pudéssemos estar em condições de dar prosseguimento ao ano letivo, evitando assim grandes perdas pedagógicas. O CTRB, em aproximadamente 15 dias do fechamento de suas atividades presenciais, iniciou as aulas remotas, começando com a inclusão de todo os alunos e professores no ambiente virtual WEBEX para que logo em seguida migrármos para o ambiente da Microsoft Teams, nos tornando um dos primeiros colégios da rede pública no Pará a estar totalmente inserido nessa nova modalidade de ensino. Em paralelo a esta missão coube também a mim a responsabilidade de capacitar os professores da Escola Caminho das Estrelas situada em Alcântara-MA, para que em um curto prazo, também estivesse inserida no Teams e em um curto período, sobre a coordenação da DIRENS, sediada em Brasília-DF, as três escolas assistências da FAB estavam com todos os professores e alunos capacitados e em pleno funcionamento remoto.

Essa aproximação remota das três escolas da FAB, proporcionou um excelente diálogo e a troca de experiências entre seus corpos docentes, proporcionando encontros quinzenais denominados Grupo de Estudos e Pesquisa, Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD), organizados pela professora Jussara Nascimento do CBNB, onde ouvíamos relatos de experiências e palestras propostas pelo Núcleo de Formação Continuada do CBNB.

Em 2021, com a aprovação da BNCC para o Novo Ensino Médio, fui convidado a participar do grupo de estudo para a elaboração do Componente Curricular Projeto de Vida, que iria compor a grade curricular do CTRB, do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, para ser ministrado a partir do ano seguinte, estudo concluído com aprovação da Direção do CTRB.

Como em toda a carreira militar é chegada a hora de ser transferido para a reserva e em dezembro de 2021, após 33 anos no serviço ativo, saio do CTRB e volto para a Marinha do Brasil onde em fevereiro de 2022 sou transferido para a Reserva da Marinha, mas a carreira de professor, ainda viva, me permitiu solicitar aos comandos das Marinha e Força Aérea, quanto a possibilidade de continuar atuando como professor no CTRB e com a participação também da DIRENS, iniciou-se os contatos necessário para, legalmente, possibilitar a contratação e retorno para o CTRB.

Com a possibilidade de retorno ao CTRB, procurei estar presente nas atividades pedagógicas no colégio, deste modo mantive, quando solicitado, o suporte tecnológico do Teams ao CTRB, bem como auxiliar, quando necessário, na manutenção dos projetos que desenvolvi nesses breves anos como professor do colégio, principalmente no tocante as olimpíadas de matemática no Fundamental – Anos Iniciais, que muito me orgulha a participação dos alunos.

Ainda estando como militar da reserva e atuando como professor em algumas escolas particulares, mantive minha participação no GEPSAD, onde assim continuei me atualizando e me preparando para, se ou quando possível, retornar ao CTRB. Após tratativas entre a direção do Colégio e o Comando da Marinha em Belém, finalmente em junho de 2023, fui contratado como militar prestando Tarefa por Tempo Certo (TTC) e retorno ao CTRB, para novamente atuar como professor do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Ao iniciar esse novo ciclo no CTRB, fui novamente bem recebido pelo atual diretor do CTRB, Cel Int Marçal, pelo Chefe do Departamento de Ensino Cel AV Monteiro e por todos os amigos que sempre me motivaram para continuar atuando como professor.

Por sempre manter estreito laços com os professores do CTRB e atuante no GEPSAD, participei de dois artigos que foram publicados em 2023 no 4º e 5º

volumes da Coleção COTIDIANO ESCOLAR, descrevendo práticas pedagógicas, iniciadas quando ainda estava na ativa e que continuaram sendo desenvolvidas pelos professores que me sucederam.

No 4º volume descrevi, juntamente com o Ten Washington, Ten Afonso e Ten Barbosa, as nossas experiências ao incentivar a participação dos nossos alunos dos Anos Iniciais nas Olimpíadas de Matemática, implementada em 2018 como OBMEP Nível A e estando atualmente como Olimpíadas Mirim. No 5º volume, com a participação do Ten Washington, Ten Amanda e Ten Fabíola, procuramos descrever nossas experiências com alunos com deficiências e/ou necessidades educacionais específicas, apresentando atividades de matemática que nos proporcionou atingir os alunos que apresentavam estas necessidades.

Entre 2016 e 2024, período que estou efetivamente como professor de matemática no CTRB, procurei aumentar minha formação acadêmica e em 2018 obtive minha primeira aprovação, seleção do mestrado profissional em Matemática - PROFMAT na Universidade Federal do Pará (UFPA), participei por um semestre, tive que trancar a matrícula por problemas de saúde, em 2023 minha segunda aprovação, seleção para o mestrado profissional em Ensino de Matemática na Universidade do Estado do Pará (UFPA), que também tive que solicitar o cancelamento da matrícula por incompatibilidade com meu horário de trabalho. Certo que estou seguindo o caminho para atingir meu objetivo e realização profissional, em 2024 obtive a aprovação na seleção para finalmente este ano iniciar o Mestrado Profissional na UFPA.



Capítulo 10

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Bianca de Fátima Fonseca Jardim Pantoja



Tecendo histórias ...construindo narrativas que entrelaçam
vida pessoal e docência.



Revisitar fatos e lembranças, sejam bons ou ruins, envolve um olhar apurado do passado e impregnado das impressões do presente. Neste memorial acadêmico descritivo, ao percorrer minha trajetória como estudante e docente, delinearei o caminho que me trouxe até a experiência atual, por meio das experiências que vivi ao longo deste meu processo de formação pessoal e profissional.

Ao longo de minha trajetória escolar persistiu a dificuldade em compreender por que a escola era um espaço sem graça onde, em vez de aprender sobre as “coisas do mundo”, repetia, boa parte do tempo, conhecimentos totalmente descolados da minha vida. Aos seis anos, recordo-me, principalmente, que eu tinha grande vontade de ir para escola pois minhas quatro irmãs iam, e eu ficava em casa brincando de estudar. Até que com o tempo, chegou o tão sonhado momento, porém, não foi nada como eu esperava, em fase de alfabetização me lembro que eu chorava muito e solicitava para ficar na sala de minhas irmãs, lembro-me de ser alfabetizada pela cartilha da Talita, da qual eu apresentei uma muita dificuldade de “decorar” as sílabas como me era pedido. repetindo várias vezes as palavras e seus fragmentos. Sofria com os estudos em casa, pois, quando não acertava a leitura de alguma palavra, era repreendida por minhas irmãs dizendo pra eu prestar mais atenção. Desde então, pensava ser Professora para ajudar as pessoas, entre caminhos e descaminhos em minha vida, sem dúvida, este desejo de me tornar professora seguiu comigo por toda a minha vida. Ressalto que sempre estudei em escola pública a minha vida toda. Daí passado este primeiro momento, de impacto e transição, ao longo de minha vida na educação básica fui caminhando e na antiga 2ª Série, me deparei com uma Professora na qual excelente na qual eu me apaixonei por seu comprometimento com seus alunos e pela forma como ela ensinava seu nome era Maria José estudei com ela na Escola Luis Nunes direito lá na cidade nova, cursei três séries (2ª ; 3ª e 4ª) com a mesma professora. Ela fazia a diferença em minha vida e acredito que na vida de muitos alunos também, com certeza ela era muito especial.

Escreverás meu nome com todas as letras, com todas as datas e não serei eu. Repetirás o que me ouviste, O que leste de mim, e mostrarás meu retrato e nada disso serei eu. Dirás coisas imaginárias, Invenções sutis, engenhosas teorias -e continuarei ausente. Somos uma difícil unidade, de muitos instantes mínimos e isso seria eu. Mil fragmentos somos [...] (Cecília Meireles/ Biografia)

Refletindo a respeito da minha prática docente considero importante ressaltar que me constituí na profissional que sou hoje, sob diversas influências teóricas e práticas que estudei e vivenciei em minha vida acadêmica e profissional. Fui “marcada “por fatores pessoais, indivíduos que me marcaram positivamente e me inspiraram ao procurarem fazer a diferença na vida de outras pessoas.

Como foi o fato de eu me constitui a mais de 16 anos atrás, foi uma árdua tarefa, eu realizo um sonho desde a minha infância, eu brincada de dar aula, minha vida escolar foi marcada por diversos fatores positivos, e negativos mas eu me recordo de ser atuante, e sonhar ser professora assim como a que tive na 4ª Série, que se mostrava muito receptiva, afetuosa e com uma escuta atenta aos alunos. Outro aspecto que me afetou muito positivamente, foi a experiência na Escola de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro EEI-UFR, onde conheci uma concepção de criança inovadora, como produtora de cultura e construtora de seu conhecimento. Em relação as minhas distintas atuações profissionais em cargos ímpares que ocupei em minha trajetória profissional, sempre busquei refletir a respeito de minhas atuações docentes, para desempenhar as funções com competência técnica, e buscasse sempre me atualizar, por meio das cinco Especializações que cursei e por meio de cursos de formação continuada. Ao me remeter as minhas memórias, no tocante a minha formação inicial, considero importante destacar minha formação no curso de Magistério no Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP.) Onde ao ingressar no Instituto, logo fui pra o campo de trabalho e realizei estágio remunerado até o término do curso e ao me formar, tornei-me professora do Maternal I na “A Casinha Feliz Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental “aquí em Belém. Sobre estes dois alicerces de formação e prática, aprendi muito sobre ter responsabilidade e tratar as crianças com respeito e carinho pois partilhava da concepção de Infância na qual a criança era vista por uma visão romântica de impotência que preconizava a criança como um ser ingênuo, que dependia totalmente do adulto, era o chamado jardim de infância.

O Memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. Deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou. (Severino,1990) O memorial como gênero acadêmico autobiográfico é uma arte onde o profissional pode tecer uma figura pública de si, ao escrever sobre recortes da vida (PASSEGGI, 2008)

Minha formação acadêmica, ocorreu na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ onde cursei Pedagogia Licenciatura Plena em Habilitação Pré-escolar. Na mesma Instituição cursei posteriormente Especialização em Administração Escolar e Docência na Educação Infantil. Em seguida me Especializei em Coordenação e Supervisão na Universidade da Amazônia UNAMA.

Na UFRJ onde o trabalho é desenvolvido sob a tríade de ensino pesquisa e extensão , me despertei para pesquisa acadêmica e entrei para o grupo de pesquisa na UNIRIO nestes encontros dos grupos de Pesquisas dos quais participei FRESTAS Coordenado pela Professora Doutora Adriane Ogeda UNIRIO, ou no GEPEHC Coordenado pela Professora Doutora Sonia Regina UFPA e do que participo até hoje que é o GEPASEA Coordenado pela Professora Doutora Eizabeth Orofino Lúcio IEMCI- UFPA ,as conversas e trocas foram e são , importantes ferramentas de reflexão sobre a prática docente, e principalmente para o enriquecimento das vivências estéticas que eram propostas. Os frutos dos estudos e dos encontros presenciais e virtuais foram muito profícuos, o grupo apresentou trabalhos em vários Congressos, Seminários e encontro de educadores, simpósios entre outros construindo assim, uma linda história no meio acadêmico. No qual eu me interessei em estudar e pesquisar. Nesses eventos eu tive a oportunidade de apresentar alguns trabalhos iniciei com apresentação de pôster, posteriormente passei a relatos de experiências, em parceria com as colegas e sozinha, e depois comecei a me ver e sentir professora com chances de ser pesquisadora e comecei nesse movimento um grupo de professoras vão se emponderando e tornando-se pesquisadoras e comecei a apresentações orais. Vamos entendendo e falando nós mesmas sobre nossa prática e nossas histórias.

Essas histórias que hoje compartilho, fazem parte do que sou, me constituem não só enquanto profissional, mas também como pessoa. Minhas participações nos grupos de pesquisas que participei, Frestas da Professora Doutora Adriane Ogeda da UNIRIO; GEPEHC da UFPA sob a Coordenação da professora Doutora Sonia Regina Teixeira e GEPASEA liderado pela Professora Doutora Eizabeth Orofino e posteriormente, recebo o convite para entrar no GEPSAD coordenado pela Professora Doutora Jussara Nascimento. Em todos os grupos encontrei espaços de trocas diálogos, conhecimentos, aprendizagens e muita pesquisa. Dentre todos os quais participei e alguns os quais ainda participo, são bastante significativos para minha formação como é o caso do GEPASEA E DO GEPSAD.

Buscando um caminho de desenvolvimento profissional proporcionado pelo amplo Currículo de Pedagogia. Formação esta que me proporcionou participar do processo seletivo da Força Aérea Brasileira, na qual me formei “Militar” e passei a atuar na Escola de Ensino Médio e Ensino Fundamental “Tenente Rêgo

Barros” onde recebi um convite desafiador de atuar como Professora Mediadora de um aluno com TEA Transtorno do Espectro Autista, um aluno não verbal e com comorbidade leve transtorno mental. Enveredei para o caminho da inclusão e cursei Psicopedagogia e Educação Especial no CESAP.

Pensando a respeito da minha prática pedagógica em algumas instituições de ensino nas quais me constituí como profissional fundamentada em princípios éticos, e estéticos destaco que ao entrar para a Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ em minha cidade natal, ao cursar a disciplina obrigatória de Prática de Ensino, realizei estágio curricular na “Creche de Educação Infantil da UFRJ Pintando a Infância” local no qual posteriormente fui bolsista e Professora Substituta atuando nas turmas de Jardim I e II. Fui professora Substituta da Faculdade de Educação da UFRJ. E trabalhei na “Escola de Educação Infantil da UFRJ EEI-UFRJ” onde atuei no Berçário Maternal e Jardim II, estas experiências me marcaram profundamente, de forma muito significativa, por que nesta instituição ocorreu a ruptura de um paradigma, (Santos 1979 apud Kuhn) da educação tradicional na qual a criança era considerada um adulto em miniatura mas nesta Instituição, a concepção de infância via a criança como um ser histórico cultural, (Vygostky) produtora de Cultura de pares (Corsaro) e seres que se constituem uns através dos outros (Baktin).

Assim, a criança é considerada potente como constituída e constituinte por meio das relações sociais estabelecidas e experiências vivenciadas. Sendo assim, tive oportunidade de reavaliar minha prática como educadora, passei a compreender a necessidade de ter uma escuta atenta para as crianças e passei a dar voz a elas. Considerei que meu trabalho deveria estar associado com o binômio de educar e cuidar conforme nos revela Guimarães em seus estudos sobre “Relações entre bebês e adultos na Creche o cuidado como ética” nós professores devemos incentivar a expressão dos alunos por meio das múltiplas linguagens, temos que favorecer a convivência entre pares como revela Corsaro e possibilitar o maior número de experiências possíveis para que as crianças possam desenvolver um vasto repertório cultural e linguístico. A base pedagógica da Instituição era sedimentada na Ciência da Educação onde o trabalho docente era marcado pela tríade pesquisa ensino e extensão.

Depois de um tempo no Rio de Janeiro, volto a Belém retorno a casa, Instituição na qual iniciei minha vida profissional “A Casinha Feliz Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental “aqui em Belém não mais como professora e mas como Coordenadora Pedagógica. Experiência muito enriquecedora, pois aprendi muito sobre um trabalho colaborativo entre professores e equipe gestora além da parceria família e escola. Após uns cinco anos nesta mesma função, saí em busca

de outros desafios e resolvi atuar no seguimento do Ensino Fundamental atualmente denominado de Anos Iniciais e em 2017, comecei a trabalhar na “Escola de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros” experiência esta na qual venho vivenciando inúmeros desafios, primeiro pelo fato de desempenhar duas funções ao mesmo tempo o ofício de ser professora e ser militar.

Na ETRB me constituo Professora dos Anos Iniciais, e atuo como Orientadora Pedagógica dos Anos Iniciais, segmento que exige constantemente uma prática dinâmica e diferenciada por se tratar de uma escola tradicionalmente com um padrão de excelência e altos índices de aprovação. O primeiro grande desafio da Instituição, que destaco neste primeiro período na ETRB, foi o fato da cultura organizacional ser conteudista e tradicional, no primeiro ano atuei como professora regente da turma do 2ª Ano do Ensino Fundamental onde gradativamente fui desconstruindo a forma de trabalho previamente estabelecida tradicionalmente entre meus pares e passei a desenvolver um trabalho mais contextualizado com a realidade dos alunos utilizando abordagens e metodologias mais ativas, propondo que eles vissem o erro como construtivo e tomassem consciência do mesmo, não punindo e tirando pontos quando erravam.

Trabalhei com a dinâmica das carteiras em sala usando-as em outra disposição mediante a proposta de trabalho de cada disciplina. Propus trabalhos em grupos e apesar de ter um extenso currículo para cumprir, consegui desenvolvê-lo de forma lúdica com utilização de recursos didáticos e muito incentivo a leitura. Ressalto que nesta turma tive alguns alunos com déficit de aprendizagem, dislexia, TDHA, Tpac este fato me deixou extremamente preocupada, busquei realizar um trabalho que atendesse as demandas específicas desses alunos. Fiz diversas adaptações tanto no currículo, como nas atividades, e provas com intuito de contribuir para o desenvolvimento escolar destas crianças. Este trabalho reverberou em um convite para trabalhar como Professora Mediadora de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), um aluno não verbal que se comunica através da linguagem corporal. O trabalho pedagógico deste aluno com tantas especificidades me conduziu a um desafio constante, e me levou a um trabalho de pesquisa e produção de materiais didáticos e tecnologias assistivas tornando-se um estudo de caso intitulado “Infância e Autismo: reflexões acerca do processo de alfabetização apresentado no GRUPECI no ano de 2018 abrindo meu caminho para o Mestrado Profissional em 2019 nesta renomada Instituição.

Em minha proposta de pesquisa para o mestrado, focalizo minha investigação para um estudo de caso acerca do uso do “Aplicativo e Software Casulo TEA”: Algumas reflexões na construção de interação e comunicação social. O meu recorte de pesquisa foi a respeito do uso da tecnologia assistiva a criação do “Apli-

cativo e do Software casulo TEA” para trabalhar a aprendizagem com alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista), pesquisei se haveria de fato aprendizagem, e como ela ocorria no componente de Ciências sobre o objeto de conhecimento Corpo Humano, Higiene e saúde através de um estudo de caso. “Aprender não é um ato ligado apenas de aquisição de conhecimento formal, mas interfere diretamente na formação psíquica e até física do sujeito (Fernandez, 1990, p.51).

Acreditando no processo de aprendizagem o relacionamento deve ser analisado de forma muito mais ampla e com considerações de cunho mais profundo, indo até o íntimo dos indivíduos envolvidos, por tanto acreditamos que o processo é muito mais importante do que o resultado por si só pois o mesmo pode sofrer alterações e não necessariamente ser absoluto já o processo, se acompanhado e vivenciado transcende e estimula o capital cultural e social do aluno permitindo que o mesmo desenvolva uma aprendizagem mais significativa.

Destaco que a Escola com seu coletivo vem constantemente buscando realizar um trabalho que envolva toda a comunidade escolar para um trabalho de inclusão, e desta forma, tem se mobilizado para ampliar os conhecimentos desta área proporcionando palestras, encontros, reuniões com esta temática “A dificuldade de aprendizagem deve ser analisada sob o prisma de todos os envolvidos no processo, considerando não apenas o meio escolar como também a família, e o meio social em que a criança está inserida” (Malanga 2003 apud Fernandez, 1990)

Ressaltamos que de acordo com Magalhães (2003) o processo de aprendizagem também não se inicia na escola, mas já no nascimento, quando a adaptação ao meio e a sociedade já vai nos requerendo diversos níveis de aprendizagens. Sendo assim, destacamos que o processo de aprendizagem não está restrito ao ambiente escolar, pois todo contexto que a cerca e o modo como se relaciona e sua carga Psíquica também precisam ser levados em consideração daí a responsabilidade da família em atuar em consonância com a escola e seus profissionais. Para Vygotsky o processo ensino e aprendizagem inclui sempre aquele que aprende e a relação entre os que ensinam. Sendo assim, acredito que os professores manifestam dificuldades em atividades de formação, devido não estarem preparados pois a formação inicial por vezes acaba deixando lacunas. Daí a crítica que podemos fazer a estrutura da Universidade e ressalta a necessidade de transformações para que os professores possam se empenhar no ofício com mais propriedade. Pois de acordo com o autor, há necessidade de tornar mais compreensível certas dimensões da produção de conhecimento educacional.

Enquanto formadora procuro fazer um trabalho contextualizado, e dinâmico procurando dar voz aos professores para que possam expressar suas inquietações e que compartilhando experiências possamos nos ajudar mutuamente. Consi-

dero que posso contribuir para melhoria desses processos, refletindo criticamente sobre eles, buscando teorias para fundamentar a minha prática participando de cursos de aperfeiçoamentos e aprimoramento profissional. Para melhorar minha prática e ser de fato uma professora pesquisadora da própria prática, busco pesquisar constantemente e refletir sobre minhas ações pedagógicas. Por meio do grupo de pesquisa GEPSAD Coordenado pela Professora Pós-Doutora Jussara Nascimento e pelo grupo de Pesquisa GEPASEA coordenado pela professora Doutora Elizabeth Orofino Lúcio. Estes dois grupos de pesquisa vêm alicerçando minha base teórica e prática por meio da pesquisa, do ensino e da extensão.

Ressalto que temos encontros periódicos, nos quais realizamos leituras prévias de textos voltados a educação básica, além de algumas formações continuadas de forma remota realizadas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro ou presencial ofertada pela Universidade federal do Pará. Através do Gepasea pude participar, coordenar e organizar diversos eventos como lives sobre Alfabetização, Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita - FALE, participei como palestrante do programa de residência Pedagógica, Implementei juntamente com outra integrante do Gepasea Professora Vanessa Keli Rodrigues de Oliveira e a professora Carla Soares o Clube de Leitura “Tertúlias do Grão Pará” no Colégio Tenente Rêgo Barros, participei da escola de formação jovens Pesquisadores e da Escola de altos estudos.

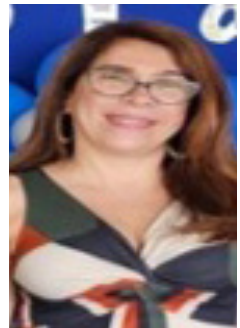
Por meio dos estudos, pesquisas e trabalhos realizados através do GEP-SAD coordenado pela professora Doutora Jussara Nascimento, tive o prazer de ministrar uma formação na qual pude compartilhar minha dissertação de mestrado sobre o Uso da Tecnologia Assistiva: A criação do Aplicativo e do Software “Casulo Tea” e apresentei meu produto educacional: Aplicativo e Software Casulo TEA, voltado para o público com autismo, com objetivo de trabalhar o ensino de ciências de forma inclusiva. Através do grupo de pesquisa GEPSAD, tive a honra de escrever um artigo na coletânea Cotidiano Escolar volume 2, 3 que discorreram sobre o cotidiano escolar, os diferentes projetos e as práticas pedagógicas, o volume 4 atuei na organização juntamente com a professora Jussara Nascimento; professor José Pistilli e com a professora Maria Júlia Nunes, Já no volume 5 pude dialogar e refletir sobre o “Olhar docente sob a tecnologia assistiva em prol do desenvolvimento cognitivo dos alunos com a utilização do “Aplicativo e do Software Casulo TEA”. Desta forma, destaco que sigo buscando minha qualificação profissional por meio de estudos complementares e formações continuadas, pois no futuro próximo pretendo ingressar em um programa de doutoramento para poder aprofundar meus estudos do mestrado, visando um adensamento teórico e prático da pesquisa enquanto professora pesquisadora da própria prática.



Capítulo 11

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Carmen Lúcia Crespo Pinto



“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim não morre jamais.”

Rubem Alves



Filha de Terezinha Delfina Crespo, que muito se preocupava com a educação, os estudos, o crescimento intelectual, a posição da mulher dentro do campo de trabalho e com a independência feminina em todas as esferas – financeira, emocional, profissional, ela sempre teve essa preocupação comigo, porque queria muito estudar e não teve essa oportunidade, pois o pai não a permitiu. Meu avô dizia que mulher deveria aprender a cozinhar, lavar, passar e cuidar da casa. Então, só seus irmãos puderem frequentar a escola. As filhas mulheres, não.

Por isso, antes dos seis anos, a idade para iniciar na antiga classe de alfabetização no município, ela me colocou em uma professora particular para já começar a aprender a ler e escrever. Essa professora de alfabetização me marcou muito. Era uma professora muito querida e eu lembro que, no final do ano, ela ofereceu presentes aos alunos. E eu ganhei uma camiseta cheia de gatinhos vermelhos. Aquilo me marcou muito. Eu tenho a imagem dessa camiseta até hoje. São pequenos gestos que os professores fazem, mas com tanta afetividade, com tanto amor, que marcam toda a vida de uma pessoa.

Passado esse ano, uma experiência extremamente agradável com essa professora particular e os coleguinhas de turma, fui matriculada na Escola Municipal Rotary, na Ilha do Governador – RJ, onde iniciei os meus estudos acadêmicos, com seis anos.

Meus pais, neste período, precisaram sair do local onde morávamos para outro bairro. Então fui transferida para a Escola Municipal Holanda, também na Ilha do Governador. Ao chegar nessa escola, eles olharam o meu material e falaram para minha mãe: “Ah, é uma menina muito cuidada!”. Meu uniforme era impecável. Meu cabelo era liso, escorrido, super escovado. E meus cadernos eram organizados, com a letra muito bonita. A diretora disse para minha mãe que eu devia ir para a turma da professora Íris, para onde eu fui, e tive contato com as professoras Íris, Vera e Valéria.

Ao cursar o 4º Ano, novamente veio aquela preocupação da minha mãe, que buscou o acompanhamento de uma professora particular para mim, porque eu iria para o antigo Ginásio, que atualmente seria o 6º Ano do Ensino Fundamental II. Nessa época, meu sonho era estudar em um colégio em que eu passava em frente e olhava. Era o colégio particular Olavo Bilac. Então, meus pais fizeram um esforço e me matricularam lá.

Foi uma alegria imensa. Havia um espaço e um uniforme diferentes, pessoas distintas, tudo era novo... E a realização de um desejo muito grande em fazer parte disso. Foi nesse colégio que comecei a despontar meu interesse pela arte. Existia uma banda de música, da qual eu fiz parte até terminar o ensino médio. Esse período foi para mim também a primeira formação de professora: o antigo Curso

Normal. Assim, até meus dezessete anos, estudei e participei da banda musical do colégio.

Durante o Curso Normal, tive a oportunidade de ter aulas de teatro, além da literatura. Ali eu me encontrei na interpretação de vários personagens em cena, no palco. E coincidia muito com a atividade do meu pai Waldomiro Tojeiro Crespo, que era zelador de teatro no Rio de Janeiro. Ele trabalhou em importantes teatros como Gláucio Rocha, Rivaldo, Cacilda Becker, e me levava junto. Eu ficava escondidinha, assistindo às peças. Alguns artistas presenteavam meu pai com livros sobre arte. Ele gostava muito, porém, como não sabia ler, levava-os para mim. Eu adorava e já cultivava esse gênero de leitura – sobre arte, literatura, dramaturgia – com muito prazer.

Um pouco mais à frente, ao me formar, fui escolhida como oradora da turma. Já me destacava não só pelas interpretações e atuações nas peças, mas também como aluna, sempre comunicativa nas apresentações de trabalho e nas interações em sala de aula. Nesse momento, tive a honra de ser indicada pelo colégio Olavo Bilac como professora para outra escola.

Então, comecei a trabalhar com 18 anos, lecionando para crianças. Nessa idade, eu trabalhava durante o dia e continuava estudando à noite, no curso de especialização em educação infantil, no colégio Estadual Julia Kubitschek. Após um ano desse curso, ao concluir, continuei lecionando na mesma escola. Ao final do segundo ano nessa escola, surgiu a oportunidade de me submeter a uma entrevista no Colégio Batista Shepard, um colégio convencional no bairro Tijuca. E eu fui com uma colega participar da entrevista com os coordenadores e pedagogos.

Para minha surpresa, recebi em uma carta o comunicado de que eu havia sido selecionada para o cargo. Fiquei muito feliz. Ao final do ano, pedi demissão ao colégio que lecionava e, no ano seguinte, comecei a trabalhar efetivamente no Batista Shepard.

Nesse novo espaço escolar, dentro do campus, havia o seminário Batista Teológico do Sul do Brasil, onde passei dois anos estudando em um curso técnico de música. Depois, apliquei-me em um vestibular para Educação Artística, licenciatura em Música. Eis aqui, meu ingresso no Conservatório da faculdade UNISUAM, na qual estudei durante quatro anos.

Enquanto cursava o terceiro ano da faculdade, o colégio em que trabalhava me convidou a migrar da sala de aula com as turmas da educação infantil para lecionar Música. Nesse tempo, eu ministrava aulas para as turmas de educação infantil e para as de alfabetização, além das do 1º ano do ensino fundamental.

Ao completar a formação universitária, o colégio me convidou para trabalhar no segundo segmento com as turmas de 6º, 7º e 8º anos. Além disso, nesse

período, a coordenadora de Artes me chamou para desenvolver em parceria o projeto “Música na escola” com metalofones, instrumentos de percussão melódicos. Para mim foi uma experiência fantástica, porque a professora Ana Cristina Ribeiro da Silva foi uma excelente coordenadora e companheira de projeto. Aprendi tanto com ela, como professora de música, como artista e com as nossas apresentações.

Tivemos o privilégio de atuar juntas no colégio Batista Shepard, que sempre valorizou muito as artes e todas as iniciativas artísticas. Assim, tínhamos uma sala de música para cada segmento do colégio com piano, uma sala de artes visuais, e uma sala de teatro. E os estudantes passavam por essas três linguagens, quão rica fora a experiência desse projeto.

Durante esse período que estive no colégio e no término da universidade, após um ano formada, apliquei-me em um concurso para o município do Rio de Janeiro, no qual fui aprovada e comecei a dar aulas no colégio municipal em Santa Cruz. Permaneci lá por dois anos, dando aulas de música, enquanto seguia lecionando no colégio Batista Shepard.

Diferente do colégio Batista, na escola em Santa Cruz não havia materiais nem salas específicas para o estudo. Ao final de dois anos, atuante nessa escola do município e com um pouco mais de prática e experiência, vivenciando a diversidade dos estudantes nesse outro ambiente, eu me encontrava na sala de uma queridíssima professora de música que marcou muito minha vida. Yara Dias deu-me aulas na universidade e, quando terminei a faculdade, continuei meus estudos de piano com ela, em sua residência.

Foi então que, em uma dessas aulas, ela comentou comigo sobre um concurso que haveria na Aeronáutica. A vaga era para lecionar no colégio Brigadeiro Newton Braga. E falou sobre uma outra aluna que tinha se formado há um semestre, a Aninha, que também iria se aplicar a esse concurso. Até brinquei com a professora: “Ah, esse concurso é muito difícil! Não é para mim, não... Ainda mais que a Aninha vai fazer! Uma vaga já é dela.”.

Esse concurso acontecia de dez em dez anos e, para aquele ano, só havia duas vagas. Mas, com o estímulo da professora Yara, lembrando-me do valor da experiência e do aprendizado que poderiam ser conquistados, saí da aula, fui direto ao colégio me informar e já me inscrevi no tal do concurso. Naquele momento, pensei comigo: “Bom, agora que estou inscrita, vou me preparar.”. Comecei com o apoio das professoras Yara e Ana Cristina, além da ajuda da professora de teatro do colégio Batista Shepard, pois no concurso eram exigidas todas as linguagens – além da música – nas várias provas.

Quando chegou o dia da primeira prova, para minha surpresa, encontrei uma professora da faculdade concorrendo à vaga. Fomos realizando as etapas

das provas, em que muitos candidatos foram eliminados, até o momento em que haveria uma prova em formato de aula. Então, nesta última prova, os organizadores sortearam o conteúdo vinte e quatro horas antes. Além disso, uma canção do livro “O Cancioneiro de Villa Lobos”, com a qual deveríamos trabalhar integrando o conteúdo ao ensino da canção.

Eu não tinha tal livro – fundamental para o preparo da prova na etapa final. Ao falar com a professora Yara, ela me indicou que fosse à biblioteca do colégio, onde provavelmente eu encontraria esse cancioneiro. E lá eu fui. Ao entrar no colégio, deparei-me com a professora Mônica, que havia ido ao colégio para sortear o conteúdo dela para a prova. Também me perguntou se eu estava indo lá para isso. Respondi-lhe que não, pois já havia sorteado, porém não tinha o livro indicado para estudar a música, que era “O Anel”. Lembro-me bem do título da música até hoje!

Então a professora Mônica, que já era doutora, prontamente, sem me conhecer, ofereceu: “Eu tenho na minha casa, vamos até lá buscar! Você pode pegar o livro e tirar uma cópia da música para estudar e dar sua aula amanhã.”. Eu fiquei encantada com aquela disponibilidade e tamanha generosidade em ajudar uma pessoa desconhecida. Gesto esse que a professora da universidade, que também estava concorrendo à seleção, não teve para comigo, mesmo tendo o livro.

Lembro-me como se fosse hoje: entrei no carro dela, um fusca beje, e fomos até a sua casa. Eu perguntei se ela gostaria de ficar com a minha identidade, enquanto eu levaria o livro para a cópia, e ela nem isso: “Que nada, imagina!”. Fiz a cópia, devolvi o livro e lhe agradei muito. Só me restava ir para casa estudar.

Naquele dia, então, passei horas e horas dando aula sozinha – como na minha infância. Contudo, quando criança, eu dava aula para as bonecas. Ali, eu estava dando aulas no meu quarto, imaginando uma turma de alunos. Estudei e treinei bastante a música, pois já tinha o meu piano, fruto de muito trabalho e economias.

Nessa época, eu já dava aulas com o projeto “Música na escola com metalofones”, no colégio Batista Shepard. Então, pedi à diretora o metalofone emprestado e, no dia seguinte, na prova aula, eu o levei. Expliquei à banca, quatro professores dos quais apenas um era do estado do RJ, e dei a minha aula.

Nessa época, estavam na moda as casas de bingo. Eu fiz a minha aula tirando o tom com o instrumento. As outras candidatas – éramos seis nesta etapa final – levaram teclado, caixa de som, etc. E eu, como não tinha carro, falei aos alunos imaginários que, como eles sabiam, a professora não tinha carro, então nós íamos cantar tirando o tom com o metalofone – um instrumento pequeno que dava para carregar na bolsa.

Assim, ensinei a música e trabalhei o conteúdo sorteado para mim: ritmo. Em seguida, fiz uma avaliação da aula com um bingo, no qual eu convoquei a banca

para participar. Eu batia o ritmo e eles deveriam descobrir se dentro da cartela de cada um havia aquele ritmo – se sim, deveriam marcá-lo. O vencedor ganharia um prêmio que eu tinha levado. A banca participou como se fossem realmente alunos. E ao terminar minha aula, cinquenta minutos cravados, eles estavam encantados. Fizeram-me várias perguntas.

Nessa época, eu ainda não tinha nem especialização, pois havia sido selecionada no colégio municipal logo que terminei a faculdade, concomitante ao trabalho no colégio particular Batista Shepard. E, para minha surpresa, passei em segundo lugar neste concurso da Aeronáutica, com a nota 99 na prova de aula. Em primeiro lugar passou a professora Dr^a Mônica, quem me emprestou o livro do cancionero. E a minha professora da universidade não passou. Isso provocou um grande burburinho nos corredores da universidade – eu só fui saber um pouco depois. Sou grata a professora Yara Dias por incentivar a fazer o concurso e principalmente, fazer-me acreditar que era possível quando temos um propósito e Deus confirma nossos sonhos.

Dali em diante, começou a minha jornada no colégio militar Brigadeiro Newton Braga. Junto a isso, tive a oportunidade de pedir minha transferência do município de Santa Cruz para a Ilha do Governador. E fui trabalhar no colégio municipal Brigadeiro Eduardo Gomes. As pessoas brincavam comigo que eu era “a professora dos brigadeiros”.

Chegando no colégio municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, propus à direção realizarmos o mesmo projeto que eu desenvolvia com a professora Ana Cristina no colégio Batista Shepard, desde que a escola comprasse os instrumentos. Assim, a diretora acreditou no projeto e abraçou a proposta, comprando a metade dos metalofones necessários para as aulas. Nós tínhamos quarenta alunos em sala de aula, portanto ela providenciou vinte unidades. Foi aí que chegou uma nova professora de música: Lilian Maria Neves Leite. E ela foi para mim uma parceira maravilhosa, assim como a Ana Cristina.

Na caminhada como professora de música, tive a felicidade de ter por perto essas duas professoras, pessoas maravilhosas com quem aprendi muito e com quem compartilhei minha vida. Tornaram-se grandes amigas, para além da profissão: amigas íntimas, companheiras e irmãs. E o são até hoje. Por isso, minha ênfase em trazê-las também neste registro tão importante de minha biografia.

Juntas, desenvolvemos um projeto no 5º ano, que começava com as canções folclóricas. Eu trabalhava com o 5º e o 6º anos e a professora Lilian, com o 7º e o 8º, até chegar no 8º ano tocando as músicas eruditas. Então, eles tocavam Mozart, Beethoven, entre outros, nas apresentações. E, a partir dessas apresentações começamos a sermos conhecidas e reconhecidas tanto pelo município como por

entidades, tal como o Rotary Clube. Ao apresentarmos o nosso trabalho, o Rotary da Alemanha se interessou e doou quarenta instrumentos – metalofones – novos para o colégio, além de realizar uma entrevista conosco. Assim, estava garantido o instrumento a todos os alunos. Porque a arte é também sobre a criatividade a serviço da inclusão, fazer e multiplicar algo de bom com aquilo que já temos.

Nesse momento, pedi demissão do colégio Batista, porque estava muito cansada trabalhando em três escolas. Permaneci no colégio Brigadeiro Newton Braga e no colégio municipal Eduardo Gomes.

No Newton Braga, eu trabalhava também com a flauta doce incluindo toda a turma – hoje em dia fico pensando em como foi possível realizar isso. Provavelmente porque eles contribuía com uma disciplina impecável: cada grupo aguardava o momento de cada um tocar, lia a partitura tocando – tal como fazíamos no municipal. O nosso trabalho com a música se dava por um viés integrativo, na medida em que unia teoria e prática, o que era fantástico. Os alunos lia a partitura com muita facilidade. E com prazer, pois estavam praticando através do instrumento.

Lembro-me de um dia em que a diretora professora Branca passou pela sala – a porta estava aberta – e viu esta linda cena: todas as pastinhas pretas abertas e os alunos tocando a flauta e lendo a partitura. Ela permaneceu parada contemplando – encantada com aquele espetáculo. Quando terminamos, ela adentrou a sala, aplaudiu, elogiou, e eu fiquei muito contente, pois era notório que os alunos ficaram felizes.

Um professor se alegra quando o aluno conquista o conhecimento, quando coloca em prática, e quando ele é feliz enquanto pratica o aprendizado – é um conjunto. E posso dizer que para nós, professores de arte – independente da linguagem artística –, essa é a maior compensação.

Depois de alguns anos no colégio, reunimos os professores e partiu deles um pedido de formar um coro, um grupo de coral misto de professores e alunos do ensino médio, que estavam com a voz já bem definida. O ensaio era durante o nosso almoço – o almoço dos professores – no auditório. Era um grupo enorme. Fizemos várias apresentações, dentro e fora do colégio. Lembro-me que a primeira apresentação foi o colégio, à noite, e o auditório lotou, com pessoas sentadas e em pé. Vieram os familiares dos participantes que cantavam no coral. Foi uma época de muita alegria dentro da escola, esse movimento da música unindo, trazendo harmonia, momento de relaxamento e brincadeira, pois os professores também se tornavam alunos. Foi uma experiência muito gratificante e cheia de alegria, a qual não poderia deixar de mencionar.

No ano de 2013, fui acometida por um problema de saúde e precisei me afastar de ambos os espaços escolares. Era um câncer de tireoide, que exigiu afas-

tamento para uma cirurgia e um ano de tratamento. Passado esse período difícil, retornei com muita alegria. E as atividades como professora precisaram ser readaptadas, pois eu não alcançava algumas notas musicais mais agudas, apesar de o cirurgião ter tido muito cuidado e competência – o que permitiu ter minha voz sem nenhum dano. O meu timbre continuava o mesmo, mas não alcançava as notas mais agudas.

Dessa forma, fui readaptada no município para trabalhar com alunos que tinham muitas faltas. Conhecer os outros professores e as famílias, chamar os alunos, perguntar sobre o motivo de tantas faltas... Presença, escuta e acolhimento. Esse foi o trabalho que iniciei ali, para uma melhor compreensão do que estava acontecendo no colégio do município, Brigadeiro Eduardo Gomes.

Descobri, então, várias dificuldades pelas quais os alunos passavam. E em parceria com uma assistente social do município, conseguimos sanar todas as faltas ao final do ano. Não tivemos nenhuma reprovação por falta. Trabalhamos para que os estudantes não fossem mais reprovados e tivessem acompanhamento, pois tinham hipossuficiência e dificuldades familiares. E foi também neste ano, com essa satisfação, em que também me aposentei. Apesar de não ter me aposentado dando aulas de música, tive o privilégio de realizar esse trabalho e deixar os frutos com um bom legado.

Já no Colégio Brigadeiro Newton Braga, eu fui convidada, quando estava no período de readaptação, para ser a coordenadora dos professores de Artes. Como tínhamos aulas de música e aulas de artes visuais, eu achei oportuno para o momento iniciar uma especialização em História da Arte e, em seguida, uma especialização em Metodologias do Ensino das Artes. Ao final do quarto ano de coordenação, eu pedi para retornar para a sala de aula. E no quinto ano, estive como coordenadora e comecei a dar aulas de artes visuais.

Naquele momento, eu não poderia lecionar música, o que me abriu a oportunidade de também me reinventar. Descobri nas aulas de artes visuais uma nova linguagem pela qual fui me apaixonando e desenvolvendo com meus alunos. Através das muitas práticas acumuladas nas aulas de música, comecei a transferir para as aulas de artes visuais. Eu trabalhava os conteúdos na prática. Por isso, os estudantes utilizavam muito a única sala de artes visuais do colégio. No final do quinto ano de exercício nessa função, pedi para deixar o cargo da coordenação e permaneci apenas como professora de artes visuais.

Além do trabalho de artes visuais, convidada pelo professor Dr. José Carlos Pistilli, comecei a fazer um trabalho de artes cênicas com o projeto Guarani. Nesse período, desenvolvemos o projeto SEMEARTE, que tem várias partes. Uma delas é “O Guarani”, na qual trabalhamos o objetivo de respeito pela natureza e pelos povos

originários. Portanto, eu trabalhava com a música o “Guarani” de Carlos Gomes e com a literatura “O Guarani” de José de Alencar, além das artes visuais com os cartazes e as pinturas das cenas relativas às obras, culminando em uma peça, com a participação dos alunos, no auditório do colégio. Houve os ensaios, a confecção do cenário, a pintura do painel – que a professora Eliane Carrapateira, professora de Artes e artista plástica, ajudou a compor. Também foi importante a participação da Fabiana Mabel Oliveira de Azevedo – carinhosamente chamada por nós de Mabel –, professora da UFRJ. Ela trabalhou conosco especialmente na composição do “O Guarani”, no início do projeto SEMEARTE, e em várias frentes com outros professores.

E, na Semana da Cultura, que costumeiramente acontece no colégio em outubro, oferecemos a apresentação desse musical: a peça, a parte encenada, danças, alunos que tocavam e cantavam. Um trabalho completo das linguagens artísticas.

Esse projeto com os alunos do colégio Brigadeiro Newton Braga, em parceria com a escola de música UFRJ, foi um momento muito feliz, pois eu recebi muitos estudantes de Artes da UFRJ através do coordenador de estágio Alexandre Palma. Como temos esse convênio, estamos sempre trabalhando com esses estagiários. E levamos os alunos até a escola de música para assistirem óperas. Os próprios estudantes da UFRJ se reúnem e quem é aluno de Artes constrói a parte artística; quem estuda, toca ou canta música constrói a parte musical; e os estudantes de Artes da Cena (teatro) constroem a apresentação cênica. Então, essas três linguagens artísticas foram envolvidas e os alunos ficaram encantados com tal experiência.

Em 2020, com a chegada da pandemia, momento de grandes desafios para todos nós, eu já dava aulas de Artes e também tive a oportunidade de oferecer algo inovador.

Na pandemia, vivemos o ápice da superação do ensino das Artes e da Educação Física. Até então, eu usava o computador apenas para ler e enviar e-mails. Quando eu precisava de materiais escritos, em texto, eram feitos no colégio para mim pela Deise. Portanto, quando começou a pandemia e o colégio começou com as aulas online, de modo remoto, eu tive que aprender a lidar com esse instrumento e como produzir aula de artes no ambiente digital e aproveitar toda essa tecnologia a meu favor.

Foi uma experiência marcante. No início, os alunos me ajudavam com dicas práticas de uso, pois eles dominam essas tecnologias. Enquanto nós, professores, ficávamos preocupados se no dia seguinte a plataforma e a internet iriam funcionar, dentre outras questões. Como eu estava afastada, por isolamento social, em uma residência em Minas Gerais, apesar de ser uma internet até sem nome, foi a única

internet que nunca teve problemas em cair a conexão. Então, minhas aulas aconteciam tranquilamente.

E eu fui aprendendo e dominando cada vez mais, até criar uma atividade com os alunos, em que assistimos ao documentário “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz. Nesse período, estávamos trabalhando o neoclassicismo. E a partir dessa construção com sucatas e lixos, de o Vik Muniz criar obras de arte com aquelas pessoas, eu incentivei os alunos a usarem coisas que eles tinham dentro de casa para criar uma obra de arte que eles escolhessem, relacionado ao período que estávamos trabalhando. Eles poderiam utilizar os familiares ou a sua própria pessoa e pedir algum familiar para tirar a sua foto. O sucesso e o envolvimento desse projeto foram tão grandes, que chegou até a diretoria de ensino da Aeronáutica, e eu fui convidada a participar da primeira webinar com a participação da diretoria, das três escolas assistenciais e demais convidados.

Quando eu terminei a apresentação, recebi muitas felicitações e declarações dos colegas professores de que eu os representava. Isso foi uma honra para mim. Uma experiência única. E me deixou muito feliz o fato de ter construído esse trabalho com os estudantes reconhecido pela Aeronáutica e divulgado às escolas, com todo o processo compartilhado com os colegas professores.

Enquanto lecionava e realizava projetos, fui motivada a estudar no mestrado pelos professores já doutores e mestres do colégio Brigadeiro Newton Braga, principalmente pelo Dr. José Carlos Pistilli. E tive a oportunidade de participar de um curso feito pela professora Dra Jussara Cassiano, que esclarecia os gêneros da escrita acadêmica, como elaborar um projeto, como mencionar um autor, entre outras habilidades. Ela incentivava os professores a estudarem e a fazerem mestrado. E no final do curso, que ocorreu no ano de 2022, estava motivada para passar por mais um concurso: o mestrado.

No ano de 2023, fui buscar uma universidade mais direcionada para Artes. Encontrei a Escola de Artes Superior Célia Helena, voltada para a arte da cena.

Eis aí um retorno ao meu passado, tanto à infância, pela qual meu pai Waldomiro me levava ao teatro – enquanto ele limpava, eu brincava no palco – quanto à juventude, pela minha formação de professores, na qual eu fazia os teatros em literatura. Me reencontrei com as artes da cena. Me inscrevi. Fiz um projeto. Passei pela entrevista, fui avaliada e, mais uma vez: para a minha surpresa, fui classificada.

Em 2023, após esse período de pandemia e isolamento social, eu entrei para o mestrado “Artes da Cena”, na linha da Educação. Uma rotina de estudos, leituras, apresentação de trabalhos e produção de artigos. A minha proposta tem por objetivo demonstrar a transdisciplinaridade no ensino da arte, integrando os sa-

beres acadêmicos aos saberes da prática, unindo os espaços escolares aos demais espaços culturais da vida. Para isso, vou me utilizar das experiências – oficinas, vivências, viagens – do projeto interdisciplinar carinhosamente chamado de “Jequitinhonha”, que conecta Minas Gerais, Vale do Jequitinhonha e Bahia, idealizado e conduzido pelo professor Dr. Warley.

Atualmente, graças a Deus e ao incentivo desses amigos, estou cursando o mestrado em Artes da Cena e desenvolvendo um projeto muito especial.

Dentre tantas gratificações no exercício de lecionar Artes, a maior delas certamente é ver o crescimento dos meus estudantes. Nestas imagens abaixo, uma cena que se repete ao longo dos anos: quando eles conquistam algo – ainda que não seja diretamente relacionado à disciplina de artes – gostam de registrar e celebrar comigo. A isso eu atribuo o poder do afeto nos vínculos verdadeiros.



Agora, em abril de 2024, estamos tecendo esse memorial, porque até aqui nos **ajudou o Senhor**.

Com amor,
Carmen Lucia Crespo Pinto

Capítulo 12

LEMBRANÇAS

Alex Sandro Moura



“Buscar e aprender, na realidade, não são mais do que recordar.”

Platão.



INTRODUÇÃO

Relebrar fatos vividos e ocorridos em nossa vida é uma busca constante pelo conhecimento, pois as experiências deixaram marcas e cicatrizes difíceis de apagar que, na verdade, representam os aprendizados adquiridos com as experiências. Isso indica que sempre adquirimos saberes com uma tomada de decisão, com algo que aconteceu de bom ou ruim, ou seja, algo vivido prazerosamente ou até vivido com uma enfermidade. Na verdade, tudo representa aprendizado quando são lembranças.

Conforme diz a expressão de uma música muito conhecida: “Recordar é viver...”, faz da memória um instrumento propulsante para se obter o aprendizado. O ato de recordar evoca acontecimentos que nos condicionam a adaptação ao mundo real, ou seja, influencia em nossos relacionamentos sociais, nos planejamentos e nas tomadas de decisões.

Rememorar é uma forma de descrever as relações pessoais apreendidas, pois permite que se tenha um maior conhecimento sobre si próprio e que se reflita sobre como as atitudes afetam o próximo, assim como passe a se ter maior conhecimento sobre os próprios limites e formas próprias de agir e (re)agir. Isto porque as lembranças desenvolvem um processo de reflexão cognitivo que permite aos seus autores compreender processos, causas e consequências de suas ações ou acontecimentos, avaliar circunstâncias, justificar escolhas de um passado remoto ou recente e, se for o caso, criar novas estratégias a partir de um processo de reflexão, ação e nova reflexão.

Com base nesses questionamentos, está proposta uma reflexão sobre como acontece o processo de construção de uma identidade que vai se construindo, afinal, esse é mais um rito de passagem na vida de um ser, e como todo rito de passagem, há muitos conflitos, medos e um processo gradual de transição que resultará em um profundo amadurecimento pessoal e profissional. E para se falar sobre o processo de formação de um ser, primeiramente, precisa-se compreender o sentido de identidade. Pimenta e Lima (2012) explica que a identidade pode ser analisada sob duas perspectivas: uma perspectiva individual e outra coletiva. Enquanto a primeira é constituída pela experiência pessoal, a segunda constitui-se através dos grupos sociais, conferindo-lhes um papel e status social. Assim, a identidade profissional, pois é a que será abordada neste texto, pode ser entendida como uma identidade coletiva, conforme conclui Brzenzinski (2002, p. 8 apud PIMENTA & LIMA, 2012, p.113).

MINHA TRAJETÓRIA ATÉ A GRADUAÇÃO

“Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertença. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.”

Walter Benjamin

Pertenço a uma família de três irmãos, de pai e mãe com pouca escolaridade, vindos do nordeste do país para tentar uma melhoria financeira na cidade do Rio de Janeiro. Morei na comunidade do Jacarezinho, na cidade do Rio de Janeiro até os meus 18 anos de idade com meus pais, quando depois fui morar com meus tios no bairro de Botafogo, na mesma cidade, logo que ingressei na Força Aérea Brasileira, quando iniciei minha carreira militar servindo no Terceiro Comando Aéreo Regional.

Iniciei meu percurso de escolarização no ano de 1979, no Curso de Alfabetização da Escola Instituto Educacional Imaculada Conceição, uma escola particular e assistencial católica, no bairro de Higienópolis, no Rio de Janeiro-RJ. Nesta escola cursei até o 8º Ano ginasial no ano de 1989. Como aluno, interessei-me desde cedo pelo trabalho docente, admirava meus professores preferidos e tinha também aqueles mais queridos, que eram os da disciplina de Língua Portuguesa, na qual sou graduado com especialização e professor nos dias de hoje. Lembrando da minha antiga escola, hoje como professor também de um colégio assistencial, o que me chama atenção é que esta escola acolhia alunos de variadas classes sociais em torno do bairro onde morava. Na verdade, isso me impulsiona até hoje como professor, pois enxergo que é uma profissão que trabalha com seres de diferentes pensamentos e comportamentos, dessa forma corrobora com a famosa frase do nosso ilustre Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Esse período da educação básica foi um dos mais importantes para o meu aprendizado como aluno e também para escolha da minha profissão como Professor do Ensino Fundamental que hoje exerço com muito afincamento e dedicação de aprender mais com meus alunos. Nos anos passados que cursei o também hoje, Ensino Fundamental, pode me proporcionar uma visão ampla de como ser aluno e professor, duas engrenagens que se completam nessa máquina impulsionadora chamada: Educação.

A partir de 1990, comecei o meu curso de 2º Grau, hoje chamado de Ensino Médio, no Colégio Metalúrgico, sem muitas perspectivas. O ingresso nas faculdades era muito difícil e precisava me preparar melhor para o vestibular, a fim de

escolher um bom curso na Universidade. E terminei em 1992, o curso do 2º Grau, quando no ano seguinte, em 1993, ingressei nas Forças Armadas pela Força Aérea Brasileira, que me proporcionou uma carreira estável e permanente, como militar da ativa, hoje com 30 anos de serviços prestados, quando comecei na carreira como Soldado de 2ª classe e chegando a graduação de Suboficial até a presente data.

Desse modo, a partir dessa estabilidade financeira, retomei meu grande sonho de ingressar numa faculdade, pois corroboro uma frase muito útil do célebre produtor cinematográfico Walt Disney: “Se você pode sonhar, você pode fazer.”. Foi então que em 2001, já na graduação de 3º Sargento, prestei um vestibular para Faculdade Gama Filho, onde consegui uma bolsa de 50% no valor da mensalidade do Curso de Letras e iniciava o meu percurso na carreira docente.

DA GRADUAÇÃO

“Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações (...) Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos.”

Albert Einstein

Em março de 2002, ingressei no Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Português/Espanhol. Tão logo teve início o primeiro semestre, fui imediatamente cativado pelos conteúdos das disciplinas de Semiótica e Linguística, em que pude observar que a linguagem é uma ciência com amplo conhecimento. Tamanha era a admiração pela competência didática dos professores Celso de Linguagem Semiótica I e Alexandre de Linguística I, pois esses professores transmitiam os conhecimentos dos conteúdos em suas respectivas aulas de forma magnífica e apaixonante, dessa forma, isso me impulsionou ainda mais seguir com a certeza de que escolhi a área certa para seguir com a minha profissão. Durante o início do curso, tive também a grata oportunidade de experimentar também as minhas primeiras aulas no Curso de Latim com a professora Kátia Cristina, pois o conhecimento do latim, como a nossa língua-mãe, fez-me descobrir como várias palavras do nosso vocabulário se formaram e se desenvolveram.

Ao longo do curso, também fiz outras disciplinas que me fascinaram, principalmente na Área de Humanas, como Sociologia, Filosofia da Linguagem e Psicologia da Educação. Acredito que a minha formação universitária se forjou a partir da união das concepções linguísticas histórico-clássica e teórico-pedagógica dos estudos da linguagem. Na verdade, tive a oportunidade e a honra de ter sido aluno de outros competentes e inesquecíveis professores nos bons e maus momentos, e por esses professores tenho grande carinho e admiração.

Julgo importante, também, destacar outro fato que ocorreu durante minha formação universitária. No último ano de formação, quando terminava meus estudos na cidade de Ribeirão Preto-SP, na Universidade Moura Lacerda, para onde fui transferido em 2004, iniciei minha carreira docente como estagiário na Escola Estadual Santos Dumont, onde juntamente com apoio dos professores titulares lecionei aulas de Língua Portuguesa para as turmas de 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental II e Turmas do 1º e 2º Anos do Ensino Médio nas disciplinas de Literaturas Brasileira e Portuguesa durante os anos de 2005 e 2006. Estagiei também na Escola Estadual Dr. Luís Mousinho também na cidade de Ribeirão Preto-SP, nas disciplinas de Espanhol durante o ano de 2005, no qual também fui licenciado na graduação.

DA ESPECIALIZAÇÃO

“Motivação é aquilo que te faz começar. Hábito é o que te faz continuar.”

Jim Ryon

Em julho de 2015, já novamente transferido pela FAB (Força Aérea Brasileira) e residindo na cidade do Rio de Janeiro, fui selecionado, mediante prova escrita, para o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português, convênio com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Durante o Curso de Especialização, aprendi muito com as aulas de Sintaxe da Língua Portuguesa do experiente Professor e Doutor Evanildo Bechara, das aulas de Morfologia da Língua Portuguesa da competentíssima Rita de Cássia e outros que ficaram gravados com muita alegria e satisfação na memória. O Curso de Especialização, que durou 02 (dois) anos, me possibilitou o pleno desenvolvimento dos meus estudos, pois tive a grata oportunidade de aprender com professores pós-formados e muito experientes, com muito tempo de atuação na área docente.

DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

“Conquistas grandiosas levam tempo. Elas são fruto de muito esforço, tempo investido e dedicação”

Thomas Jefferson

Em agosto de 2016, ingressei por empréstimo no Colégio Brigadeiro Newton Braga da Força Aérea Brasileira, exercendo, primeiramente, as funções

de professor de português e redação nas turmas de alunos do Projeto de Curso Preparatório Militar. Já em abril de 2017, com a aprovação do Curso Preparatório Militar, ingressei, efetivamente, prestando serviços, conforme publicação em Boletim Interno nº 86, de 25/05/2017 do Grupamento de Apoio do Galeão (GAP-Galeão), como docente de Língua Portuguesa e Redação no Curso Preparatório Militar e nos Cursos Regulares das turmas dos anos finais do Ensino Fundamental II, a fim de conciliar os conteúdos abordados nas referidas séries com os Concursos para as Escolas Militares. Há cerca de 7 anos, o frutífero trabalho, com essa faixa etária de alunos, rendeu, com êxito, aproximadamente, 30 aprovações de alunos nas escolas militares, tais como: Escola Preparatória de Cadetes do AR (EPCAR), Colégio Naval (CN), Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR), Escola de Sargentos das Armas (ESA), Academia da Força Aérea (AFA) e Escola Preparatória de Cadetes do Exército (ESPECEX).

Particpei também como elaborador e revisor da Prova de Língua Portuguesa no Concurso do 6º Ano de Ingresso de alunos para o ano de 2020 ao Colégio Brigadeiro Newton Braga, que se realizou em dezembro de 2019, conforme publicação em PORTARIA CBNB N°4/SDAE, DE 14 DE NOVEMBRO DE 2019. Fui movimentado, em agosto de 2018, transferido ao efetivo do Colégio Brigadeiro Newton Braga, conforme PORTARIA DIRAP N° 4. 447/1CM2, de 30 de Julho de 2018, depois de pouco mais de 1 ano de prestação de serviços. Até a presente data, atuo como docente titular de Língua Portuguesa nas Turmas do Curso Preparatório Militar, Turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental II e docente de Apoio de Língua Portuguesa para as Turmas do 8º ano do Ensino Fundamental II.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.”

Paulo Freire

Acredito que cabe a cada docente a tarefa de tornar o mais significativo possível seu processo de formação se apropriando de todo conhecimento disponível e buscando sempre seu aprofundamento e ampliação. A partir da minha narrativa de história familiar, escolar e experiências vividas como militar, acadêmico e docente é notável reconhecer o papel da afetividade na mediação e na determinação dos propósitos dos sujeitos que visam o objetivo de prosseguir em sua carreira. Mediar com afetividade é saber mediar o corpo e a mente, é lembrar que antes que antes de seres humanos que pensam, que leem, que escrevem, temos

dias bons e ruins. É lembrar também que não sabemos de tudo sempre, e que não existe uma verdade absoluta. E agora, também como profissional docente, insistir em um propósito de vida é tornar nossos alunos pessoas do bem, é maior do que qualquer ocorrência desmotivadora, como: baixos salários, desvalorização na profissão docente e incentivo na progressão continuada do docente. Esse insistir vem da seguinte reflexão: os sábios são os que pensam, que existem e não os que se calam e assistem. Dessa forma, encerro esse trabalho com enorme sensação de gratidão aos diversos espaços escolares e não-escolares que passei e ainda passo durante o percurso que escolhi e que hoje faz parte ativo da minha vida.

Capítulo 13

MEMORIAL

Giselle Christina Silva Figueirêdo Pinto



"A escola não transforma a realidade, mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação da sociedade, do mundo, de si mesmos.

Paulo Freire



INTRODUÇÃO

Sou Giselle Christina Silva Figueirêdo Pinto, nasci na data de 24 de novembro de 1982, na cidade do Rio de Janeiro Cursei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola Pública. Sou militar, Professora, Pedagoga e Psicopedagoga. Atualmente, estou como professora do 1º ano do Ensino Fundamental do Colégio Brigadeiro Newton Braga, localizado na Ilha do governador, na cidade do Rio de Janeiro. Sou casada, também com militar e grávida de seis meses de um lindo menino. Hoje, apesar de ter minha casa, moro com minha mãe, meu esposo e meu irmão em Niterói.

Meus pais, Jocelina Silva Figueiredo e Samuel Agnaldo Silva Figueiredo (são primos de segundo grau) são naturais da Bahia, migraram para o Rio de Janeiro antes de se casarem, pois, meu avô paterno foi transferido a trabalho e minha mãe, que na época já não morava com seus 11 irmãos, sua mãe e seu padrasto, visto que sofria maus tratos do companheiro de minha avó, meus pais encontraram uma chance de continuarem juntos e realizarem o matrimônio na cidade maravilhosa.

Aproximadamente, quando eu tinha cinco anos e meu irmão ainda era bem pequeno, meu pai decidiu buscar novas oportunidades de trabalho fora do Brasil junto com seus quatro irmãos e minha mãe com todo seu amor e paciência criou e nos ensinou os melhores valores que um ser humano poderia ser e aprender.

Sempre muito preocupada com a nossa educação, resolveu de início trabalhar em casa, cuidava de outras crianças e assim acompanhar de perto as nossas fases do desenvolvimento infantil.

Conforme descrito anteriormente, meu ensino foi na rede pública, visto as dificuldades que minha mãe enfrentou para trazer educação para os filhos. A primeira etapa ocorreu no SESC - Serviço Social do Comércio, no qual a aprendizagem focava mais o lúdico, o brincar, que é muito relevante para esta etapa de desenvolvimento conforme sinaliza Vygotsky (1998), que a brincadeira é caracterizada como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos surge, nas crianças, através do brincar.

Em seguida, minha mãe, muito preocupada com meu desenvolvimento, me inscreveu no IEPIC – Instituto de Educação Ismael Coutinho, que é uma instituição de ensino público secundário estadual que tem como precursora a Escola Normal de Niterói, primeira instituição pública do gênero nas Américas, fundada em 1º de abril no ano de 1835, que constitui uma referência na pedagogia. Cursei a Educação Básica nesta escola. Ao terminar o Ensino Fundamental, optei pelo curso normal (Magistério) e continuei os estudos, concluindo o Ensino Médio no IEPIC na cidade de Niterói/RJ com formação Normalista.

Depois de terminar o Ensino Médio, então resolvi fazer minha inscrição para o vestibular no Centro Universitário Plínio Leite para a Graduação em Pedagogia.

A UNIVERSIDADE

Para fazer o curso de Pedagogia no Centro Universitário Plínio Leite, na Cidade de Niterói/RJ, eu precisei trabalhar pois tive que custear meus estudos sozinha. Trabalhei durante todo o curso de pedagogia em escolas como professora de apoio e alfabetizadora, pois já era formada em professora através do Ensino Médio Normalista, que habilitava à docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Neste sentido, trabalhava manhã e tarde e ingressava a noite na universidade.

Segui a universidade com muito entusiasmo principalmente quando via a felicidade da minha mãe em me ver cursar Pedagogia, mesmo que, às vezes, as pessoas me perguntavam: “Mas por que Pedagogia? Que coisa sem graça...” Ao passar os dias, percebi que cursar uma graduação não é fácil, mas faz a gente formar, pensar e criar novos conceitos sobre a educação de todos e, mais ainda, a nossa própria educação.

A graduação em pedagogia nos abre espaços que, muitas vezes, em toda a caminhada da escola de normalista, não foram propostos para nós, e isso atualmente acho muito importante.

Desde o início do curso, fazia de tudo para poder participar do maior número de atividades acadêmicas que tivessem alguma vinculação com a área da pedagogia, alfabetização, pedagogia empresarial e psicopedagogia. Entretanto, o curso que estava fazendo, fez com que me apaixonasse pelo ensino e eu comecei a perceber que tudo me levava para a atividade de docência, mas porque o sentimento de ser professor começou a crescer. Comecei a perceber que, trabalhando como professor, teria oportunidades de contato que a outra profissão não poderia me oferecer. No ano de 2004 comecei a ministrar aulas de disciplinas integrativas – Matemática, Língua Portuguesa, Ciências e Estudos Sociais. Logo em seguida passei a um grande dilema, mas também a um verdadeiro aprendizado – a alfabetizar crianças ainda durante a universidade.

Em todos os momentos da minha vida acadêmica, sempre foram marcados pelos procedimentos didáticos utilizados durante as aulas. As dinâmicas de grupo permitiam a partilha dos saberes dos alunos e professores. A utilização da demonstração e dos experimentos promoviam experiências formativas que me conduziram a desconstruções profundas. O aprofundamento epistemológico para o ensino-aprendizagem permite cada vez mais ao professor buscar e pensar em novas metodologias. Para isso, é pertinente a reflexão e a análise do processo de ensino e aprendizagem e da docência como um todo.

Certa da minha vocação para o magistério e principalmente para atuar com alfabetizadora, acredito que a carreira docente, possibilita manifestar toda minha vocação.

A DOCÊNCIA

O meu primeiro contrato de trabalho como professora, foi no Ensino Fundamental ocorreu na forma de contrato com a SEEDUC – RJ –Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, no Colégio Estadual Pinto Lima em Niterói. No início eu ainda não era formada, pois fui selecionada para Estagiar através do IEPIC nesta escola e a experiência foi muito proveitosa, pois eu descobri que conseguia passar os conteúdos de uma forma que os alunos pudessem entender e assimilar.

Em uma outra escola, no ano 2000 tive a oportunidade de lecionar e alfabetizar em uma escola privada em Itaipuaçu localizada no Município de Maricá/RJ. E no Colégio Estadual Leopoldo Fróes, na Cidade de Niterói, também como alfabetizadora e mediadora no Ensino Fundamental. Por este motivo fiz uma Especialização em Psicopedagogia no Centro Universitário Plínio Leite.

Em 2006, ingressei como docente no Colégio Nossa senhora das Mercês, como professora do 3º ano do Ensino Fundamental, onde fiquei 5 anos. Durante a etapa da docência no Colégio Nossa Senhora das Mercês, fiquei um pouco afastada dessa questão da alfabetização em si, que, na verdade é um letramento e você vai levando com as crianças até o final.

Fui aprovada em uma seleção de professor em 2011 para o Centro Educacional São José/ mantido pelo Colégio São Vicente de Paula em Niterói, para professor da educação básica atuando como alfabetizadora. Mas, esta experiência foi um marco mais especial, porque eu comecei a fazer cursos, buscando aprofundar um pouco mais da Psicopedagogia. Também em outro momento tive a oportunidade de trabalhar com crianças com inclusão na Prefeitura Municipal de Niterói como professora mediadora, que motivou a cursar uma Especialização em Neurociências aplicada a aprendizagem no Instituto de Psiquiatria – IPUB/UFRJ.

Após a especialização em Neurociências, tive a possibilidade de um novo trabalho – ao atendimento com psicopedagogia para as crianças que tinham alguma dificuldade, algum transtorno, que precisavam de uma avaliação. Os trabalhos, os atendimentos que eu estava fazendo com as crianças no consultório, me deram uma base muito importante. Descobri, o processo de leitura e escrita de uma forma diferenciada, mais lúdica, tentando mostrar para os professores outros caminhos que poderiam seguir, com aquele aluno, mas de uma forma diferenciada.

Entre as especializações, também concluí outra a especialização Universidade Candido Mendes – UCAM como forma de atualização e preparação sobre

esta modalidade que cresce no Brasil e tem se tornado uma forma de formação para muitos nos dias atuais.

Ligado a atividade de docência, busquei um aperfeiçoamento através da Fundação Municipal de Educação de Niterói no PINAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que trata de um compromisso formal assumido pelos governos federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao fim do terceiro ano do ensino fundamental. Os estudos teóricos e práticos, assim como as palestras com profissionais renomados da Educação Nacional, no PINAIC, me mostraram que o processo de alfabetização é, constitui, uma das prioridades do Brasil, visto que o docente alfabetizador tem a função de não apenas de auxiliar crianças matriculadas no ciclo de alfabetização, mas principalmente de conduzi-las ao exercício da cidadania, valorizando seu conhecimento de mundo, ou seja, os seus letramentos. Conforme mostram as grandes pesquisadoras do letramento Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), quando descrevem a alfabetização não como um simples método a ser seguido pelos professores para que os estudantes decorem e se apropriem do alfabeto, mas como um processo complexo e multifacetado, que ocorre quando esses estudantes se apropriam do sistema de escrita alfabética.

INGRESSANDO NO MAGISTÉRIO DA FAB

Em 19 de outubro de 2019 iniciei no Colégio Brigadeiro Newton Braga, comecei o Estágio de adaptação, e no ano de 2020 comecei a atuar como docente do 1º ano do Ensino Fundamental, como professora alfabetizadora. No entanto, veio a Pandemia de COVID-19 no início do ano letivo que trouxe um grande dilema – como alfabetizar crianças através do ensino remoto. Um outro dilema foi a falta de domínio das ferramentas de comunicação virtual e digital, das mídias específicas bem como suas linguagens.

Em meio as questões da Pandemia de COVID-19, ainda existia a questão da falta de prática com a alfabetização, visto que já tinha um tempinho que não alfabetizava, mesmo fazendo uma preparação para primeiro ano, e consciente de que a alfabetização se dá ao longo do processo, quando se é nova numa instituição, é tudo muito desafiador. Mas a equipe pedagógica foi um ponto positivo, aliado a união dos professores, o que gerou um acolhimento.

Mas, mesmo assim, é desafiador! Visto que ficar sentada, várias horas do dia em frente a tela do computador ministrando aula e também preparando o conteúdo, tornou o processo complexo, mas consegui superar. Trouxe mais experiência e a possibilidade de novos aprendizados em prol da educação. Então, só tenho a agradecer, a toda a equipe pois em meio a Pandemia e ao Ensino Remoto no ano

passado e este ano, iniciamos um grupo de estudo referente ao processo de alfabetização on-line, em que aprendi muitas coisas, conseguindo desenvolver habilidades novas concernentes a temática. E, este grupo de estudos, ainda vai nos gerar um trabalho voltado para “Os Desafios da Alfabetização em Tempos de Pandemia”.

Creio que este Memorial destaca o compromisso e responsabilidade com a educação e principalmente com o processo de letramento nos meus anos de magistério. No decorrer da minha carreira profissional pude exercer praticamente todas as atividades que se esperam de um professor, além de contribuir com o processo de alfabetização.

A elaboração deste Memorial Descritivo me oportunizou ainda a olhar para trás no tempo e perceber quantas pessoas foram importantes nessa minha trajetória, principalmente minha mãe que sou grata por tudo. Agradeço imensamente aos alunos, professores, equipe pedagógica, pacientes do atendimento com a psicopedagogia, profissionais e toda minha família, todos que me ajudaram nessa trajetória ainda em construção, buscando sempre me aprimorar e atualizar para ser uma profissional cada vez mais completa e melhor.

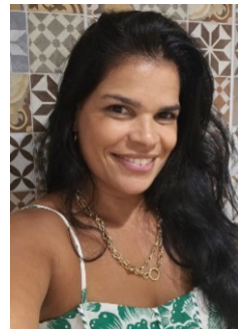
E, por fim, finalizo esse memorial com uma singela homenagem a todas as crianças que fizeram parte da minha trajetória, e aquelas que ainda irão fazer, pois cada uma delas levou um pouco de mim e deixou um pouco de si. Afinal de contas como afirma P. Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2003).



Capítulo 14

MEMORIAL

Elaine Cristina Ferreira de Santana Assis



Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertença. E a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.

Walter Benjamin



Inicio minha trajetória escolar em uma Escola Municipal do bairro de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Aos quatro anos de idade vivenciei experiências marcantes e significativas em uma instituição de ensino que valorizava o contato direto e praticamente diário com a natureza. Esse tipo de oportunidade ofertado pelo espaço escolar e agentes da educação que ali atuavam, me ajudou a enxergar a melhor parte de mim. Me fez acreditar que precisamos aproveitar cada oportunidade para adquirir novos conhecimentos e como criança, o que eu mais gostava era de experimentar.

Tive dificuldades para lembrar experiências no período de minha alfabetização, todavia, me lembro de muitos detalhes de minha Educação Infantil. Foi muito importante para mim ter como referência a natureza. Isso me permitiu ter um olhar mais sensível com o meio em que estou inserida e com meus pares. Me recordo da subida de uma ladeira bem grande que era o percurso para essa escola, das flores que eu sempre colhia para minha professora, dos pés de tamarindo que até hoje existem e que eu sempre chegava na escola ou em casa com algumas frutinhas. Amo tamarindo!

Acredito que a forma como proponho atividades aos meus alunos esteja vinculada a esse início da minha escolarização. São atividades que envolvem movimento, permitindo que saiam da sala de aula e realizem atividades ao ar livre, em contato com a natureza. Acredito que a oportunidade de construção de novos conhecimentos acontece a partir das experiências vivenciadas, pois como nos ensina Paulo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.”

Minha alfabetização aconteceu em outra instituição de ensino, na Escola Municipal Gilberto Bento da Silva, também no bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro. Estudei até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental II. Nessa escola, a sala de alfabetização era pequena e todas as carteiras enfileiradas. Não tinha muito espaço para atividades no jardim externo. Só havia uma quadra de esportes e poucas árvores próximas da quadra. Os alunos não saiam das salas de aula, eles só se deslocavam para lanche e realizar as atividades das aulas de Educação Física. E quando os professores de educação física recebiam a autorização para realizarmos nossas atividades na quadra arborizada ao lado do colégio, era uma verdadeira festa.

Quando cheguei nessa escola, fui bem recepcionada pela professora que pedia minha colaboração nas aulas, me motivava em desenvolver minhas habilidades e auxiliava em minhas dificuldades. Isso foi muito importante, pois havia ficado muito triste por precisar sair de minha antiga escola. Me encantei pelo novo espaço quando a diretora resolveu organizar eventos com desfiles, shows de talentos e eu

sempre participava cantando e desfilando. Amava ganhar as medalhas e troféus naquela época. Minha mãe guarda alguns até hoje.

Com o passar dos anos de escolaridade, comecei a ter algumas dificuldades para realizar as atividades que vinham para casa. Minha mãe resolveu contratar uma explicadora para me ajudar, pois estudei pouco e precisava me dedicar às atividades do lar e aos meus dois irmãos mais velhos.

Meus pais, nasceram no interior dos estados de Sergipe e da Paraíba, região nordeste de nosso país. Eles tiveram poucas oportunidades de estudo. Meu pai, Pedro Sabino de Santana (Em memória), estudou até a antiga 4ª série. Único filho homem de uma família de quatro filhos, veio para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades de emprego e trouxe consigo duas irmãs mais novas, duas sobrinhas e sua mãe que já era viúva e as ajudou no que precisavam.

Minha mãe, Maria do Socorro Ferreira de Santana, a mais velha de uma família de 7 filhos, veio para o Rio de Janeiro com seus pais e irmãos em busca de melhores condições de vida ainda pequena. Perdeu sua mãe no início de sua adolescência e precisou se dedicar aos cuidados de seus irmãos mais novos para que seu pai pudesse trabalhar. Concluiu a antiga 5ª série, já adulta e com seus três filhos crescidos, mas não pode dar continuidade. Hoje pensa em retornar com incentivo dos filhos e netos.

Residentes no Estado do Rio de Janeiro, meus pais trabalharam bastante. Eles se conheceram e construíram sua família. Junto aos filhos, buscaram entender na família o real significado de amor entre si, amor ao próximo, respeito, empatia e em acreditar que nada é impossível, desde que não deixemos de sonhar e amar as pessoas. Reconheço que esse amor me fortaleceu durante toda minha caminhada e foi a base de minha educação. Freire informa que “a educação é um ato de amor, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

Minha mãe conta que não apresentei dificuldades para aprender a ler e escrever e sempre me incentivou com palavras carinhosas dizendo que sou muito estudiosa e dedicada. Isso fez muita diferença em todo o meu processo de escolarização, porque me ajudou a ter confiança em tudo que fazia e me dedicava nos estudos.

Me recordo de minha passagem para o Ensino Fundamental II. Foi muito difícil! Os alunos que estavam finalizando esse período na escola e diziam pelos corredores que sentiríamos muito, pois a quantidade de professores e disciplinas aumentariam e isso gerava em mim e demais colegas de turma uma tensão. Mas como meus pais sempre buscavam conversar comigo, me orientando a fazer o meu melhor, passei dessa fase com êxito. Gostava muito de conhecer meus professores,

conversar com eles, auxiliá-los no que fosse preciso, acredito que já me identificando com minha futura profissão.

Iniciei o trabalho como professora bem cedo. Nos fundos de minha casa, morava uma família que tinha dois filhos. Um dos meninos apresentava muitas dificuldades de aprendizagem e a mãe se dizia sem paciência. Ela ouvia quando estudava em voz alta em meu quarto e me fez a pergunta se eu poderia ensinar seu filho e assim, ganharia uma pequena quantia em dinheiro. Eu tinha apenas 11 anos e me encantei com a ideia, pois adorava fazer sabonetes decorativos e vender artesanatos confeccionados por mim e outras coisas para ter meu dinheirinho. Estudamos por seis meses e depois o irmão mais velho também quis estudar conosco. Foi uma experiência ímpar!

Me casei aos 20 anos, no ano em que terminei o Ensino Médio. Um mês depois, fiz 18 anos e meu esposo, que é militar há quase trinta anos, Luis Carlos, foi para EEAR, em São Paulo. Como era tudo novo para mim, acabei optando em apenas trabalhar e não realizei minha graduação. Prestei alguns concursos em diferentes áreas de atuação, trabalhei em clínica médica e até a experiência de ser comerciante.

Depois de alguns anos de casada, fui mãe de minha primeira princesa, meu sonho de adolescência, Livia que hoje tem 17 anos. Com a Livia ainda pequenina, me inscrevi em um curso de Pós-Médio Magistério que reacendeu a paixão pela área da Educação. Consegui estagiar em uma escola particular perto da residência de minha mãe, conciliando o curso com o estágio. Minha mãe ficava com minha filha e a levava na hora da saída para irmos para casa, que ficava bem longe. Depois disso, meu esposo foi transferido para Manaus, no Amazonas.

Já morando em Manaus, com uma filha de 2 anos e meio, me inscrevi no curso de Pedagogia da Universidade Luterana no Brasil. Confesso que fiquei com muita dúvida na escolha de meu curso, mas sempre me recordava das experiências vividas e das palavras de incentivo de minha cunhada Mônica que é professora há mais de 30 anos e atua no Município do Rio de Janeiro e resolvi pela graduação em Pedagogia. Até hoje, dialogamos sobre nossas práticas e muito nos emocionamos e trocamos. Posso dizer que fui influenciada pelas trocas e falas encantadoras, emocionadas e inspiradoras de minha cunhada e pelas belas lembranças e experiências vividas em minha infância, no período da Educação Infantil, para minha escolha pela Pedagogia.

Então fiz a graduação em Pedagogia, e no terceiro ano da faculdade, consegui um estágio no Colégio Batista Ida Nelson, localizado em Manaus. É um colégio de grande porte e com ambiente muito prazeroso de trabalhar. Ao final do ano letivo, após seis meses atuando como estagiária, a diretora me perguntou se

eu gostaria de continuar no colégio como estagiária. Criei coragem após a pergunta e confessei o desejo de atuar como professora naquela instituição e ela disse que pensaria no assunto. No início do ano seguinte, em fevereiro de 2009, fui contratada como professora e fiquei muito feliz!

Um grande desafio me aguardava. Me recordo de dois alunos em especial, nessa época. Um não se comunicava oralmente, apenas com gestos. Era um menino que tinha o olhar doce e meigo. A mãe descobriu nesse mesmo ano, após alguns encontros e reuniões com a equipe de orientação e coordenação que seu filho era Autista. Com o trabalho desenvolvido, conseguimos que ao final do ano, esse aluno se comunicasse conosco e sua família. Foi emocionante ver a felicidade de todos. Já o outro mencionado, batia nos coleguinhas, inclusive em mim, após os encontros com os responsáveis e equipe, trocas da equipe e parceria da família, começou a se socializar melhor com as outras pessoas e de uma maneira prazerosa.

Em 2010, retornei com minha família para o Rio de Janeiro, participei de um processo seletivo e atuei no Colégio Santa Mônica, no 2º ano do Ensino Fundamental I. Foi maravilhoso o tempo em que estive com esses alunos maiores. Aprendi e troquei bastante com eles. Nessa mesma época, engravidei de minha segunda princesa, mais um grande presente de Deus. Ela se chama Emili e tem 13 anos de idade e nasceu em 2011. Após o nascimento da Emili, me dediquei exclusivamente a família até ela completar 1 ano e 7 meses.

No início de 2013, retorno a área da educação, atuando na Educação Infantil, no Centro Educacional Pinheiro Ramos, localizado em Jardim Sulacap. Após esse período, tive a oportunidade de atuar no Colégio Semear Desafios, que ficava localizado no bairro Valqueire. O colégio fechou em dezembro de 2020, por conta da pandemia, mas com certeza ficará em minha memória e de todos que participaram de sua história.

Nesse colégio vivenciei experiências desafiadoras e significativas no Maternal I e atuando em uma turma de pré-alfabetização, tendo minha filha mais nova como aluna, aprendi muito com os diferentes desafios, e nela, pude me tornar ainda mais sensível a respeitar o quanto somos diferentes e especiais ao mesmo tempo. E neste contexto, em conjunto com Augusto Cury afirmo que “o sonho da igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças”

Logo depois, no ano de 2018, ingressei na FAB pelo Quadro de Oficiais Temporários. Iniciei minha atuação como Pedagoga da Força Aérea Brasileira em um momento muito conturbado em minha vida. Meu esposo tinha sido transferido para Manaus e minhas filhas e eu ficamos no Rio de Janeiro. Mas acredito que Deus sabe de todas as coisas e que tudo tem um propósito. A minha colocação no curso me permitiu escolher a unidade que serviria e eu não tinha dúvidas, escolhi o Colégio Brigadeiro Newton Braga.

Fiquei muito feliz em ter tido a oportunidade de fazer essa escolha, pois não consigo me ver trabalhando fora da escola. Parecia um sonho tudo que estava acontecendo em minha vida, mas hoje me vejo como uma Pedagoga da FAB, profissional que ama a educação e que se apaixona, ainda mais por essa profissão, através de cada experiência vivida. Estar em sala de aula, aprendendo e compartilhando conhecimentos com meus alunos, tem sido gratificante, pois como nos indica Paulo Freire “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.”

De acordo com Augusto Cury “educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para transformar no que somos.” E é em busca de transformação que sigo aprendendo e somando com meus pares nessa instituição, onde pude conhecer pessoas que me inspiram a desejar ser uma profissional de excelência e que eu possa fazer a diferença nas vidas dos educandos e companheiros que fazem e ainda irão fazer parte de minha história.

No Colégio Brigadeiro Newton Braga, proponho aos meus alunos desenvolverem diferentes projetos de leitura e escrita, com diferentes temas de forma interdisciplinar. As experiências vividas no passado, o aprender em todos os espaços da escola e o trabalho com demais colegas, inclusive dos outros segmentos do colégio, me motivam a proporcionar uma educação transformadora e significativa aos educandos que passam pela minha vida.

Me encanta a importância da bagagem de vida que o aluno traz para o ambiente escolar e fazer parte dessas histórias me desafia dia após dia. É importante que os alunos ouçam, falem, pesquisem, conheçam, observem e principalmente experimentem para construir novos conhecimentos. Esse movimento lhes permitirá realizar críticas e a obter significado diante ao que foi aprendido. E como nos informa Piaget “o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.”

E sobre essa importância de estar sempre em busca de novos conhecimentos, reflito no poder da formação continuada do professor no trabalho dia a dia com seus alunos, nas conversas com os colegas, nas discursões sobre teorias e práticas, ao aprender ouvindo as opiniões e sugestões após a visualização de trabalhos desenvolvidos e expostos pelos próprios alunos, nas conversas com a equipe de gestão da escola sobre as práticas cotidianas, nas trocas nos corredores. Penso que tudo isso é muito relevante e nos permite ter novas ideias, novos olhares. Me sinto grata por fazer parte desse grupo de estudos (GEPSAD) que existe no CBNB e que muito enriquece minhas práticas.

Costumo dizer que ser educador, não é uma profissão que escolhemos, mas que nos escolhe, nos acolhe, nos enche de esperança, nos provoca, nos inspira, nos motiva, a exercer e a gerar em nós e nas pessoas que estão a nossa volta,

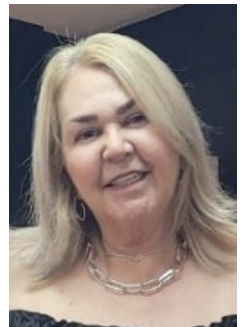
grande curiosidade em novos saberes, pois como afirma Paulo Freire “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Acredito que durante os caminhos que percorremos na vida, em um momento ou outro, encontraremos alguém, nos sensibilizaremos com algo que contemplamos ao ouvir, ver ou sentir e assim, surgirão acontecimentos que nos levarão a refletir sobre diferentes formas de enxergar a vida e essa sensibilidade adquirida de formas variadas nos permitirá aprender muito mais do que propriamente ensinar ou compartilhar, nos permitirá aprender saberes que enriquecerão a nossa história.

**Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras,
mas também seu pensamento e suas motivações.
Lev Vigotsky.**

Capítulo 15

MEMORIAL ACADÊMICO DESCRITIVO

Maria do Socorro de Araújo Alves



"A leitura do mundo precede a leitura da palavra"
(Freire, 1989, p.9)



INTRODUÇÃO

Exponho neste memorial minha vida, meus anseios e minha história, ancorada no pensamento da pedagogia Freiriana, incluindo nesse percurso minha caminhada acadêmica a começar por minha infância e alfabetização. Sou paraibana, nascida em Campina grande em 27 de abril de 1959 dos pais, Antonio Tomé de Araújo (in memoriam) e Laurita Souto de Araújo.

Descrevo acontecimentos relevantes que marcaram minha infância, adolescência e maturidade. Seja de forma positiva ou negativa, ganhei aprendizado social, cognitivo e profissional, além das superações emocionais. Minhas memórias afetivas foram de certa forma, um pouco abafadas por memórias desfavoráveis.

Inicialmente, apesar de uma situação financeira razoável, havia uma inconstância nessa área, meu pai (in memoriam) anoitecia rico e amanhecia pobre, construiu vários empreendimentos em constantes mudanças e perdas financeiras que eu e meus irmãos e irmãs não compreendíamos essas alterações bruscas, crescemos sem uma referência social que nos trouxesse reconhecimento situacional. Minha mãe, Laurita Souto de Araújo, meu amor primeiro, minha grande referência, dedicou toda sua vida à criação e proteção de seus dois filhos e de suas seis filhas.

Além da instabilidade financeira, meu pai tinha uma acentuada instabilidade de humor com frequentes mudanças de comportamento, fatos que deixavam minha mãe muito insegura e submissa, temia seu autoritarismo e atitude inesperada. Cresci em um ambiente de medo e inconstâncias que me deixaram marcas e baixa autoestima.

Ainda com dois anos de idade meus pais aderiram à Igreja Assembleia de Deus, uma das correntes religiosas mais rigorosa e proibitiva no cenário cristão. Fui crescendo e me relacionando com pessoas sem visão social, rudes e repressoras, deixando a leitura de minha infância e adolescência muito obscura, com poucas memórias afetivas, porém, as poucas que carrego comigo, trago-as bem guardadas em minha essência. As memórias tristes estão turvas e vencidas por todas as conquistas e vitórias contempladas ao longo de minhas seis décadas e meia de vida.

Evidencio também, que não posso deixar de relatar que, além da repressão familiar e religiosa, também sou fruto da ditadura militar que assolou em nosso país no período de 1964, quando eu tinha apenas cinco anos de idade. Assim cresci, entre ordens, regras e medos constantes, por essa razão me considero uma mulher resistente, assim como minhas manas que também são exemplos de mulheres resistentes e vencedoras. Um ano morando em uma casa linda e grande, outra época em um sítio cheio de árvores, agricultura e pecuária, em seguida me via numa casa pequena com poucos recursos e muita reclamação de meu pai externando que não

sabia se teríamos feira em casa na semana seguinte, sendo assim, o medo de não termos alimento acompanhou parte de minha infância, medo desnecessário, pois nunca faltou alimento em meu lar.

Quando nós, filhas e filhos, crescemos e começamos a trabalhar, apesar dos rigores ainda persistirem, começamos a nos libertar e dar rumos desejados às nossas vidas. Finalmente vivemos uma certa estabilidade, fixados em uma boa casa própria e vida social mais organizada. A escola pública e a universidade federal fizeram parte de nossas vidas e nos proporcionaram aprendizados e preparação para um futuro melhor.

TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

Começo a leitura de minha infância amparada por nosso ilustre filósofo e educador Paulo Freire quando afirma que “...alfabetizar é muito mais do que apenas ler e escrever; é ler o mundo. O domínio de uma técnica permite apropriação da escrita de maneira a entender o que se lê e escrever o que se entende, a comunicar-se graficamente (FREIRE, 1967).

Minha vida escolar começou aos quatro anos de idade em 1963, na fazenda recém adquirida por meu pai em Pocinhos-PB, na casa que foi construída para abrigar o vaqueiro, uma sala foi preparada para meu irmão mais velho, Leonardo Souto de Araújo, alfabetizar suas irmãs mais novas.

Nesta sala de aula improvisada entrei em contato com o caderno, lápis, livros e demais materiais educacionais da época. Essa vivência durou apenas um ano, pois em 1964 meu irmão foi estudar em Campina Grande. PB. No ano seguinte toda família se mudou para Campina Grande juntar-se ao filho que lá já estava. Neste ano estudei em uma escola particular da Igreja Presbiteriana, na pré-escola, que hoje é denominado de Educação Infantil.

No ano seguinte, 1966 voltamos para a fazenda de nosso pai na pequena cidade de Pocinhos onde passamos a estudar na “casa do leite” de meu avô paterno (in memoriam), onde mais uma vez, um ambiente foi adequado para receber suas netas, filhos e filhas do segundo casamento do meu avô e assim possibilitar a continuidade de nossos estudos, agora sob os cuidados e ensinamentos da professora lete (in memoriam), reconhecida por sua dedicação e capacidade como educadora em toda cidade.

Com a professora lete, fiz o que chamavam na época de 1º ano A, na época era equivalente à alfabetização, ano anterior ao ensino primário. Trago muita gratidão ao meu avô José Tomé por não ter aceitado que ficássemos sem escola neste ano, visto que, meu pai ao ser questionado por estarmos sem estudar, respondia que na escola de pobre a terra era o caderno e a enxada era o lápis.

No ano de 1967, a Paraíba foi acometida por uma epidemia de febre tifóide, como morávamos na fazenda e quase toda família foi acometida por essa febre, meus pais decidiram mudar para a área urbana da cidade de Pocinhos, onde comecei o 1º ano primário, agora em um quarto transformado em sala de aula na casa de meus pais, ainda na mesma cidade. Quem ministrava as aulas com muita austeridade e determinação era minha irmã Maria Lauricéa de Araújo com idade de quatorze anos de idade. Em 1968 continuei os estudos, agora no 2º ano primário e ainda em casa com minha irmã Lauricéa.

Os caminhos percorridos por mim e minha família em busca de estudo e em situações bem adversas, faz-me lembrar mais uma vez de nosso ilustre educador Paulo Freire, quando afirma que “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (1983, p.96). Só através de muito amor e muita coragem, pudemos ter direito as primeiras letras e sermos alfabetizados pelo nosso irmão primogênito e primeira irmã, toda minha gratidão e reconhecimento de seus esforços e boa vontade para comigo e manas mais novas. Mais uma vez registro aqui minha gratidão ao meu “vovô Tomé” que se preocupou em nos proporcionar em sua linda chácara, um espaço educacional e assim contribuir com nossos primeiros passos para leitura.

Em 1969 fomos morar em João Pessoa onde fui bolsista de uma escola particular, Escola Presidente Kennedy, cursando o 3º ano primário. Em 1970 concluí o “ensino primário”, hoje Ensino Fundamental Anos Iniciais, no Grupo Escolar Santo Antônio, escola pública municipal que funcionava no mesmo bairro onde eu morava.

Iniciei o “ensino ginasial”, hoje Ensino Fundamental Anos Finais, em 1971 no colégio Dom Adauto, escola filantrópica de iniciativa religiosa que funcionava no bairro vizinho ao que eu morava, nessa instituição católica cursei a 5ª série. Em 1972 passei no seletivo para a 6ª série no Colégio Estadual de Jaguaribe, concluindo o antigo ginasial em 1974 com a 8ª série. No ano de 1975 ingressei na Escola Técnica Federal da Paraíba, hoje Instituto Federal, através de seleção por prova escrita, onde cursei o Técnico em Estradas concluído em 1977.

A educação básica concluída com dificuldades me preparou para escolhas profissionais que me deixaram a certeza da melhor escolha. Ao concluir o Técnico em Estradas na Escola Técnica Federal, ainda na década de setenta do século passado, não recebi apoio nem incentivo de amigos e familiares, para enfrentar o trabalho em alojamentos, na sua maioria na zona rural em terrenos isolados e distantes da zona urbana, me levando a decidir por adentrar na carreira do magistério, começando por Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba quando fui aprovada em 1980.

Quando entrei na universidade, em 1980, eu já trabalhava durante o dia, fato que me levou a estudar no turno noturno, chegando em casa muitas vezes, bem tarde e muito cansada da rotina. Em 1983 recomecei minha vida solicitando transferência para o Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Maranhão, ano que me casei com um maranhense, vindo morar em São Luís, onde me encontro até os dias atuais.

Comecei o curso de Licenciatura em Educação Artística na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em agosto de 1984, finalmente, concluindo em abril de 1994, período conturbado entre greves por melhorias na educação superior e três gravidezes, alongando assim o tempo da licenciatura que demorou uma década para sua conclusão.

O Curso superior para docência em Educação Artística no Ensino Fundamental e Ensino Médio me abriu o olhar sobre a importância da educação através da Arte no sentido mais amplo, tanto na formação humana como na formação acadêmica e profissional, levando o estudante a compreender melhor seu meio circundante e suas inúmeras formas de expressão a serem vividas e compartilhadas.

No ano de 1997 fiz curso de aperfeiçoamento “Conhecendo as expressões artísticas”, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Curso semipresencial concluído com êxito e muito aprendizado a ser compartilhado em sala de aula com alunos da rede pública estadual do ensino médio, minha clientela na época. O referido curso me proporcionou práticas artísticas que foram desenvolvidas com o corpo discente de forma exitosa.

Cursei especialização em “Arte terapia na saúde e educação” pela Universidade Cândido Mendes, de forma semipresencial, concluído em 2007 com certa dificuldade no acompanhamento, porém, muito contribuiu no desenvolvimento da minha didática com alunos pré-adolescentes e adolescentes, momentos que necessitam de um olhar mais humano e preparado para lidar com conflitos próprios desta faixa etária.

Com mais de vinte anos de magistério, lecionando Arte no Ensino Fundamental e Médio, resolvi correr atrás de um antigo sonho, fazer Mestrado na minha área de atuação. Em 2018 tomei conhecimento que estavam abertas as inscrições para a terceira turma do Mestrado Profissional em Artes na Universidade Federal do Maranhão, oferecido em rede para algumas universidades federais conveniadas. Comecei imediatamente a me preparar com a documentação exigida, leituras apropriadas para prova escrita e um breve memorial descritivo, com grande esforço e dedicação deu tudo certo, fui selecionada.

Comecei o referido Mestrado em agosto de 2018, de forma presencial, com exceção do último período que aconteceu no primeiro semestre de 2020, mo-

mento pandêmico do Covid 19, que levou a necessidade da educação à distância (EAD) no último período do curso, sendo concluído em outubro de 2020.

A dissertação final foi apresentada com o título: Uma experiência com as linguagens pictórica e fotográfica no processo de ensino e aprendizagem, sob a orientação do professor doutor José Almir Valente Costa Filho. Experiência desenvolvida com a participação dos (as) discentes do 8º e 9º anos da Escola Caminho das Estrelas, escola assistencial da Aeronáutica, sediada no Centro de Lançamento de Alcântara.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Contando um pouco de minha história de vida educacional e profissional, só posso concordar mais uma vez, com o que nos diz um dos maiores educadores do nosso planeta, Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*: “O educador se eterniza em cada ser que educa” (1996, p.18).

No mesmo ano que terminei a Licenciatura em Educação Artística, 1994, passei em concurso público, assumindo o cargo de professora do Ensino Médio no Estado do Maranhão, para lecionar a disciplina de Educação Artística.

O início de minha trajetória na docência foi no Centro de Ensino Médio Coelho Neto, no turno vespertino. Cheia de disposição e vontade de melhorar a educação através da arte, comecei um trabalho com estudos voltados para a história da arte, fazendo da leitura de obras como reconhecimento das mudanças sociais geradas pela humanidade e suas novas descobertas.

Em seguida, conduzia os alunos por caminhos onde pudessem identificar os elementos visuais e estruturais de uma obra de arte visual, musical e cênica, sempre contextualizada com atividades artísticas como produção individual ou coletiva. O primeiro ciclo neste Centro de Ensino findou em 2011, quando foram encerradas as atividades pedagógicas no turno noturno.

Em 1996, lecionei na Cooperativa Educacional da Universidade Federal do Maranhão (COESUFMA), onde consegui desenvolver um trabalho em sala de aula com exercícios cênicos e dinâmicos em grupo. Neste mesmo ano, participei da pesquisa “História das ruas e becos do Centro Histórico de São Luís”, apresentada na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Neste trabalho orientei alunos das turmas do Ensino Médio na construção de uma maquete de parte do Centro Histórico da referida cidade. O trabalho ficou na segunda colocação no ranking da área de História. Os frutos desse projeto não ficaram apenas na boa colocação. Ele abriu caminhos para a parceria entre o CEM Coelho Neto e o Museu de Artes Visuais do Maranhão que nos emprestou 12 telas do seu acervo para uma exposição naquela escola durante uma semana de muito sucesso e procura pela comunidade escolar.

Em 1997 assumi uma condição especial de trabalho (CET), na época, conhecida como dobra de carga horária. Nessa condição, fui lotada na Escola Estadual Artur Carvalho, onde lecionei arte e desenho geométrico no Ensino Fundamental.

Em termos de projetos, em 1998 participei de uma ação da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) com o tema “Dia da Virada”, desenvolvido em algumas cidades do Maranhão em finais de semana, fazendo parte da equipe como coordenadora da Oficina de Artes Plásticas onde durante todo o dia de sábado, as escolas municipais participavam com alunos desenvolvendo trabalhos nas várias oficinas, no final do dia acontecia uma mostra com resultados das produções artísticas, literárias, de gastronomia, esportivas e de saúde.

No ano de 1999, assumi a disciplina de Arte, também no turno matutino do CEM Coelho Neto, dando continuidade às atividades artísticas contextualizadas com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Neste mesmo ano, elaborei e executei um projeto em que a Cultura Popular foi pesquisada e analisada como conhecimento e identidade do povo, mobilizando toda escola com interdisciplinaridade e participação de toda comunidade escolar nos turnos matutino e vespertino. Foi sucesso.

Também lecionei Arte no Centro de Ensino Médio Bernardo Coelho de Almeida, no turno noturno, como contratada, enfrentando as dificuldades de trabalho com os alunos deste turno, em sua maioria, empregados do comércio, empregadas domésticas e pedreiros que, com todo cansaço de um dia trabalhado, ainda encontravam força de vontade para participar dos trabalhos artísticos com vontade e criatividade.

No ano 2000, lecionei como contratada no Centro de Ensino Médio Erasmo Dias onde desenvolvi um trabalho de pesquisa sobre a História da Arte contextualizada com produções plásticas expostas na escola durante a Mostra Cultural, sempre com o objetivo de levar o estudo da arte para o cotidiano dos alunos a partir de práticas culturais.

Em 2001 participei do projeto pedagógico do CEM Coelho Neto “Maranhão, nossa terra, nossa gente, nossos contos e encantos”, como colaboradora da primeira obra literária dos nossos alunos com o título: RETRATO POÉTICO, estimulado assim o protagonismo juvenil.

Em 2002, concorri à única vaga para Educação Artística da Escola Caminho das Estrelas (ECE), sediada no Cento de Lançamento de Alcântara (MA), escola do Ensino Básico Federal de caráter assistencial, vinculada ao Ministério da Defesa. Esta escola é responsável pelo Ensino Fundamental dos dependentes de servidores civis e militares moradores da vila militar da cidade de Alcântara, e ainda alunos da comunidade alcantareense, sem vínculo com a Aeronáutica.

Aprovada no concurso da ECE, elaborei e efetivei o projeto “Pintura com Sopro”, levando os alunos produtores dos três melhores trabalhos, para o Centro de Lançamento Barreira do Inferno (CLBI) em Natal, no ano de 2004, como prêmio.

Em 2005, a comunidade escolar ECE participou da exposição em homenagem ao Dia do Aviador. A ação aconteceu no Aeroporto Internacional Hugo da Cunha Machado, em São Luís (MA) e contou com exposição de trabalhos artísticos produzidos por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Neste ano assumi a Coordenação Pedagógica da escola, através de eleição, saindo deste cargo em dezembro de 2006 para assumir a Direção da mesma instituição de ensino, também de forma democrática, por eleição, permanecendo no cargo até abril de 2011. Neste período não me afastei da sala de aula, lecionando Arte para as turmas do 6º ao 9º ano da referida escola.

Entre 2012, com fechamento do turno noturno do Centro de Ensino Coelho Neto, fui transferida para a Escola Professora Doralice, no bairro do Coroadinho (São Luís, MA) no turno noturno, onde continuei lecionando Arte. Mais uma vez, desenvolvi trabalhos contextualizados com produções visuais e trabalhos cênicos voltados ao cotidiano da comunidade escolar.

Em 2013, reassumi a Coordenação Pedagógica da Escola Caminho das Estrelas por dois anos, através de eleição, dando continuidade à gestão democrática implantada na minha gestão escolar. Saí da função de Coordenadora Pedagógica no final de 2014 e em janeiro de 2015, assumi mais uma vez a direção da Escola Caminho das Estrelas, democraticamente eleita pelos meus pares para o cargo, cumprindo o biênio até dezembro de 2016.

Em 2014 voltei a lecionar no Centro de Ensino Coelho Neto, noturno, visto que esta instituição de ensino reabriu neste turno com o Curso Técnico na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Neste período lecionei Arte voltada às necessidades técnicas do curso, comunicação, publicidade e leitura iconográfica, com a intenção de tornar as aulas de Arte mais dinâmicas e funcionais, praticando e contextualizando cada conteúdo trabalhado em sala de aula com o uso de imagens e leituras visuais.

Em 2018, aprovada no Prof-Artes pela Universidade Federal do Maranhão, conforme já mencionado anteriormente, concluí o Mestrado em Artes em outubro de 2020 com dissertação final sobre a experiência pictórica e fotográfica no ensino das Artes Visuais. Neste ano eu já estava aguardando a portaria com minha aposentadoria do magistério estadual, que foi efetivada em dezembro de 2020, ficando no pleno exercício do magistério apenas na Escola Caminho das Estrelas.

Em 2019, a mim, foi concedida a Medalha “Mérito Santos-Dumont” pelo Comando da Aeronáutica em reconhecimento aos destacados serviços prestados

à Força Aérea Brasileira. Ainda em 2019 participei do projeto de extensão do IFMA Alcântara e ainda apresentei trabalho “FOTOFORMAS 2018” no I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCADORXS E PESQUISADORXS DA FOTOGRAFIA E DO CINEMA que aconteceu da cidade de Alcântara - MA

No ano de 2021 participei do projeto de extensão II Mostra de Curta e Fotografia do IFMA Campus Alcântara “Desafios em Tempos de Pandemia”, no período entre 01/03/21 e 14/06/21. Esta parceria nos levou, eu e mais quatro colegas professoras, ao artigo de título “NARRAÇÃO DAS ESTRELAS: práticas pedagógicas na pandemia, publicado no volume 3 da coleção Cotidiano escolar: Os diferentes projetos e as práticas pedagógicas / Jussara Cassiano Nascimento (organizadora) - Curitiba: CRV 2022, 308p.

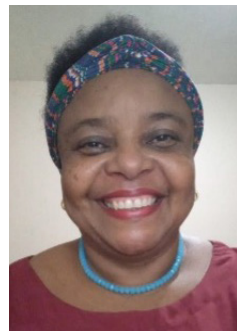
Em 2022 desenvolvi na Escola Caminho das Estrelas, o projeto interdisciplinar EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ALCÂNTARA: este patrimônio é nosso. Trabalho que me possibilitou mais uma vez, publicar um artigo no volume 4 da Coleção Cotidiano escolar: Práticas Pedagógicas em Colégios Assistenciais / Jussara Cassiano Nascimento, José Carlos Pistilli, Bianca de Fátima F. J. Pantoja e Maria Júlia Nunes colega professora Maria Júlia Nunes (organizadoras) – Curitiba: CRV 2023, 316p.

Em agosto de 2022 mais uma vez fiquei à frente da coordenação dos Anos Finais até dezembro de 2023, quando fui convidada para assumir o Setor Técnico de Planejamento e Avaliação (STPA) da mesma escola, missão que me foi confiada e assumida a partir de janeiro do ano em curso. Atualmente, da mesma forma que aconteceu quando exerci cargos de gestão anteriormente, continuo em sala de aula, ministrando aulas de Arte para os Anos Finais do Ensino Fundamental e também para o 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Capítulo 16

MEMORIAL

Maria do Amparo Torres Pinheiro



A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado.

Jorge Larrosa



Minha infância foi muito especial, parte dela passei com meus avós. Minha mãe me deixou na casa deles, desse modo, morava eu, minha avó, meu avô, meu tio e minha tia, que eram os filhos caçula deles. Minha tia estudava para ser professora, e gostava de me ensinar em casa. Lembro que ela comprou uma cartilha colorida com o título o ABC dos animais era bonita e muito atrativa, nela aprendi as letras associando ao nome dos animais.

Ao exercitar minha memória aproveitei para evocar as letras do alfabeto, que na época tinham 23 letras, onde cada página apresentava a figura de um animal com destaque para a escrita da palavra e da letra inicial, onde tenha a seguinte: A de águia; B de borboleta; C de coelho, D de dromedário; E de elefante; F de falcão; G de garça; H de hipopótamo; M de macaco, N de nambu; O de onça; P de pavão; Q de quati; R de raposa ; S de sapo; T de tucano; U de urso; V de veado; X de xexéu e Z de zebra. Essas experiências ficaram na minha memória, minha alfabetização iniciou nas brincadeiras em casa com minha tia que brincava de ser professora.

Eu era a única criança da casa, era muito querida pelos avós e tios. Certo dia, descobri que minha avó e meus tios morariam no Rio de Janeiro, fiquei muito triste, pois eu e meu avô iríamos ficar em São Luís, mas logo minha mãe, meu pai e meus irmãos viriam morar conosco.

Com a chegada de meus pais, minha rotina ficou diferente, eu já não era a única criança da casa, precisava aprender a compartilhar meus brinquedos com meus irmãos e logo iniciei os estudos em uma escola perto de casa. Era uma escola comunitária, a escola da Dona Laura, assim ela era conhecida no bairro. Todas as crianças pequenas iam para esse jardim de infância, cujo uniforme era uma saia azul-marinho plissada com suspensórios, blusa branca, sapato preto e meia branca.

Ao concluir o ciclo da alfabetização nessa escola, fui inscrita no seletivo para pleitear uma vaga para a 1ª série do primário em uma escola municipal em um outro bairro, em uma escola bem distante da minha casa. Me lembro que no meu bairro não havia escola pública para crianças. Ao ingressar nessa escola, senti a diferença, pois era uma escola muito grande, todas as séries tinham muitas salas, tinha o 1º ano A, B, C e D e assim era nas demais séries, eu era uma aluna muito esforçada tirava boas notas nunca fiquei reprovada.

Por ser uma escola distante, minha mãe com as outras mães faziam revezamento para levar as crianças, cada mãe tinha seu dia de levar todas as crianças para a escola, quando fui ficando maior já íamos sozinhos para a escola. Me lembro das leituras feitas em sala de aula. Fazia parte da rotina da professora a leitura, fazíamos a leitura silenciosa e depois a leitura oral. Eu era uma menina muito tímida. Minha professora me pediu para fazer a leitura oral para a sala, fiquei tão envergo-

nhada que gaguejei e ela mandou eu calar, fiquei tão bloqueada que não conseguia fazer leitura em lugar nenhum.

Esse bloqueio continuou no ginásio não participava de atividade de leitura oral, tinha bloqueio para ler, fazia minhas atividades, mas não conseguia ler para o grupo, isso foi muito difícil de ser superado. Esse trauma só foi superado, quando iniciei minhas aulas de reforço escolar para crianças da minha rua. Quando concluí o último ano do primeiro grau, nessa época, o caminho de acesso para ensinar e ser uma professora de verdade era pelo acesso ao curso normal, onde as professoras com o nível de 2º grau podiam lecionar na educação infantil e nos anos iniciais.

A política educativa do estado do Maranhão, nessa época, dava-se pelo encaminhamento automático dos alunos do 1º grau para as escolas profissionalizantes do 2º grau, escolas cujo o objetivo era profissionalizar para os cursos técnico de enfermagem, administração, técnico de laboratório dentro outros.

Minha certeza de querer ser professora iniciou muito cedo, fiquei muito feliz quando meu nome saiu na relação de alunos que iriam para o Instituto de Educação do Maranhão, escola referência na formação de professoras normalistas na época.

No 1º ano do curso tínhamos disciplinas como Sociologia, Psicologia e Filosofia dentre outras, o curso já nos preparava para a docência, a disciplina de Língua Portuguesa já nos colocava de frente com a literatura brasileira, onde tínhamos que apresentar os textos literários em forma de seminários que nos enriqueciam e possibilitavam o desenvolvimento oral de cada aluna.

Nesse contexto, as salas eram formadas somente por meninas, não havia meninos no curso, acredito que porque na época os meninos não se interessavam muito por ser professor de crianças. A partir do 2º ano do curso, as alunas iniciavam o estágio supervisionado apenas para acompanhar as alunas do 3º ano que já eram regentes de sala, como estagiária do 2º ano as alunas já interagiam com o processo ensino aprendizagem na escolar campo.

As alunas do 2º ano no campo de estágio, registravam suas observações que serviam de apoio para seus aprendizados, onde tais registros à luz da Didática serviam para a construção de sua prática como futuras professoras.

Ao concluir o curso normal, fui para a cidade maranhense de Lago verde, onde fui nomeada pela Secretaria de Estado da Educação, assim, pude assumir minha primeira sala de aula como professora efetiva em uma sala de aula em uma turma de 1ª série. Diante do que aprendi no curso normal, me senti segura para atuar como professora nessa série.

No ano seguinte fui transferida para São Luís, onde fui lotada em uma escola de ensino fundamental chamada “Estado de Alagoas” no bairro da Alemanha,

onde assumi uma turma de 3ª série no turno matutino, nesse período, no noturno iniciei o curso de 4º ano adicional na mesma escola onde conclui meu curso normal, o Instituto de Educação do Maranhão. Nessa época, foi oferecida a primeira turma de curso preparatório para o atendimento aos alunos que seriam atendidos em classes especiais com Deficiência, que tinha a terminologia de (DM) para alunos com Deficiência Mental e (DA) para os alunos com Deficiência auditiva. Vale destacar que esses cursos por fazer parte de determinações do artigo números 9 da Lei 5692/71. Se deu em diferentes estados da federação, Mazzota afirma que,

Na quinta parte do plano ora analisado, são propostos os instrumentos para a ação, abrangendo recursos institucionais e recursos financeiros. Dentre os sete recursos institucionais recomendados, destacam-se: “regulamentação do tratamento especial a ser dispensado ao excepcional, conforme artigo 9º da Lei Nº 5692/71” e “Fixação de critérios para a instalação e funcionamento de classes especiais da rede de ensino estadual”. Para ambos são apresentadas minutas dos atos oficiais.

A primeira subsidiou a elaboração da Deliberação CEE nº 13/73 e a segunda, a Resolução SE nº 73/78, ambas analisadas anteriormente. (MAZZOTA, 2005 p.168-169).

Desse modo, no Maranhão a rede estadual de ensino se preparava para o atendimento educacional aos com deficiência que estavam fora da escola, ou eram atendidos em instituições filantrópicas. A rede estadual de ensino precisava criar as salas, e ter professores que acolhessem e ensinasse os alunos nas diferentes salas especiais.

Nesse contexto, foi aberto um seletivo onde as professoras poderiam ocupar uma das vagas no curso a nível de 4º ano adicional, para atender os alunos deficientes na rede estadual de ensino. O curso tinha uma formação específica, as professoras que quisessem trabalhar com alunos com Deficiência Mental tinham uma turma, as que quisessem trabalhar com alunos com Deficiência auditiva tinham outra turma. Na conclusão do curso, as classes especiais foram abertas e iniciou assim o atendimento em classes especiais no Maranhão.

Em continuidade a jornada no magistério, participei do curso preparatório para o primeiro vestibular para professores da rede estadual promovido pela Universidade Estadual do Maranhão, onde fui aprovada na primeira turma, assim pude prosseguir minha caminhada acadêmica concomitante com a minha jornada profissional.

Em 1998 pude fazer minha primeira pós-graduação em Educação Especial na Universidade Federal do Maranhão sob a coordenação do Professor Erasmo Campelo. O curso já nos preparava para o processo de inclusão escolar. Nesse contexto, as classes especiais já estavam sendo desfeitas e os alunos paulatinamente sendo incluídos nas salas de ensino comum.

É importante destacar que o processo de inclusão escolar na rede estadual de ensino no estado foi bastante difícil, apesar das inúmeras formações de professores, a resistência em receber os alunos com deficiência era uma constante. Nesse contexto, deixei de ser uma professora de classe especial e passei a fazer parte da equipe de professores do atendimento educacional especializado, e pude acompanhar nas escolas o processo de inclusão.

Na dinamicidade do processo de inclusão, fui relocada para Centro Apoio Pedagógico “Anna Maria Patelo Saldanha” Centro de referência à pessoa deficiente visual, onde fazia acompanhamento aos alunos deficientes visuais inclusos nas escolas de ensino comum.

No ano de 2002 fui aprovada no concurso público para ser professora a Aeronáutica, a escola fica nas dependências do Centro de Lançamento de Alcântara, é uma escola que passou muitos anos funcionando em instalações provisórias. Quando cheguei, já havia um grupo trabalhando na escola. Eu e meus colegas fomos efetivados na segunda turma. Onde trabalhei até o ano de 2010, no segundo semestre, fui aprovada no concurso para atendimento aos alunos com deficiência visual na Universidade Federal do Maranhão, a atividade era acompanhar tais alunos nos diferentes cursos no campus. Entretanto, com a regulamentação da função para esse atendimento, percebi que profissionalmente não era o que eu queria.

Insatisfeita com atendimento educacional na universidade, optei por retornar para sala de aula de ensino fundamental na escola da Aeronáutica, que atendia antes da aprovação no concurso para a Universidade. Nesse contexto, concluí também minha missão no atendimento educacional especializado na rede estadual de ensino.

Atualmente, sigo na atuação como professora da educação básica do quadro permanente do magistério da Aeronáutica. Participo do grupo de estudos organizado pela professora Doutora Jussara C. Do Nascimento que incentiva os professores das três escolas assistenciais da Aeronáutica a participarem dos encontros de formação e valorização das práticas docente.

Nessa caminhada formativa pude ingressar no mestrado profissional do Programa de Pós-graduação e gestão de ensino da educação básica, sigo com interesse em pesquisar o REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO SEMIÓTICA: A construção do conhecimento numérico através da adaptação da Tabela de Pitágoras

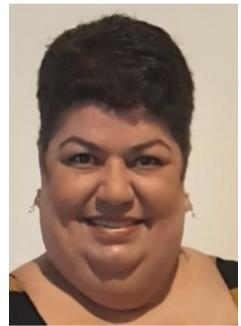
com alunos do 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, pretendo seguir o caminho da pesquisa para atuar com criticidade no meu cotidiano profissional.



Capítulo 17

REMEMORANDO

Suzana do Nascimento Santos



Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas que me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa

Cris Pizzimenti



Inicio minha trajetória escolar aos cinco anos de idade em uma escola particular denominada Escola Modelar Cambaúba (EMC) situada no bairro da Ilha do Governador no Estado do Rio de Janeiro. Lá estudei até o ano de 1981 e vivi momentos felizes dos meus primeiros anos nos bancos escolares. Minha saída do ensino particular ocorreu devido a entrada de minha irmã, com seus então cinco anos de idade, em uma outra escola particular e, por meu pai, sendo a única fonte de renda da família, não ter condições financeiras de manter duas filhas em escolas particulares.

Assim, ingressei no 5º ano do ensino fundamental I, àquela época 1º grau, do Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), uma escola assistencialista do Ministério da Aeronáutica, situada na Ilha do Governador, que nos anos de 1982 admitia pela primeira vez filhos de civis em suas dependências escolares desde que o responsável legal pelo menor fosse indicado por um militar de carreira, com patente acima de oficial intermediário, e fizesse o pagamento de uma taxa administrativa.

Até aquela época a entrada no CBNB a civis não era feita através de concurso público, apenas era possível ingressar na condição explanada acima. Neste local, tive minha vida acadêmica até o terceiro ano do ensino médio, àquela época 2º grau. Nesta escola vivi momentos felizes, outros de angústia, fiz grandes amizades com alunos e professores que carrego até hoje como parte da minha vida. Mas, não imaginava que, anos mais tarde, retornaria aquele mesmo espaço físico não mais como aluna, mas como professora de língua inglesa.

Mesmo antes de iniciar meu ensino médio, tinha a certeza de que cursaria Letras e faria meu caminho profissional como professora. Segundo minha mãe, essa certeza, na verdade, já existia desde os meus seis anos de idade quando colocava todas as minhas bonecas alinhadas e, como professora, ensinava em um quadro de giz, tudo aquilo que havia aprendido em minha escola, a qual eu carinhosamente chamava de casinha porque a educação infantil da EMC ficava em um espaço que parecia uma casinha de bonecas. A cada dia, meu futuro se delineava mais claramente frente aos conselhos que recebia de meus professores, em especial, aqueles de línguas estrangeiras, tanto no curso de inglês quanto no próprio colégio. O rumo que viria a trilhar tornava-se quase que evidente para mim e para aquelas pessoas que me conheciam de perto.

Foi assim que, em 1988, prestei vestibular para Letras Português- Inglês em duas universidades públicas que possuíam os mais renomados cursos de línguas naquele ano: Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Minha decisão ia contra a vontade de meu pai que achava que eu tinha capacidade intelectual para passar em cursos mais renomados como Direito ou Medicina, mas que aceitou minha decisão ao ver que era realmente aquilo que eu queria para a minha vida. Não posso negar que minha mãe, com

seus sábios conselhos, teve grande contribuição no convencimento para o aceite de meu pai. Alguns meses depois, meu pai lia, no jornal, meu nome nas primeiras posições das listagens das referidas universidades.

Lembro-me dele ao me acordar pela manhã, com lágrimas nos olhos, com o jornal dos Esportes, um jornal rosa, que divulgava as listagens dos vestibulares do Estado do Rio de Janeiro, emocionado com a minha conquista. Passei nos dois vestibulares. Por ter sido aprovada com as melhores notas na minha área de concentração, eu e minha família fomos convidados a participar do jantar com o reitor tanto da UFF quanto da UFRJ. Naquele ano, os resultados da UFRJ demoraram a ser divulgados e cursei cerca de dois meses na UFF. Porém, optei por continuar minha vida de graduanda na UFRJ, no curso de Letras Português-Inglês pela proximidade desta à minha casa.

O meu ingresso em uma universidade pública renomada foi motivo de grande alegria para toda a minha família. Naquela época, ser universitária vinda de uma família com poucos recursos financeiros era motivo de grande orgulho; principalmente, em uma família na qual eu seria a primeira a ingressar no ensino superior. Era visível o orgulho e a certeza de meus pais e parentes de que meus esforços e o suporte de minha família levaram à minha aprovação nas universidades para as quais me candidatei; nas primeiras posições de classificação sem ter feito os famosos “cursinhos pré-vestibulares” da época.

Assim, abri caminho para que meus primos e primas, mais jovens do que eu, também sonhassem, acreditassem e corressem atrás de seus sonhos de que era possível passar para uma universidade pública estudando de forma organizada, com afinco, propósito e foco, mesmo sem a família ter uma situação financeira abastada como era o pensamento daquela época.

Por ser fluente na língua inglesa, ter didática e paciência em ensinar inglês, iniciei, no ano de 1989, tanto minha vida acadêmica universitária, quanto minha vida profissional. Comecei a trabalhar em um curso de idiomas no mesmo bairro onde morava, na Ilha do Governador e, simultaneamente, a universidade me subsidiava tanto com os conhecimentos acadêmicos, quanto com os contatos de indicações de professores, para ministrar em cursos e escolas que ofereciam a língua estrangeira.

Na universidade fiz novas amizades, tanto com o corpo docente quanto discente. Nessas tecituras da vida, tive uma professora que foi minha guia-mãe acadêmica, Prof^a Dr^a Sonia Zyngier, que me incentivava a acrescentar experiências a meu currículo acadêmico com cursos de extensão e vivências dentro e fora do espaço acadêmico. Por indicação desta professora, participei de vários eventos como tradutora, como guia linguística de grupos de professores vindos do exterior e como redatora de um jornal americano durante a Rio/Eco-92, evento mundial que aconteceu no Rio de Janeiro.

Foi assim que minha atuação profissional e currículo acadêmico foram se construindo. Já no ano de 1992, decidi me matricular no curso de aperfeiçoamento em Licenciatura Português-Inglês no campus da Faculdade de Educação da UFRJ, localizada no bairro da Urca. Ao término do curso de Licenciatura em 1993, decidi não aprofundar meus estudos em um curso de Mestrado *stricto sensu*. Optei em me dedicar ao meu desenvolvimento profissional em cursos de línguas e escolas de ensino básico, dentro da disciplina de língua estrangeira porque tinha metas de crescimento pessoal que demandavam capital financeiro e não apenas intelectual.

Continuei após o término de minha licenciatura ministrando em cursos de línguas estrangeiras sempre me candidatando para cursos que pudessem me dar um maior aporte financeiro e estabilidade para alcançar meus objetivos. Foi com o intuito de cumprir os objetivos de comprar um imóvel próprio e viajar ao exterior que trabalhei em diferentes cursos de língua estrangeira particulares. Tive ainda a experiência de trabalhar em duas escolas particulares de educação básica, mas percebi que as escolas pagavam salários muito abaixo do que ofereciam os cursos de idiomas e que assim, demoraria mais tempo para angariar os recursos financeiros necessários rumo aos meus sonhos que se concretizaram em anos diferentes: a primeira viagem em 1994 e a casa própria em 2000.

Continuei, durante o período de 1989 a 2009, a fazer cursos de formação complementares que me proporcionassem aperfeiçoamento não somente na minha didática em sala de aula, mas também, que tornassem as disciplinas de língua inglesa e portuguesa cada vez mais respaldadas na realidade, necessidade e propósito dos meus discentes. Sempre tive a preocupação de estar atualizada e vinculada a instituições onde a pesquisa acadêmica estivesse sendo desenvolvida. Fiz cursos direcionados a: Linguagem e técnica do romance Brasileiro, English for Specific Purposes, Composition writing, Colloquial English, Leitura e produção de textos dissertativos, Métodos empíricos para discursos transculturais, Ensino de leitura em língua estrangeira e O jovem pesquisador na área de Letras.

Foi nesta fase que comecei a me questionar sobre o fato de que apesar de possuir experiência dentro da esfera particular, não havia até então pensado em concorrer a um cargo público dentro da minha área de educação com o objetivo de dar o retorno à sociedade que investiu e continuava a investir em mim dentro de uma universidade pública e de ter o tão sonhado emprego estável na esfera pública.

No ano de 2003, ao ler o periódico diário, me deparei com uma nota que anunciava um concurso público dentro da esfera federal, no colégio onde havia estudado. O edital do concurso previa apenas uma vaga para língua estrangeira e, mesmo sem possuir cursos de pós-graduação *lato* ou *stricto sensu*, decidi me candidatar à vaga. Estar atualizada através de cursos oferecidos em diferentes

instituições públicas e privadas, inspirou-me a dialogar com as teorias educacionais com a prática pedagógica que eu continuava a desempenhar em sala de aula.

Assim, ao sair o resultado do concurso no início de 2004, minha classificação em segunda posição, deixou-me realizada e vitoriosa, apesar de não me classificar como funcionária pública para aquele concurso. No entanto, a candidata que havia sido classificada na primeira posição para o CBNB, desistiu da vaga por ter optado por outro concurso público no qual passou e, assim, eu, como segunda colocada fui chamada a assumir o cargo de professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico na instituição na qual estudei.

Minha trajetória, em cursos de idiomas e outras unidades escolares de educação básica privadas, permitiram-me construir minha experiência com público e instituições diferentes. Pude ao longo dos anos, trabalhar com diferentes faixas etárias, pessoas de diferentes camadas sociais e culturas. Portanto, os discentes do CBNB não me assustariam como naquele primeiro dia em que pisei em uma sala de aula para ministrar em meu primeiro emprego onde tinha um total desconhecimento da realidade do chão da instituição de ensino. Não houve angústias, mas emoções e alegrias em estar pisando no local em que estudei e ser amiga de docentes que foram meus/minhas professores(as) muitos anos atrás.

Com o desejo de aprofundar meus estudos, no ano de 2008 me inscrevi em um curso de pós-graduação lato sensu na Universidade Cândido Mendes, em Docência do Ensino Superior, apresentei meu trabalho de conclusão de curso voltado para os Estudos Empíricos Literários dentro da Faculdade de Letras que era o tema no qual estava envolvida academicamente naquele período da minha vida. Neste trabalho abordei, dentro de uma metodologia de cunho qualitativo, como a Ciência Empírica da Literatura pode respaldar uma proposta inovadora de se pensar a literatura dentro de métodos científicos de entrecruzamento de teorias, tendo por finalidade a resolução de problemas literários que vão além do texto escrito e de suas possíveis interpretações.

Esta pesquisa vinha sendo delineada nos grupos de pesquisa dos quais ainda sou integrante, a convite da Prof^ª Dr^a Sonia Zyngier. No ano de 2009 retornei, como aluna especial, ao curso de mestrado na Faculdade de Letras da UFRJ. Os grupos de pesquisa estão vinculados a temáticas relacionadas a Estudos Transculturais e Empíricos do Discurso e Research and Development in Empirical Studies, que abrigam pesquisadores de universidades nacionais e estrangeiras, visando investigar os processos discursivos de leitura, produção, recepção, mediação e pós-processamento de textos, através de uma perspectiva transcultural.

Foi através destes grupos que comecei a me envolver e discutir teorias educacionais que me ajudaram a dialogar com a prática; além de ter a oportunidade

de participar de palestras, congressos e seminários que ampliaram minha vontade de retornar aos estudos de pós-graduação *stricto sensu*. Nestes grupos de pesquisa comecei a ter a vivência e a oportunidade de escrever e apresentar trabalhos acadêmicos a nível de mestrado. Este era o local de oportunizar, dialogar e vivenciar o entrelaçamento prática-teoria-prática.

Os anos de 2009 e 2010 foram muito profícuos academicamente. Neles participei como aluna ouvinte do mestrado pelo Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada, nas disciplinas de Métodos Empíricos para Discursos Transculturais e na Leitura Literária e, também, no mestrado pelo Programa de Letras Vernáculas, na disciplina Estudos Temáticos da Ficção-Literatura para crianças e jovens no Brasil. Participei ainda do X Encontro de Ciência Empírica em Letras na UFRJ, como coordenadora de sessão e palestrante. Porém, não pude dar continuidade ao mestrado por ter que assistir meu filho, na época com quatro anos. Priorizei, como mãe, dar o suporte familiar necessário naquele momento de início de sua escolarização. Tomei essa atitude porque os horários das disciplinas do mestrado inviabilizavam a minha continuidade no programa.

Após a conclusão do curso de pós-graduação, candidatei-me a um novo concurso público como professora PI de Língua Inglesa para a Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ). Foi assim que em 2011, aprovada no concurso, assumi a função e passei a ministrar na Escola Municipal Francis Hime, situada no bairro de Jacarepaguá. Atuava, a partir de então, nas esferas municipal e federal convivendo com realidades da educação básica muito díspares. Não conseguia determinar se essa diferença existia por problemas de planejamento, implementação e gestão ou apenas por problemas de orientações curriculares. Notava que existia uma lacuna entre as duas esferas, porém precisava de um maior respaldo teórico que balizasse a minha teoria.

Decidi então, no ano de 2014, me inscrever em um segundo Curso de Especialização voltado para o Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância, na UFF buscando esse embasamento gestor, que não possuía até então. Concluí o curso em 2017, quando apresentei como trabalho de conclusão de curso, “A Implementação do Ambiente Virtual de Aprendizagem e a Mediação Pedagógica nas Instituições de Ensino a Distância”, focando no material didático como instrumento potencializador na comunicação entre professores e alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Porém, continuei a sentir falta deste embasamento gestor, visto que o curso focava demasiadamente na educação a distância e não na educação básica presencial. Devido a esta necessidade de saber mais profundamente dos meandros da gestão de uma escola pública, me candidatei para a Comissão Permanente de Profissional Docente (CPPD) do CBNB, sendo eleita como membro para a gestão do período 2018-2020.

No mesmo ano de 2018 tive a resposta de que meu artigo produzido com duas outras autoras que fizeram o curso de pós-graduação comigo na UFF para a Revista Multidisciplinar do Amapá online, sob o título “Gestão da Educação a Distância, material didático, avaliações na AVA de aprendizagem: crenças e verdades” haviam sido publicadas. Foi de grande alegria ter a primeira publicação em uma revista de Qualis B5, visto que nunca havia submetido artigos e ainda era iniciante na vivência formal da escrita acadêmica.

O acúmulo de realizações e vivências dos últimos anos, me fez ter o desejo de seguir adiante em meus estudos e tentar o mestrado novamente. Foi assim que no ano de 2018, fui aprovada no processo seletivo para o ingresso no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no Colégio Pedro II. Busquei este mestrado por acreditar que sendo um curso profissional, que ocorre em rede nacional, poderia mesclar a minha prática e experiência em sala de aula, dentro da minha área de conhecimento, com técnicas, processos e temáticas que atendessem as necessidades dos discentes não apenas do Curso Técnico em Enfermagem do CBNB, mas de outros cursos técnicos nos quais há uma demanda da sociedade por estudos e resultados de uma educação básica técnica e tecnológica pautada em formação voltada para a pesquisa nesta área de concentração.

A aula magna apresentada pelos coordenadores do mestrado ProfEPT corroborou a ideia que tinha acerca do objetivo do mestrado estar vinculado ao setor produtivo nacional, no sentido de agregar um maior nível de competitividade e produtividade às empresas e organizações, sejam elas públicas ou privadas. Consequentemente, as propostas do curso nesta modalidade apresentam uma estrutura curricular que enfatiza a articulação entre o conhecimento atualizado, o domínio da metodologia pertinente e a aplicação orientada para o campo de atuação profissional específico em que se encontra o mestrando.

Não imaginávamos que o ano de 2020 paralisaria nossas atividades presenciais, meus encontros para a escrita da dissertação com meu orientador, devido a pandemia COVID-19, passaram a ser virtuais. O vínculo da temática de letramento científico dentro de uma abordagem de língua inglesa para fins específicos no Curso Técnico de Enfermagem do Colégio Brigadeiro Newton Braga, face à necessidade relatada pelo corpo docente e discente desta instituição, em relação à dificuldade de lerem artigos, participarem e apresentarem pesquisas em congressos onde a língua inglesa fosse a principal fonte de comunicação escrita, se tornou super atual. Através de questionários, rodas de conversas e entrevistas, pude vislumbrar a real necessidade dos alunos dentro de sua formação técnica.

Partindo da geração dos dados, pude articular uma sequência didática que considerou as necessidades dos discentes e que despertou nestes o desejo de

uma continuidade em seus letramentos científicos. Minha dissertação foi qualificada em setembro de 2020 e foi defendida em agosto de 2021.

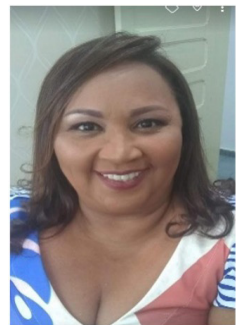
Após a defesa, continuei a escrever artigos tanto para livros físicos quanto virtuais; incluindo uma publicação estrangeira. Venho me construindo academicamente com a redação de artigos; a participação em cursos, palestras e congressos tanto como palestrante quanto como ouvinte, pois vislumbro meus estudos a nível de doutorado.



Capítulo 18

MINHAS MEMÓRIAS E SONHOS CONQUISTADOS

Maria das Graças de Souza Lima



Olhar para o passado deve ser apenas um meio de entender mais claramente o que e quem eles são para que possamos construir mais sabiamente o futuro.

Paulo Freire



Em uma tarde ensolarada de 08 de julho de 1964, chegava, com uma missão desafiadora, já de mudar o nome planejado pela minha avó, que era devota de Nossa Senhora da Batalha, mas meu pai escondido foi registrar Maria das Graças de Souza Lima, nona filha de uma família bem numerosa. Nascia ali um desejo de meus pais de incentivarem a me tornar uma professora.

Lembro-me claramente dos meus choros ao ver meus irmãos indo para a escola, como era a penúltima, ainda não tinha idade para ir à escola. E todos os dias era essa choradeira. Meu pai apesar de ter apenas o primeiro grau resolveu diminuir essa minha angústia e como já era de costume pegar o jornal barbearia, deu continuidade a essas buscas, mas agora objetivava me incentivar a ler aqueles símbolos, e eu muito curiosa aprendi logo a descobrir os segredos das letras e números.

Tinha uma aula particular, passando umas cinco casas da nossa, funcionava na casa da professora Graça e minha mãe me colocou lá pra eu desenvolver mais e chorar menos, a professora Graça percebeu logo minha desenvoltura e orientou minha mãe a conversar com a Professora Marilene, que era uma espécie de vice-diretora do Grupo Escolar Paulino de Brito, A idade era um impedimento, pois eu faria 07 anos em julho, então minha mãe disse a ela que eu já sabia ler e era muito espertinha, a professora aceitou que fizessem um teste comigo para avaliar as possibilidades.

Chegou o grande dia de ir para o teste classificatório, eu usava uns laços de fita de organza e muitos cachinhos. Chamaram-me e fui atendida por duas professoras, que colocaram um texto do Macaco Simão, li com a voz um pouco trêmula e depois fizeram as perguntas alusivas ao texto, e a primeira surpreendeu as professoras, pois elas perguntaram, qual o nome do macaco, e eu respondi, se fosse meu eu daria o nome a ele de Mico, mas a autora escolheu Simão, e eu não gosto. Elas riram e eu entendi que tinham gostado e ampliei a conversa com elas sobre alguns bichinhos que tinham em casa. Após esse teste resolveram me colocar na segunda série primária. A professora da segunda série também era Graça Oliveira, era muito pequenina, mas tinha uma voz bem forte, contudo era muito paciente e carinhosa conosco. Teve um episódio em classe que me fez chorar de soluçar, pois ela passou uma cruzadinha no quadro e ao copiar faltou um quadradinho e não achava a resposta, porque faltava uma letra. A professora Graça foi até minha carteira e acarinhou-me e corrigiu o número de quadrados e logo me acalmei.

Gostava muito de ir pra escola, amava estudar, quando chegava da escola eu não tirava nem o uniforme ia pro meu cantinho do chão reler as lições e fazer os deveres. Minha avó, aquela que queria que meu nome fosse Maria da Batalha, sempre fazia referência ao meu nome, dizendo tá vendo era pra ter sido Maria da Batalha seu nome, você é muito batalhadora. Eu dizia a ela que iria estudar muito, porque queria ser médica, ou advogada, ou professora.

Concluir logo o ensino primário e fui passando dos meus irmãos, mas as dificuldades financeiras eram muitas, com a chegada do meu irmão caçula, as dificuldades aumentaram.

Já no primeiro Grau, hoje correspondente a 5ª série, meus irmãos alguns já trabalhavam pra ajudar no sustento da família, minha irmã mais velha já fazia Escola Normal, no Instituto de Educação do Pará (IEP), esse curso era pra ser professora e eu achava muito bonito, mas esse seria o meu terceiro sonho. Quando concluir a 8ª série, eu fiz o teste de seleção para ingressar no Ensino Secundário, fui selecionada para o curso de saúde, em uma escola bem pertinho de casa, Escola Visconde de Souza Franco o sonho de ser médica se distanciava porque tentei o vestibular e minha classificação ficou muito distante. Tinha pressa em começar a trabalhar e ajudar nas despesas da casa e ajudar meu irmão a alcançar os sonhos dele.

A DESCOBERTA DO AMOR PELA EDUCAÇÃO

Estava bem em casa, e deveria ser umas 16 horas e minha irmã Maria de Nazaré, chegou e disse, que estavam precisando de estagiárias em uma Pré-escola, chamada Anchientinha e pagavam 6.500 cruzeiros. Essa vaga era para a minha irmã, pois ela ainda estava cursando o magistério, contudo o horário não era compatível. Rapidamente me arrumei e fui lá, só que a diretora estava muito ocupada, com os preparativos da festa de Páscoa, que seria no dia seguinte. Então ela falou rapidamente comigo e me mandou retornar, no dia seguinte, eu confirmei que retornaria e ajudaria na festinha, sem compromisso. Ela só confirmou com a cabeça.

A diretora não fez nenhuma pergunta sobre mim, estava nervosa, pois não era aluna do curso de magistério e já havia concluído o segundo grau, mas sabia que iria me identificar, pois já realizava um trabalho de evangelização com crianças na igreja e havia uma boa aceitação.

No dia seguinte me arrumei toda e fui muito cedo, 6h e 30, já estava lá, só perdi pra Dona Maria, que chegara antes, Dona Maria era uma senhorinha que cuidava da limpeza da escola. Quando vi várias orelhinhas misturadas e sem elástico, cuidei de separar por cor e tamanhos e ir colocando os elásticos, quando os professores começaram a chegar percebi a animação por encontrarem organizadas as orelhinhas e perguntaram quem eu era, me apresentei, sou a tia Gracinha, candidata a vaga de estagiária, a professora Nazaré do Carmo, me puxou logo pra sala dela e disse eu fui a primeira.

A medida que as crianças iam chegando eu imitava o que a professora Nazaré fazia, colocava a orelhinha e pintava o rostinho delas. Mas duas crianças eram bem agitadinhas, o R. M e A. J e um era bem grande, mas chorava muito,

queria ficar com a mãe. Com a autorização da professora os levei ao parquinho e cantei e brinquei com eles, retornando depois para a programação. Na hora da programação eu comecei a fazer umas brincadeiras e percebi uma positividade nas expressões das pessoas. No final da manhã a diretora me chamou na salinha dela e eu fiquei nervosa, mas ela simplesmente me entregou duas blusas, para usar como uniforme e disse a vaga é sua, pode ficar com a Tia Nazaré e serás auxiliar dela.

Cada dia nascia mais o desejo de ser professora, pois as experiências me atraíam mais a ler e estudar sobre educação, a diretora era estudante de Pedagogia e era uma incentivadora de leitura e estudos, lembro que os presentes sempre eram livros, ou pagava inscrições em cursos para os professores.

Era mês de abril, tratei de procurar um curso de magistério, a nível de segundo grau, e só achei no Colégio Rui Barbosa e a noite, me matriculei lá e concluir em dois anos, pois já tinha currículo.

No ano de 1983 assumi minha primeira turminha, como professora. Era uma turma de maternal, os alunos tinham 3 anos. Que desafio, a primeira semana de adaptação. Pois uns choravam muito, uns choravam pouco e outros passavam a chorar, quando viam os amiguinhos chorarem.

O primeiro desafio seria acalmá-los, fazê-los sentirem segurança em mim e gostarem de ficar na escola. Então cantava e contava histórias, brincava de igual pra igual com eles, colocava um gravadorzinho com musiquinhas de roda e dançava e quando percebemos estávamos gostando muito das manhãs e não queríamos ir embora. Uma memória bem significativa, foi um televisor de papelão que meu pai fez e ai entrávamos no televisor pra contar histórias, com fantoches. Esse televisor era a atração.

O segundo desafio com essa turminha era minimizar, ou quiçá erradicar as mordidas, ou os machucados, as crianças tinham algumas dificuldades de se comunicarem e de dividirem os objetos o que é muito comum da idade. As supervisoras e psicólogas me ajudaram muito, com dinâmicas e intervenções, assim como sugeriram leituras. Conheci autores, como Paulo Freire, ...

Durante o ano trouxeram a Belém a autora do Livro Casinha Feliz, Iracema Meireles, e a escola promoveu a participação dos professores, logo me identifiquei e fui para as turmas de Alfabetização.

Passei no concurso público para professores para a Prefeitura de Belém, em 1987 e nesse mesmo ano me chamaram no colégio Tenente Rêgo Barros, para substituir, uma professora de licença, e iniciei minha trajetória. Como professora de Alfabetização, logo em seguida assumi a coordenação. Já na Prefeitura de Belém assumi classe de Alfabetização de Jovens e Adultos. As duas experiências foram maravilhosas. De dia a descoberta, a curiosidade pelo mundo da leitura e escrita,

com as crianças e a noite o desejo de escavar o que tanto se falava e escrevia, os senhores, os jovens queriam muito essa descoberta. Sonhávamos juntos e realizávamos juntos.

Em 1996 tivemos o concurso para professores na esfera federal e me submeti e com a graça de Deus passei, nesse mesmo ano fui para um processo seletivo para a pós-graduação em Belo Horizonte, o famoso PREPES da PUC, e iniciei a fundamentação teórica com a Alfabetização, pois tinha a curiosidade de explicar como as crianças aprendem a ler e a escrever e lá no curso tive contato bem próximo, com autores renomados e respeitados, tais como Paulo Freire, Sônia Garrido, Regina Zibermam, e outros. Era uma delícia ouvir as experiências e suas produções.

E continuei com as produções nos demais espaços e e somente em 2020 ingressei no Mestrado em Ciências Ambientais.

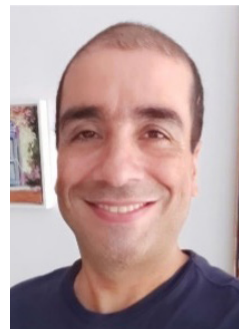
Na coordenação, apoiei o Projeto da professora Maria Do Carmo e Adrine Motley, o Tal Pai, Tal Filho Show! Esse projeto nos possibilitou uma relação mais estreita com os pais e alunos, onde possibilitava que os pais dessem um show com seus filhos.

A educação sempre me fascinou e hoje com mais de 30 anos na área, ainda durmo e acordo sonhando em um novo fazer pedagógico, cada dia é um novo encantamento.

Capítulo 19

MEMORIAL

André Gomes da Conceição



Cada época não somente sonha a seguinte, mas ao sonhá-la
força-a despertar.
Walter Benjamin



Eu me chamo André Gomes da Conceição. Nasci na cidade do Rio de Janeiro em 20 de agosto de 1970. Atualmente, sou professor do Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB) e da Rede Municipal do Rio de Janeiro.

As mais antigas lembranças que tenho sobre a minha alfabetização são com o meu pai. Ele costumava dizer que, apesar de ter cursado apenas a segunda série primária, não era burro, pelo contrário. Cresci ouvindo essa frase. Hoje, professor há 30 anos, sei que não existe no mundo uma pessoa burra sequer. A minha mãe, professora formada no Liceu de Humanidades do município de Campos dos Goitacazes/RJ, não participou diretamente da minha alfabetização. Entretanto, sua escrita e fala corretas, de acordo com a norma culta, obviamente me influenciaram positivamente.

Importante dizer que meus pais se conheceram na atual rodovia BR 101, ainda uma estrada de terra, em 1954, pois o meu pai, ex-combatente em Monte Castelo, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, era o motorista do único ônibus que percorria a linha Quissamã/Campos. Minha mãe pegava esse ônibus diariamente para dar aulas numa escola na zona rural, na localidade chamada Morro do Rato, no Norte Fluminense. Se não me engano, era a única professora da escola. Essa escola não existe mais. Era uma casa pequena na beira da estrada. Viajaram tantas vezes juntos, que se casaram, contrariando meus avós maternos. Vieram morar na cidade do Rio de Janeiro, num barraco de madeira em Jacarepaguá.

A primeira vez que fui apresentado às letras, como disse anteriormente, foi por meu pai, no ano de 1976. Antes de sair de casa para trabalhar, ele fazia uma série de colunas numa folha de caderno e, no topo da primeira coluna, ele escrevia uma letra. A minha tarefa do dia era reproduzir aquela letra em todas as linhas das colunas. Ao chegar em casa, ele verificava o meu trabalho e, se a letra não estivesse devidamente desenhada, ele ordenava que eu repetisse a atividade. Lembro-me perfeitamente do esforço que ele fazia para pronunciar as letras como carioca, uma vez que, por ser baiano, ele pronunciava o nome das letras à maneira como tinha aprendido. A letra G era pronunciada em sua região como “guê” e a letra L como “lê”, por exemplo. Ele reconhecia a diferença e me ensinava conforme a pronúncia local.

Ao terminar todas as letras do alfabeto, ele iniciou o ensino de composição das sílabas. A cada dia eu deveria reproduzir uma sílaba que ele escrevia no alto das colunas do caderno. Desse modo, em algum momento da minha vida, no ano de 1976, eu estava lendo e escrevendo.

O meu letramento em matemática também foi feito pelo meu pai. Ele me ensinou a tabuada e essa lição era tomada oralmente. Ele se orgulhava de saber a tabuada de cor. E contava várias vezes a história da sabatina em sua escola no

sertão baiano, entre a Fazenda do Urubu e Santo Antônio do Argoim, perto do Rio do Peixe, um rio que só tem água corrente por algumas semanas durante o ano. Lá, meu pai nasceu e foi criado.

A sabatina era uma prova oral que a professora aplicava para toda turma. Os estudantes formavam uma roda e a professora fazia uma pergunta sobre a tabuada. Caso um ou mais alunos errassem a resposta, eram castigados com um bolo de palmatória, dado pelo estudante que acertava o resultado da conta. Ele sempre repetia a história de que bateu muito nos colegas, pois era o rei da sabatina. De certa maneira, ele não perdeu esse hábito e castigava seus filhos com bolos de colher de pau pelos erros cometidos. Tomei muitos bolos. Ele nos dava a oportunidade de trocar de mão para aliviar a dor. E, por incrível que pareça, eu e meus irmãos legitimávamos esse castigo.

A professora do meu pai era sua irmã mais velha. O meu avô enviou sua filha a Salvador para que estudasse. Ela voltou para a Fazenda do Urubu formada como professora e alfabetizou os 11 irmãos. Hoje em dia percebo a importância desse ato para a minha formação acadêmica, ocorrido há aproximadamente um século, praticado pelo meu avô, que não conheci.

Num dia, no final do ano de 1976, minha mãe chegou eufórica em casa. Eu tinha sido sorteado para estudar na Escola Municipal Jenny Gomes, no bairro do Rio Comprido, na área central da cidade do Rio de Janeiro. Era uma escola que ficava no quarteirão da minha casa e, ainda assim, eu não fazia ideia da sua existência. Eu tinha 6 anos de idade.

A festa foi grande - depois eu entendi - porque não havia vaga para todas as crianças. Deduzi mais tarde que eu não tinha sido sorteado no ano anterior. Nunca perguntei, mas acredito que essa tenha sido uma das razões para o meu pai iniciar em casa meu processo de alfabetização.

Os meus seis irmãos, todos mais velhos, já estavam na escola. Lembro-me deles contando como era o ambiente escolar. Eu fiquei muito animado, apesar de ouvir dizer que havia uma professora nessa escola que tinha o apelido de casca-vel. Definitivamente, eu queria ir para a escola.

Outra evidência que permite afirmar que não fui sorteado nos anos anteriores era a existência na minha escola de um jardim de infância e eu não ter ido para esse segmento. Fui direto para a Classe de Alfabetização (CA) em virtude da idade, pois estava com quase 7 anos. A minha professora era a Dona Terezinha Wilma. Entretanto, dois meses depois de iniciadas as aulas, eu avancei para o primeiro ano, pois a professora percebeu que eu já estava alfabetizado. Desse modo, fiquei com os estudantes da minha faixa etária e com outra professora.

Já no 2º ou no 3º ano, não tenho certeza, eu ia para a escola sozinho, pois nem mesmo atravessar a rua era necessário. Hoje, não tenho dúvida de que esse fato contribuiu com o meu sucesso na escola. Eu tinha acesso fácil ao equipamento escolar e, ao mesmo tempo, desenvolvi grande autonomia.

No final dos anos 70, meus três irmãos mais velhos, todos oriundos de escolas públicas, estavam na universidade. O mais velho cursava artes cênicas na UNIRIO, outro estava na engenharia da UFRJ e minha irmã era aluna de medicina da UFRJ. Os exemplos acadêmicos eram os melhores possíveis na minha casa. Eu encarava os estudos com naturalidade. As diversas linguagens eram correntes no meu cotidiano.

Passei boa parte da minha infância achando que era mais inteligente do que o normal, pois os meus amigos da escola, e eram muitos amigos que eu tinha, sempre enfrentavam dificuldades. Eu não tinha consciência das condições favoráveis que minha família proporcionava.

Por volta de 1979, a direção escolar instituiu uma norma infame. Passaram a classificar os estudantes com lacinhos na lapela conforme seus conceitos em boletim escolar. Lacinho vermelho para os maus alunos, lacinho amarelo para os medianos e lacinho verde para os pouquíssimos estudantes com média superior a 8. O meu lacinho era verde. Os meninos odiavam essa obrigatoriedade. Morriamos de vergonha de usar um lacinho na camisa. É claro que a maioria dos meus colegas sofria duplamente, pois os que tinham lacinho vermelho eram taxados diariamente de burros. O desconforto era tão grande, que essa prática dos lacinhos durou alguns meses, apenas. Nos recusávamos a usar e dávamos diversas desculpas aos inspetores para não estarmos com lacinho. Uma vez um inspetor, ou a diretora, não me lembro, cobrou-me o uso do lacinho e, peremptoriamente, afirmou que eu não usava o lacinho porque deveria ser “lacinho vermelho”. Eu respondi triunfalmente que meu lacinho era verde! Os meus colegas gritaram de felicidade em meu apoio. Eu nunca mais me esqueci daquele dia. Foi uma vitória de todos.

A maioria dos meus amigos morava nas favelas do Rio Comprido. Assim, por volta dos 11 anos, eu já subia alguns morros, coisa inimaginável para mim alguns anos antes. Passei a frequentar o Sumaré, o 117, o Escondidinho, a rua da Jaqueira, a Fallet etc. Essa foi outra enorme aprendizagem que tive na vida. O meu desempenho acadêmico melhorou muito. Eu adquiria maturidade com meus amigos, muito mais espertos do que eu. Ali eu percebi que não era especial ou mais inteligente.

Durante o ginásio, entre o 5º e o 8º anos (atuais 6º e 9º), como qualquer adolescente, vivi minha explosão hormonal. Os primeiros contatos com as meninas ampliaram ainda mais os meus horizontes. Eu tinha plena oferta de tudo aquilo que,

acredito, um adolescente deva ter na escola, apesar das dificuldades financeiras do meu pai para comprar livros didáticos. Recebi muitos livros doados pela “caixa escolar”, uma espécie de fundo acumulado por doações pecuniárias que as famílias dos estudantes faziam mensalmente. Nessa época não havia programa de distribuição de livros por parte do Ministério da Educação.

A merenda escolar era satisfatória, exceto num dia. Esse fato ocorreu quando eu ainda estava no primário. O prato do dia foi escrito na porta do refeitório: tutu. Entrei na fila, como de costume. Ao lado da lata de lixo ficava a diretora adjunta. Ela era extremamente rude com os estudantes, mas era uma diretora típica daquela época. O aluno ou a aluna que deixasse comida no prato era condenado na frente de todos. Então, as crianças já sabiam que, se não gostassem da comida, era bom nem entrar na fila. Mas o meu problema era com o arroz doce. Quando o prato era esse, eu passava a vez e ficava pedindo um pedaço do lanche dos colegas que levavam alguma coisa. Outra digressão: nunca tive merendeira. Uma vez, pedi à minha mãe para comprar uma merendeira, daquelas coloridas que vinham com uma garrafinha acoplada. Ela respondeu: “para quê? A escola oferece comida!” Meus irmãos riram de mim e fiquei triste. Mas isso não se transformou em trauma. Voltando ao dia do tutu, que eu não fazia ideia do que era. Quando a cozinheira, Dona Leopoldina, carinhosamente chamada de Dona Popô, (mãe ou avó do meu amigo Marco Aurélio), colocou aquela massa preta no meu prato, imediatamente eu comecei a chorar baixinho, olhando para a diretora ao lado da lixeira, como uma sentinela. Sentei-me na cadeira, enrolei por alguns minutos, e fui ao esperado sermão. Hoje, eu adoro tutu, especialmente com pimenta para acompanhar.

Há poucos anos, me veio à cabeça um verso do hino dessa escola, que cantávamos uma vez por semana, nas formaturas que ocorriam diariamente. O verso em referência à Jenny Gomes era: “mãe de herói, sua vida revela, as riquezas das mães do Brasil”. Fui pesquisar quem era esse herói, filho da Jenny Gomes. Era o Brigadeiro Eduardo Gomes, golpista de primeira hora, um dos responsáveis pelo suicídio de Getúlio Vargas. Ironicamente, o meu filho mais novo chama-se Eduardo Gomes e, aluno do CBNB, escola da Aeronáutica, não teve sua matrícula renovada em 2018, pois houve atraso de um dia na entrega dos documentos. Essa é a prova de que os nomes são apenas nomes.

Outra lembrança, dentre as muitas que tenho até hoje, foi uma redação que a professora pediu que fizéssemos sobre algo que gostaríamos que mudasse na escola. Acho que estava na 2ª série. Poderíamos dizer o que quiséssemos, sem censura. Então, escrevi que seria muito bom se a diretora fosse substituída, pois ela não nos deixava correr nem jogar bola durante o recreio. Algum tempo depois, a cada dez minutos, um professor ou uma professora chegava na porta da sala de

aula da turma e a minha professora apontava para mim. Os professores riam e saíam. Logo eu percebi que ela tinha lido minha carta para os professores e, provavelmente, para a diretora. Fiquei um bom tempo remoendo o que eu considerava uma traição por parte da minha professora. Depois, relevei. Voltei a gostar dela.

Vou contar só mais uma passagem. O tênis que eu utilizava para ir à escola era o Conga, um calçado considerado muito feio e o seu solado era de um material escorregadio. Mas era o mais barato. Todo início de ano, eu ia à sapataria do Seu Valter pegar um par novo. Meu pai comprava fiado e o dono me conhecia. Era só pegar o tênis que depois o meu pai pagava. Num ano eu criei coragem e peguei um tênis da marca Rainha. Levei para casa e fiquei admirando o tênis por horas. Quando meu pai chegou do trabalho, não tive coragem de não mostrar o tênis. Ele olhou para o sapato e me disse com seu vozeirão: “vai trocar, seu corno!” No outro dia peguei o meu Conga com o Seu Valter.

Terminei o ensino fundamental como membro do “pelotão da bandeira”. Os seis melhores alunos ou alunas da escola, da última série, eram os membros desse pelotão. E eu conduzi a bandeira algumas vezes, o que significava destaque no grupo. Na 8ª série, último ano, fomos informados de que uma empresa empregaria os alunos com as notas mais altas. Fiquei muito animado. Depois descobri que outros alunos foram empregados e eu nem fui chamado para conversar.

Em 1985 fui para o Colégio Estadual Paulo de Frontin cursar o ensino médio (chamado de 2º grau, à época), na rua Barão de Ubá. A escola fica entre os bairros Estácio, Tijuca e Praça da Bandeira. Até hoje eu não sei qual é o bairro, de fato.

Nessa escola eu passei por grandes transformações. O prédio era muito diferente e muito maior. Havia dezenas de turmas distribuídas em três turnos. Acredito que o número de alunos superasse 3.000 e eram de vários bairros da cidade. Apesar de a Escola Jenny Gomes não ser pequena, eu não estava acostumado a tanta impessoalidade e liberdade. Na primeira escola, íamos para a sala de aula, para o recreio e para a saída em forma, numa espécie de ordem unida. A vigilância sobre os corpos era extrema. As meninas não podiam usar brincos pendentes nem maquiagem. Havia um rigor extremo com o uniforme. A maioria não podia comprar o uniforme e dava um jeito de atender às exigências, sabe-se lá como. Agora, tínhamos liberdade de ir para a sala de aula e outros lugares sem sujeição. Obviamente, perambulávamos pela escola, que tem 5 andares, duas quadras e um bom pátio interno e, o melhor, praticamente não existiam inspetores. Até sair da escola para matar aula era fácil, pois o controle na portaria era mínimo. A parte obrigatória do uniforme era apenas uma discreta camisa de malha branca.

O primeiro ano foi de muito namoro e de novas amizades. Agora eu já não andava livre apenas pelo bairro. Eu caminhava pela cidade com meus amigos

e com minhas amigas. No final de 1985, iniciei os primeiros contatos com o movimento estudantil.

Em 1986, entrei de cabeça na militância política e partidária, namorei mais longamente uma colega de escola e comecei a trabalhar diariamente como office boy num banco, quando vivi minha primeira experiência sindical, participando de assembleias, greves e piquetes.

Ainda em 1986, participei da fundação do grêmio estudantil da minha escola. Fizemos a primeira assembleia estudantil da instituição, que tinha 70 anos, à época. Fui eleito diretor. Vinculamos o grêmio à Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas (AMES) – que atualmente é municipal. Ajudei na fundação de grêmios em diversas escolas da cidade. O movimento estudantil estava rompendo com a proibição de grêmios nas escolas, imposta pela ditadura militar. O regime tinha criado os Centros Cívico Escolares (CCE), entidade tutelada pela direção das escolas, em substituição aos grêmios.

Agora, eu participava dos congressos estudantis nacionais organizados pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e outros pelo meu partido. Nos reunimos em Goiânia, em Brasília, em Recife, em Nova Iguaçu etc. A militância política me fez andar pelo país, ainda menor de idade. Interessante era a minha mãe - católica, conservadora e anticomunista-, que ia até a rodoviária comigo e assinava uma autorização para viagem. Ela sabia que eu iria de qualquer maneira. Então, fazia o possível para me proteger, apesar de sempre me aconselhar a largar a política, pois, dizia, criaria muitos problemas em minha vida. Ela não deixava de ter razão e, ao seu modo, me ajudou a tomar decisões de maneira mais consciente.

Fazíamos faixas para as manifestações e pichávamos muros com as principais bandeiras do movimento estudantil nos anos 80: pelo Grêmio Livre, conquista transformada em lei ainda vigente; por uma escola pública, gratuita e de qualidade; por meia passagem nos transportes para os estudantes (a passagem subsidiada atual é fruto dessa luta); e por eleições diretas para diretor das escolas públicas. Muitas dessas bandeiras foram transformadas em vitórias. Infelizmente, a diretora da escola, há mais de duas décadas ocupando o cargo por indicação, insatisfeita com a perda da colocação, pois elegemos outra professora, não assinou meu certificado de conclusão do ensino médio, fato que quase impediu minha matrícula na UFRJ. Talvez a última palavra que eu tenha aprendido no ensino médio tenha sido retaliação.

A eleição direta para diretor das unidades escolares do Estado do Rio de Janeiro foi uma vitória dos estudantes e do sindicato dos professores (CEPE), após a grande greve de 1988, que durou mais de três meses. Como liderança estudantil, fui procurado pelo jornal O Dia para falar sobre a greve. A repercussão da matéria

foi muito positiva na minha escola, pois consolidou o grêmio e deu novo ânimo aos professores, bombardeados pela mídia, unindo corpo docente e corpo discente.

Em 1986, fui reprovado, no 2º ano. Eu era, decididamente, outro aluno. Havia assumido muitos compromissos. A infância tinha ficado para trás. O trabalho, a vida amorosa e a militância política conduziam minha vida acadêmica. Concluí o ensino médio em 1988. Fiz vestibular e não passei. Naquela época não havia o Enem. Os vestibulares para as universidades eram independentes e as taxas de inscrição muito caras.

Em 1989, prestei o serviço militar obrigatório. Ao fim do ano, meu comandante imediato não permitiu que eu saísse mais cedo num dia da semana para fazer minha inscrição nos vestibulares. Não havia internet e a inscrição era presencial. Não fiz o concurso.

Em 1990, fora do Exército Brasileiro, arrumei um emprego no comércio e me casei. Saí da casa dos meus pais. Sem conseguir pagar um curso preparatório, fiz o vestibular e passei para cursar geografia na UFRJ e na UERJ. Iniciei o curso na UFRJ em 1991. Hoje, não tenho dúvida de que as leituras que fazia como formação militante compensaram em boa medida minhas defasagens de conteúdo em algumas disciplinas.

Fui pai pela primeira vez em 1993, quando nasceu o Miguel, enquanto cursava a graduação e, ao mesmo tempo, trabalhava de segunda-feira a sábado, das 13 às 23 horas, para pagar o aluguel e sustentar a família. Hoje, o Miguel é professor de geografia, também formado pela UFRJ, e muitos dos seus professores foram meus professores ou colegas de faculdade. Ainda adolescente, passou a fazer militância com os indígenas. Atualmente, é reconhecido como índio. Foi batizado como Yutu D'jare, que significa “aquele trazido pelo vento”, numa cerimônia na Aldeia Maracanã. Em 2021 escrevemos juntos dois capítulos de um livro sobre práticas docentes, produzido por professores da Aeronáutica.

Duas passagens marcaram minha graduação na UFRJ, dentre outras. Ao verificar o resultado em uma disciplina, vi que minha nota final era 7,5, o suficiente para ser aprovado. Mas o número estava escrito com caneta vermelha. Recorri à professora, que justificou minha reprovação em razão das faltas, pois o número máximo eram 6 e eu tinha deixado de assistir a 9 aulas. Ao fim da breve conversa, a professora disse que eu era um típico jovem irresponsável por faltar tanto. Não respondi e fiz nova inscrição na disciplina. Outro episódio ocorreu com diferente professora que, contestada pelos alunos, afirmou que a universidade não era para estudante trabalhador, mas para quem poderia se dedicar exclusivamente aos estudos. A professora tinha informado, com menos de uma semana de antecedência, que deveríamos fazer um trabalho de campo em São Paulo, com duração de 5 dias.

Eu e um colega, que tínhamos emprego regular, questionamos o curto prazo para nos organizarmos. A universidade não era o melhor dos mundos para o estudante trabalhador. Acho que ainda não é. Apesar de coisas como essas, fiz boas amizades. Quando retorno ao Instituto de Geociências, faço questão de visitar a Inês, que trabalha até hoje numa lanchonete do prédio. Eu bebi muita cerveja e dei bastante risada com ela e meus colegas. Hoje é proibido vender cerveja na universidade.

Em 1994, sem estar formado, comecei a dar aulas em escolas particulares. As atribuições da vida atrasaram minha formatura em 2 anos.

Entre os anos de 2000 e 2001 passei nos concursos para professor da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, do CBNB, da Faetec e do Cefet/RJ. Optei pelo CBNB e pela rede municipal. Permaneço até hoje no Município e na Aeronáutica. Aos poucos, abandonei as escolas particulares. Fui presidente da Associação de Docentes do CBNB e sou fundador da seção sindical SINASEFE-CBNB.

Em 2003, nasceu minha filha Lívia e, em 2006, nasceu meu terceiro filho, o Dudu. Ambos foram meus alunos no CBNB. Hoje, a Lívia é militante do movimento estudantil secundarista.

Em 2014, descobri que a tia da minha amada companheira Adriana foi minha professora de Língua Inglesa no ensino fundamental. Eu a revi e fiquei muito feliz. Ela é chamada de Denise por todos da família. Mas eu não consigo e a chamo de Dona Denise.

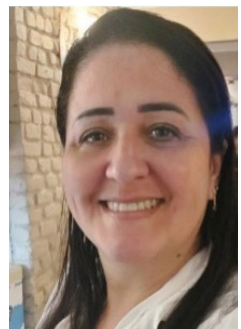
Retornei à universidade como estudante em 2016 para cursar o mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Desenvolvi a pesquisa sobre a gestão orçamentária das escolas da Força Aérea Brasileira, à luz da categoria trabalho estranhado, contida nas obras de Marx. Concluí o curso em 2018. Em 2021 fui aprovado para cursar o doutorado no mesmo programa de pós-graduação. Atualmente, sou doutorando.

Dessa maneira, a minha história com a educação ainda está em processo de construção, seja como aluno ou como professor. Acredito que a educação estará em boa parte dos meus próximos anos de vida. Talvez nunca deixe de estar.

Capítulo 20

MEMORIAL

Joelma Carvalho da Conceição Molinaro



A história é feita com o tempo, com a experiência
do homem, suas histórias, com suas memórias...

Guilherme do Val Toledo Prado



Me chamo Joelma Carvalho da Conceição Molinaro. Nasci no dia 11 de junho de 1975. Sou a caçula e temporã de uma família com cinco irmãos (quatro moças e um rapaz). Sou professora, pedagoga e casada com Francesco Molinaro, um imigrante italiano. Tenho três filhos Gustavo e os gêmeos Maurício e Rodrigo.

Meus pais, hoje falecidos, nasceram no interior do Rio de Janeiro, na cidade de Campos dos Goytacazes. Meu pai, homem rigoroso, de origem pobre, estudara até o antigo 4º ano do 1º grau, servira ao Exército Brasileiro quando jovem e tornara-se comerciante. Minha mãe, Maria Delma Carvalho da Conceição, uma jovem de família humilde, quando criança trabalhou nas lavouras de cana de açúcar da região.

Buscando melhorar de vida veio para a cidade do Rio de Janeiro aos 14 anos, para trabalhar como doméstica em “casas de família” Na época, não existia a CLT, os direitos, as normativas do 1º emprego para o jovem. Mesmo assim, com orgulho ela dizia que aprendeu muito nas casas em que trabalhou: a cuidar de uma casa, cozinhar e, futuramente, criar seus filhos. Casou-se aos 16 anos, cuidou da família, do lar e trabalhou no comércio deles até um dia antes do meu nascimento. Criou os filhos, dando-lhes a formação até o Ensino Médio. Minhas irmãs trabalharam muito na loja em parte do dia e, no contraturno, estudavam.

Iniciei meus primeiros passos na escola no ano de 1979, aos 4 anos de idade no Jardim de Infância do Instituto Padre Leonardo Carrescia, uma escola particular, de freiras e muito tradicional, onde estudei até o Ensino Médio. Lembro-me das salas do Jardim de Infância, a disposição das mesas para 4 crianças, a “tia” aquela que era a professora da turma de semblante rigoroso, de alguns colegas, das brincadeiras do pátio, do escorrega, do gira-gira, do lanche... Era tudo tão bonito, tão lúdico.

Certa vez, passei por um episódio triste, na escola. Um colega derramou sua bebida sobre a mesa, na hora do lanche. A professora perguntou quem fizera isso e ele, um menino, loiro, olhos claros, rapidamente me culpou. Embora eu dissesse que não tinha sido eu, ele insistiu e ela acreditou nele. Deu meu refrigerante a ele. Senti muito medo. Adquiri a primeira impressão negativa que uma criança não deveria ter em uma pré-escola. Em seguida, pedi para ir ao banheiro, a “tia” não deixou. Não consegui me segurar, até o horário da saída. Meus pais sempre iam me buscar de carro e me perguntaram o que houve, sentiram o mal cheiro. Chegando em casa, minha mãe me deu banho, me deixou limpa e a noite passei mal, tive febre, tendo que ser levada ao hospital. Não me lembro ao certo qual atitude meus pais tomaram com relação a escola. Sei que continuei naquela turma, com a mesma professora. Segui neste colégio até os 17 anos, quando me formei professora. Acredito que situações como essa marcam a história de vida de uma criança, em sua trajetória escolar.

No ano seguinte, na antiga Classe de Alfabetização, me familiarizei um pouco mais com o mundo da leitura e da escrita. Vieram os 1º, 2º, 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Lembro-me que, em uma das provas, a pergunta era sobre o nome do Presidente do Brasil: João Figueiredo, o último da ditadura militar. Depois dele, vieram as Eleições Diretas onde a população elegia o seu candidato.

Eu gostava da escola e das aulas. Sofri com brincadeiras das colegas que tinham seus cabelos lisinhos e implicavam com o meu cabelo, crespo, principalmente, quando estávamos em forma. Era a manifestação do Bullying, mas naquela época ainda não tinha esse nome. O que sei é que essas brincadeiras indevidas dos colegas, me fragilizavam.

Certa vez, recebemos em nossa casa, um tio que era irmão de meu pai. Estava adoentado e minha mãe iria cuidar dele. Era analfabeto. Eu era criança, mas me lembro de ter tentado ensinar-lhe o alfabeto, algumas palavras, a ler. Lembro me com carinho que talvez tenha sido o meu primeiro aluno.

No Ensino Médio, resolvi cursar o antigo Curso Normal – Curso de Formação de Professores. Meu estágio foi no próprio colégio em que estudava, em turmas de 1º ao 4º ano na época.

Cursei Pedagogia na Universidade Estácio de Sá. Fiz estágios em escolas particulares, municipais, no Instituto de Educação do RJ, atual ISERJ. Participei de um projeto da UNESA sobre o Educador e a ressignificação de sua Práxis Pedagógica. Estagiei também em uma das 10 Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento Social – CR 3.1 na área do Méier, órgão da Prefeitura. Me formei, com o intuito de colaborar para a transformação de muitas realidades. Com a certeza de que eu teria a “escuta” tão importante e justa para com os meus alunos e companheiros.

Ao final do período e após a conclusão da Pedagogia, fui contratada como supervisora das creches comunitárias da região do Méier, Engenho de Dentro, Piedade, Riachuelo. Sempre me dediquei à formação e então, participava de encontros de formação pelo Rotary Clube, pelo Lions Clube da Ilha do Governador. Passados dois anos fui convidada a assessorar a gerente do programa Rio Creche da SMDS, que abrangia as CR 1.0 do centro da Cidade até a CR 5.3 área de Santa Cruz. Conheci o trabalho das creches de todo o município, participei do programa de recrutamento e seleção de recreadores das capacitações, dos processos de implantação de creches pelo Programa Favela Bairro e das prestações de contas do Programa Rio Creche.

Conheci a realidade precária da vida dos funcionários e das pessoas que precisavam deixar seus filhos nas unidades para trabalhar; as exigências do poder público e as dicotomias existentes. A Educação é um direito de todos, prevista na Constituição Federal e, em sendo para todos, é precípua desenvolver um trabalho

de qualidade independentemente da classe social do aluno/educando, da raça ou religião.

Acredito que, não é porque o serviço é para uma criança pobre economicamente, que se deve oferecer qualquer coisa, mas sim alimentação adequada às fases de desenvolvimento com a supervisão das nutricionistas, atividades pedagógicas voltadas para as faixas etárias, encontros com as famílias, parcerias em redes de serviço, reuniões com os demais supervisores de outras Coordenadorias da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Tive muitos parceiros, profissionais sérios na gestão do serviço que me orientavam na prática. Esse universo me cativou. Dialoguei, aprendi, desenvolvi o saber, a teoria. A prática estava sendo construída. Conquistei a amizade de pessoas que se tornaram indissociáveis de minha vida.

Paralelo ao trabalho na Prefeitura, fui diretora de uma Escola Montessoriana no bairro de Piedade RJ. Conhecer e me integrar ao método, foi o meu primeiro objetivo. Aos poucos fui me aprimorando, lidando com os anseios de uma equipe e dos responsáveis, entendendo na prática o “fazer” com os alunos especiais e os ‘ditos normais’ em turmas mistas. Foi uma experiência significativa em minha vida.

Posteriormente, durante dois anos atuei como Técnico Educacional em um Projeto de Iniciação ao Mercado de Trabalho, com jovens das comunidades de Del Castilho na Cruzada do Menor, ONG do 3º setor. Nesta época, também me casei e nasceu o meu primogênito. Nos 4 anos seguintes, assumi o cargo de Coordenadora Geral desta unidade, com aproximadamente 500 atendimentos no programa de Creche / Adolescentes / Idosos, orientação ao trabalho com as famílias, prestação de contas e captação de recursos. Era preciso colaborar para a concretização das metas da Organização e trabalhar para que as pessoas acreditassem que era possível superar suas adversidades. Ressalto aqui, o aspecto humano não desvinculado de uma ação técnica.

Prestei concurso público para a Prefeitura municipal de Niterói, Rio de Janeiro. Fui classificada, convocada a assumir o cargo de docente nos Anos Iniciais, mas desisti em função de ter um filho pequeno e de ter um cargo de confiança na referida obra. Era o meu pensamento naquela época e pouco tempo depois, veio o desligamento de muitos colaboradores e, inclusive eu tinha o meu nome na lista. Perdi o trabalho e a oportunidade de estar inserida de fato, no serviço público

Em busca de aperfeiçoamento, cursei o MBA Educação Corporativa: O Treinamento e o Desenvolvimento na Organizações, curso de Especialização, na Universidade Veiga de Almeida. Realizei também o curso de Gestão de Projetos pelo PMI – The Project Management Institute.

Na Inspeção São João Bosco da Rede Salesiana de Assistência, coordenei por 4 anos o Centro Juvenil Salesiano do Rio de Janeiro. Um reencontro com

Deus. Obra católica tendo como meta, orientar crianças e jovens de 7 a 15 anos, em oficinas socioeducativas, no contraturno escolar. Um espaço para a socialização, para o diálogo sobre a juventude, para a religiosidade e a possibilidade de encaminhamento para o CESAM – Centro Salesiano do Menor, que também era uma obra da ISJB com vistas ao 1º emprego com Carteira de Trabalho assinada. O meu “fazer” técnico me remetia ao passado, ao que soubera da vida laborativa de minha mãe quando jovem e ainda criança.

Dispomos de uma Constituição Federal, de órgãos fiscalizadores e, infelizmente, nos deparamos com situações que ferem o princípio da dignidade humana. Tenho em mim, uma busca incessante pelos direitos e deveres, seja na área Social, na Saúde, na Educação. Penso que para termos dignidade é mister uma educação de qualidade, em que desenvolvemos com as crianças valores como ética, respeito e cidadania.

Muitas vezes, para o jovem é difícil falar de cidadania quando a fome “bate à sua porta” e ele se depara com ofertas por vezes ilícitas, mas imediatas em sua comunidade, uma vez que lhe trarão alívio em suas necessidades. As Redes de apoio são relevantes pois, através delas se pode contar com espaços de troca de informações, ofertas de trabalhos, auxílios emergenciais, movimentos que empoderem as pessoas. Gratificante essa experiência, de aprendizagem constante, em um processo dialético de transformação. Aprendi e ensinei, colaborei para uma vida melhor de crianças, jovens, idosos e suas famílias e, dos meus colaboradores. Nesta mesma época, tive filhos gêmeos, fui abençoada por me tornar mãe mais uma vez, só que agora de dois meninos.

Caminhei e ao longo do caminho me deparei com as conquistas e com as frustrações. Nem sempre acertei, mas sei que o erro faz parte da vida, que só erra aquele que tenta e que ajuda muito no nosso crescimento. Sou grata a todos que dividiram comigo essa jornada. Grata até mesmo aqueles que tive que dispensar por não agregarem naquele instante aos propósitos de tais obras.

Decidi retornar à Educação. Prestei o concurso para Oficial Temporário da Força Aérea Brasileira. Computei o maior somatório de pontos. Já havia tentado para a Marinha do Brasil, mas não obtive êxito. Participei do treinamento militar em uma turma de Médicos, Dentistas e Farmacêuticos onde eu era a única Pedagoga, por motivo de trâmites no processo seletivo. Conheci profissionais militares que me treinaram e candidatos da área da Saúde da Turma QUIRON. A eles, gratidão!

Conhecemos a história da FAB, sua missão, o Estado Maior, as formas de tratamento, os protocolos, a Defesa, o “Estar de Serviço”, o lidar com armamentos, as punições e detenções, a história da mulher nas forças armadas, os “bizus”, a hierarquia e disciplina que vão, desde o uniforme do dia até a forma de tratamento

a um Oficial superior. Em 08 de fevereiro de 2012, entrei para o Quadro de Militares da Ativa da Força Aérea Brasileira. Conheceria então, em qual repartição trabalhar.

Mas qual papel desempenhar na FAB? Em que uma pedagoga poderia agregar?

No dia 09 de abril do mesmo ano me apresentei no COLÉGIO BRIGADEIRO NEWTON BRAGA, escola da Força Aérea, unidade do III COMAR, Comando Aéreo Regional. O atendimento vai do 1º ano do Ensino Fundamental I ao 3º ano do Ensino Médio. Uma escola pública tradicional com professores da esfera militar e civil, muitos professores efetivos e outros temporários. O Colégio atende filhos de militares e de civis das comunidades do entorno. Fui recebida pela coordenadora dos Anos Iniciais, pelo Gestor militar e pela Oficial Tenente mais antiga.

Aos poucos fui conhecendo a rotina do trabalho. Fui apresentada as três turmas do 4º ano de escolaridade onde eu seria docente, responsável pela disciplina Matemática. Espantoso? Sim. Desafiador. Nós, professores temos que estar em constante formação. Estudei para me planejar, buscava apoio na coordenação e nos pares. Ao entrar nas salas de aula e me apresentar aos meus alunos, vi seus olhos brilhando, percebi esperança para aquelas turmas que ainda naquele ano não haviam conhecido a professora de matemática. O vínculo foi se estabelecendo entre nós e os responsáveis. Gratificante. Trabalhamos os conteúdos de forma lúdica, trabalhamos a disciplina com prazer e reconhecemos que ela está presente em nossa vida. Além disso, a matemática era trabalhada em um contexto bem próximo da vida e das outras disciplinas.

Acompanhei essas turmas no ano seguinte. Ministrei aulas, me utilizei da “escuta ativa” para os problemas que aquelas crianças poderiam ter. Destaco a parceria com o Serviço de Orientação da escola. Ação que nos facilita o nosso olhar pedagógico. Em meio a tirar serviço trabalhando com adultos, executando comandos às tropas que era ação objetiva e, por vezes, tensa, eu dispunha desse outro momento que me trazia tamanha satisfação pela aprendizagem das ‘minhas crianças’.

Trabalhei por 5 anos nos Anos Iniciais da escola. No sexto ano do meu período, fui convidada a participar efetivamente do Projeto Tirando Dúvidas & Sanando Dúvidas. Projeto este organizado para o trabalho com quatro turmas especiais de alunos com dificuldade no rendimento escolar. No início, atuei em aulas de apoio de Língua Portuguesa e participava das reuniões do Projeto. Infelizmente precisei deixar as turmas em que atuava nos Anos Iniciais.

Atuando no projeto, participei de reuniões de equipe, realizei dinâmicas de grupo e trabalhei na orientação pedagógica buscando desenvolver um clima de afetividade junto aos alunos. Esse trabalho abordou aspectos como: comportamen-

to, absenteísmo, avaliações, acompanhamento médico, dentre outros. Realizamos muitos encontros com as famílias.

O Projeto foi desenvolvido em parceria com a Enfermagem do Colégio; com o setor de Psicologia; com as professoras Eliane Carrapateira e prof Samira. Tivemos momentos que utilizamos as técnicas de respiração e concentração, conversas com o Juizado da 1ª Vara da Infância e da Adolescência, com a Base Aérea do Galeão para almoço no rancho, dentre outros. Algumas palestras que focavam os Direitos e Deveres, a Constituição Federal, a Paternidade e Maternidade, drogas, Diversidade e outros.

As demandas do Projeto foram se ampliando e percebemos a necessidade de inclusão de alunos especiais. Isto nos fez buscar parcerias com instituições como a UFRJ de modo que a inclusão se desse efetivamente e não apenas no ato da matrícula. A cada atendimento, a cada êxito diante das orientações, a cada lágrima derramada de alegria e de superação, pude sentir como se uma premiação batesse forte no peito junto ao coração, pela consciência de ter feito o melhor para transformar tais realidades, concomitante ao trabalho de toda uma equipe multidisciplinar.

No CBNB tive a oportunidade de me aprimorar. Participei de Encontros como o BETT EDUCAR em SP no ano de 2019; capacitação na área de Educação pela Marinha do Brasil; Curso sobre Mediação de Conflitos pela ESAJ – Escola de Administração Judiciária. Atuei como membro da Banca de examinadora de Concursos para Oficiais da FAB por 4 períodos, participei do efetivo de militares nos concursos para inserção de alunos no CBNB. Cursei também a título de mestrado, a disciplina eletiva Ciências da Natureza pelo CAP UERJ – Programa PPGEb. Na UFRJ, participei de encontros semanais como ouvinte, durante 1 semestre, acerca do tema Inclusão, políticas educacionais de atendimento ao aluno com deficiência, didática omnilética e processos de avaliação.

Percebi que durante o período em que estive na Força Aérea Brasileira, tive a oportunidade de desenvolver um trabalho pedagógico e também social. Esse trabalho foi desenvolvido com profissionalismo e respeito ao público atendido, aos meus superiores hierárquicos e aos meus pares, civis e militares. Tendo se encerrado no início de 2020, bem no início da pandemia do Corona Vírus. Naquele instante decidi olhar, cuidar de minha família. Estou certa de que, quando toda essa doença acabar, que todos estejam vacinados, alcançarei uma nova função tão gratificante quanto as que já tive, pois acredito que o papel da educação é transformar vidas.

Este memorial retrata a minha vida. Esta que se inspirou no exemplo de minha mãe. No bom trato que tinha com as pessoas, no amor ao próximo e no fazer bem tudo o que se propõe. Apesar de pouca escolaridade, tinha EDUCAÇÃO

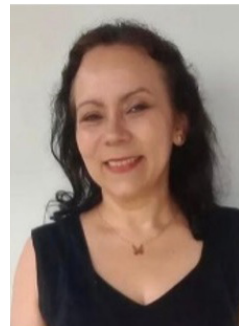
pois tinha amor e adorava ler. Minha homenagem com muito amor àquela que nos deixou no dia 01/04/21.



Capítulo 21

REVISITANDO MEMÓRIAS, IDENTIFICANDO TRAJETÓRIA

Silvia Cristina da Costa Lobato



“...minha presença no mundo, com o mundo e com o outros implica o meu conhecimento inteiro de mim mesmo. E quanto melhor me conheça nesta inteireza tanto mais possibilidades terei de, fazendo história, me saber sendo por ela refeito”

(FREIRE, 1997, p. 72)



Nas memórias privilegiadas, nas quais se misturam pessoas, lugares e fatos, destaco meu processo de formação como um caminho inacabado pelo qual sou hoje quem sou: professora que deseja - com suas dificuldades e tentativas - fazer alguma diferença, contribuir com a educação do nosso País através da formação de pessoas cidadãs, no exercício de sua autonomia. O ensaio narrativo aqui apresentado busca a retomada de caminho não concluído, mas que reúne significativas experiências marcantes de minha vida de professora.

Segundo Nóvoa (2013, p.16) as narrativas, revelam a construção de um “processo identitário” enquanto “um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças”.

Ainda com o referido autor, esse processo é condicionado pela busca da autonomia e relaciona-se diretamente com a construção de quem somos como pessoas, pois “é impossível separar o eu pessoal do eu profissional” (NÓVOA, 2013, p 17).

Diante dessa busca, que na verdade, é um desejo de superação, inicio meu caminho de rememorar, reviver para que possa visualizar, ou pelo menos vislumbrar sobre o que virei a ser a partir do que hoje sou. Soares (2001, p.37), sobre tal empreendimento, assinala: “Procuro-me no passado e outrem me vejo; não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora”

Desta forma, através de minhas memórias e buscando dar um novo sentido ao presente vivido, em meus escritos, considero o processo formativo vivenciado não somente nos espaços escolares e universitário, mas também nas situações de aprendizagem advindas do exercício da profissão que possibilitaram novas sínteses teóricas na articulação com a prática, dando-me suporte às mudanças que hoje busco implementar (STEBAN; ZACCUR,2002).

Inicio, portanto, com o medo que me instiga coragem em desnudar, tri-lhar...Vejam, já vislumbro o início do caminho que passo a revelar a seguir!

VIVER É APRENDER E DESCOBRIR O MUNDO

Para contar o início de tudo, busco um tempo remoto, quando morava em uma vila bem próxima ao rio Guamá, aqui mesmo em Belém. Meus pés, sempre correndo e buscando caminhos dos sonhos de menina, também mergulhavam nas águas das enchentes constantes provocadas pela maré alta dos meses de maio ou quando a chuva molhava abundantemente nosso solo tão pobre, mas sagrado.

Vivia em meio as “onze-horas”, florzinhas bem vermelhas que nasciam espontaneamente no quintal encharcado. Além de enfeitar os cabelos, espremia as flores até produzir uma tinta forte, cor de sangue e com ela tingia brinquedos, pele, roupas, parede e tudo que encontrasse pela frente. Adorava os gatos que passeavam pelo telhado das casas e fazia-os de bonecos, brinquedos vivos e muito queridos. Foram meus companheiros e testemunhas das dores e alegrias ao longo da vida.

Com o passar do tempo mudei para uma casa maior que tinha um quintal enorme. Criávamos gatos, porcos, patos e galinhas. Amava estar no meio dos animais e minha mãe, que era professora, dava aulas completas sobre como cuidar dos bichos e de suas crias. Aprendia observando, ajudando e vivendo em um pequeno universo só meu e, claro, das filhas das vizinhas que disparavam pulando por cima da cerca: curiosas, ávidas em também aprender.

Minha mãe trabalhava de dia e estudava à noite. Ficávamos, eu e meus irmãos, com uma moça chamada Antônia, grande contadora de histórias. Todas as noites ouvia histórias fantásticas de assombrações, visagens e contos de fadas brilhantemente adaptados aos costumes do interior. Essas histórias, conto até hoje para meus alunos. Eles também ficam encantados, curiosos e fazem a maior festa nas rodas de histórias. Antônia deixou marcas tão fortes em tudo o que sou hoje, que sempre fico emocionada quando relembro esse tempo de minha infância.

Das histórias que ouvia, passei para os livros que também contavam narrativas fantásticas. A experiência de ler trouxe extrema liberdade às minhas buscas: não precisaria mais depender somente dos outros para aprender, pois os livros passaram a ser meus aliados.

Ouvir e contar histórias são ações que andam de mãos dadas com a magia, com o encantamento e a imaginação. As histórias embalam os sonhos, falam de lugares fantásticos e projetam esperanças, desejos de realizações e trazem, acima de tudo, magia para a vida e uma relação de encantamento e cumplicidade entre quem conta e quem escuta as histórias (SANTANA, 2015 p 79).

Através das histórias e da leitura, passei a interagir com outras pessoas, ampliando meu universo, enxergando novas trilhas. Quando estava na 2ª série do Ensino fundamental I, dava aulas a uma menina, que morava perto de minha casa e cursava a mesma série. Também ajudei a alfabetizar uma vizinha. Aos 8 anos já gostava de “dar aulas”; sentia um prazer imenso em contribuir e também em mostrar que era capaz.

A ESCOLHA DA DIREÇÃO

Iniciei o ensino médio matriculada na área de ciências biológicas, pois cursei esse nível de ensino no tempo em que os alunos deveriam escolher seu foco de formação em CB (Ciências Biológicas), CH (Ciências Humanas) e CE (Ciências Exatas). Com o passar dos dias percebi que Ciências Humanas era minha verdadeira paixão e sem pensar duas vezes, mudei de área.

Fiz o vestibular e passei no curso de Pedagogia com muitas expectativas pelo que iria vivenciar. No entanto, a maior parte dos textos trabalhados pelos professores parecia sem nexos, desligados da realidade e terminei por vivenciar uma formação conteudista, no sentido pleno da palavra, sem possibilidades de atrelamento do conteúdo à contextualização e reflexão crítica, com exceção dos trabalhos de alguns poucos professores que já apostavam em práticas diferenciadas para a formação de novos educadores.

Lembro com muito carinho de uma professora de psicologia da Educação, de formação psicanalítica, que centrou seu trabalho no desenvolvimento da teoria Freudiana. Como sempre gostei de psicologia, essa disciplina foi uma das que marcaram minha formação. Contribuiu para a reflexão de processos de construção da personalidade e da aprendizagem humana, alvo de minhas constantes reflexões.

Nossas práticas de estágio foram irrisórias e limitadas à realização de entrevistas e observação de algumas experiências de sala de aula e de gestão, sem oportunidade concreta de intervenção e contribuições. Logicamente que, apesar dos limites encontrados na formação inicial, não posso negar os conhecimentos adquiridos nesse tempo; conhecimentos marcados pela fragmentação e descontextualização, mas que foram úteis para a construção de sínteses que ocorreriam tempos depois.

A entrada na Universidade gera grandes expectativas nos estudantes; expectativa frustrada na maioria das vezes, pois esse espaço, considerando algumas experiências que buscam ser exceção à regra, continua seguindo a lógica da compartimentalização do conhecimento, separando teoria e prática e desconsiderando a complexidade presente na realidade que precisa ser apreendida em seu movimento, com suas amplas conexões. Morin (2002).

Com o desafio em assumir suas incertezas e reconstruir seu olhar sobre a realidade, a universidade ainda precisa trilhar um longo caminho, ainda que este processo já venha acontecendo. Como universitária, sentia-me envolvida nesse movimento contraditório entre as práticas educativas cristalizadas e as tentativas de mudança implementadas no curso de Pedagogia. Na verdade, diante de inúmeras incertezas e com algumas certezas incertas e fragmentadas, sentia-me sedenta por experiências que pudessem fazer com que me sentisse viva, sendo professora, pois

assumi na vida uma profissão que realmente desejava, embora não tivesse clareza das dificuldades que teria ao trilhar esse caminho.

NO EXERCÍCIO DO FAZER, NOVAS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS

No último ano da graduação, por indicação de uma amiga de turma, participei da seleção para professores promovida por uma escola privada de Belém que trabalhava a partir do referencial construtivista. Fui aprovada na seleção. Iniciei o trabalho com brilho nos olhos e muitas ideias. No entanto, logo apareceram as dificuldades naturais de todo processo que envolve seres humanos e suas diferenças.

Fui lotada em uma turma de 1ª série (correspondendo atualmente ao 2º ano do Ensino Fundamental), com 18 alunos matriculados. Inicialmente senti muitas dificuldades na gestão do grupo e no trabalho com os limites junto a algumas crianças. Nessa situação, o apoio recebido na escola foi essencial. Havia no espaço de trabalho um encontro mensal para que os funcionários pudessem se autoavaliar. Todos, em círculo sobre almofadas e a partir de vivências e dinâmicas grupais, falavam de si e de suas práticas; de seus medos, fragilidades e potencialidades com o suporte da psicóloga e dona da escola que não exigia professores prontos e com experiências (muitas vezes cristalizadas), mas pessoas abertas à aprendizagem da profissão; éramos convidados a exercitar a humildade diante do que não sabíamos para a deflagração de novos conhecimentos.

Em uma das primeiras reuniões coloquei minhas dificuldades, expressando toda a angústia sentida. Foi muito difícil admitir o não dar conta. O contato com as obras de Paulo Freire ajudou bastante nesse sentido. Destaco a seguir um trecho que me fez pensar na época: “Uma educadora elitista, autoritária [...], jamais entende a humildade de assumir o medo, a não ser como covardia. Na verdade, a assunção do medo é o começo de sua transformação em coragem” (FREIRE, 1997 p. 67).

Fui acolhida pelo grupo e devidamente orientada sobre como aceitar, enfrentar e finalmente superar meus medos e dificuldades. A escola acreditava na formação enquanto processo a ser desencadeado por um movimento de superação constante. A coordenadora pedagógica da instituição, também amiga e colega de universidade, foi um grande suporte no momento dos desafios.

Passei a ser observadora assídua de como as professoras mais experientes se posicionavam com as crianças, buscando aprender estratégias de linguagem, posturas reflexivas e ideias que poderiam ser desenvolvidas para que pudesse trabalhar com meus alunos nos momentos de direcionamento do grupo, indisciplinas e conflitos.

Nesse processo, o educador desenvolve a autonomia reflexiva do grupo, pois todos são convidados ao posicionamento sobre as problemáticas e encaminhamentos de atividades coletivas, bem como em assumir responsabilidades e traçar acordos (ZABALA, 1998). Esse movimento foi um grande exercício com erros e acertos, onde precisávamos assumir nossas dificuldades e ainda os medos, nossos grandes aliados na busca de superação, pois “assumir o medo e não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que o causa e a nossa capacidade de respostas. Assumir o medo é não escondê-lo, somente assim podemos vencê-lo” (FREIRE, 1997, p. 66)

Costumo dizer que essa escola onde iniciei minhas primeiras experiências docentes, foi minha verdadeira universidade. Hoje percebo que nesse ambiente iniciei meu verdadeiro aprendizado sobre a profissão. Precisamos estar abertos ao novo, admitir nossas “incompetências” para a construção das competências. Aprendi a lidar um pouco mais com medos e fantasmas; lidar com as lacunas de minha própria aprendizagem para somente assim, poder contribuir com os outros (crianças, pais...) na construção de seus conhecimentos, na revelação de medos, fantasmas e nas possibilidades de mudança. (FREIRE, 2014)

No trabalho com as crianças tinha um carinho especial pelos conteúdos de Ciências e Língua Portuguesa e analisando com o olhar do presente esse tempo de aprendizado, percebo que, auxiliada por algumas leituras já realizadas, e intuitivamente já concebia a necessidade de ouvir os alunos em suas curiosidades, aproveitando as ideias trazidas e os materiais também, como uma aranha em um vidro com álcool, ou mosquitos capturados durante o recreio. Os desafios surgiam a todo momento e, mesmo com dúvidas, já buscava fazer diferente em meio aos atropelos do cotidiano escolar que também era novidade naquele início de trabalho.

A aula sobre corpo humano com a primeira série também terminou de forma inusitada. Um aluno perguntou se uma galinha por dentro era parecida com o ser humano, pois já tinha visto sua mãe cortar uma galinha. Convidamos então a mãe do aluno para cortar um frango em nossa sala na semana seguinte. O convite foi aceito e nossa aula foi inesquecível com a discussão sobre o corpo das aves e as diferenças em relação aos seres humanos.

Compreendo que, nesse contexto, estava aprendendo a ensinar Ciências e mesmo com limites e incertezas sentia uma atração irresistível pelas ideias das crianças. Nesse aspecto, o estudo das teorias de Piaget e Vygotsky, incentivado pela escola, visava proporcionar, aos poucos, outro olhar sobre como se aprende, desafiando-nos a repensar o trabalho desenvolvido nas diversas áreas do conhecimento, no entanto, minha ação era mais instintiva do que fruto de um processo verdadeiramente reflexivo. Embora tentasse, ainda era difícil, naquele momento, articular as leituras que fazia com o exercício inicial da docência.

Nesse início de trabalho vivenciei um movimento contraditório e de muita tensão diante do saber e não saber. Atualmente recolho as aprendizagens resultantes dessa tensão que nunca desaparece por completo, mas surge todas as vezes que precisamos vivenciar um novo movimento.

Após cinco anos de trabalho na escola já mencionada, passei a atuar na secretaria de Educação do Município de Belém (SEMEC) como integrante da Equipe técnica da Educação de Jovens e Adultos do Município. Nessa função passei a trabalhar na formação de professores da rede municipal e de alfabetizadores do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-Belém), administrado pela prefeitura de Belém.

Além da formação continuada aos educadores da EJA, nossa equipe técnica assumia a assessoria dos trabalhos desenvolvidos pelas escolas municipais dessa modalidade de ensino. Esse tempo de atuação, que durou seis anos, também trouxe novas vivências formativas somando significativamente às minhas práticas no trabalho com educadores e alunos das escolas públicas. Os pressupostos de Freire que defendem uma educação popular propulsora da autonomia e do exercício da cidadania contagiaram meu olhar e levaram-me a acreditar mais ainda na possibilidade de mudanças através da educação.

Em minhas atuais reflexões reconheço a importância desse tempo de trabalho com o movimento popular. Desenvolvi certa sensibilidade pelo olhar do outro, pela sua condição, buscando entender o ser humano e suas necessidades de aprender e ser a partir do lugar em que se encontra: lugar físico e lugar do conhecimento. Enxergando meus alunos de hoje lembro-me dessa lição e meus ouvidos ficam mais aguçados para ouvir e compreender a leitura de mundo tecida pelos sujeitos (FREIRE,2000)

Em 2005 deixei meu trabalho na Secretaria de Educação do Município (SEMEC) e ingressei no quadro efetivo dos docentes do Colégio Tenente Rego Barros. Nesse novo movimento de experiências e aprendizagem através da profissão, assumi uma turma de 1ª série (atual 2º ano) do Ensino Fundamental. De início, encontrei algumas dificuldades devido ao número de alunos (25 crianças) e a falta de apoio direto de um estagiário, no entanto, busquei lembrar as lições aprendidas nas experiências anteriormente relatadas. Aos poucos fui ganhando a confiança das crianças e de seus responsáveis, com a ajuda de algumas professoras que atuavam na mesma série. Uma delas, minha grande referência nesse primeiro ano, era uma pessoa acolhedora, disponível. Não obstante manifestar grandes resistências a uma postura mais reflexiva em educação, demonstrava um grande amor pelas crianças e por seu trabalho.

Tal comportamento no início me deixou um pouco confusa; na verdade, ainda tinha a imagem da professora tradicional como retrógrada e desatualizada. Nesse momento fui obrigada a admitir meu preconceito e assumir minhas dificuldades, pois, nesses casos, é mais fácil e óbvio enxergar os “defeitos” nos outros, considerando que mesmo com as experiências já vivenciadas, ainda tinha muitas dificuldades a superar.

Passei a compreender que nem tudo o que achava tradicional precisava ser descartado, mas poderia ser adaptado ou realizado com uma nova consciência e objetivo. Essa professora, colega da nova escola, foi fundamental na continuidade de meu desenvolvimento profissional. Com ela aprendi a ser mais organizada, a trabalhar outros aspectos da disciplina com os alunos e a exercer a amorosidade mesmo quando precisasse ser firme e exigente. Discordava de algumas posturas da educadora e suas concepções sobre o conhecimento e o processo de aprender e ensinar. Nesse contexto aprendi também mais uma lição: somos diferentes e nossas certezas não podem se transformar em arrogância e “raivosidade” a ponto de desrespeitar o diferente e mesmo o que julgamos diferente pode ter muito a nos ensinar (FREIRE, 2014. p. 49).

Dois anos após o ingresso no Colégio Tenente Rego Barros, fui, também, admitida via Concurso público, como pedagoga da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, onde atuei durante 11 anos em brinquedoteca hospitalar com crianças em processo de hospitalização. Nesse espaço o trabalho com o lúdico no exercício da acolhida sensível a crianças carentes e fisicamente debilitadas trouxe novas reflexões sobre o sentir, ouvir e estar no lugar do outro, dando sentido a tudo isso através do brincar. Essa experiência qualificou ainda mais minha atuação docente com meus pequenos alunos e novas contribuições à formação de professores.

E A FORMAÇÃO CONTINUA: NOVOS CAMINHOS TRAÇADOS

A necessidade de superação dos limites encontrados no exercício da docência provoca, quando nos determinamos a não parar pelo caminho, o alçar de novos voos, o descortinar de novos horizontes. Esses momentos sempre surgiam em tempos de desânimo, em que me achava sem forças para continuar trabalhando no que acreditava. O comodismo e a busca pelo menor esforço estiveram presentes em meu caminhar de educadora, pois diante das situações familiares, profissionais e pessoais trazidas pelo tempo, quase esquecia de quem eu era e no que acreditava enquanto profissional. Nesse movimento muitas vezes perguntei a mim mesma: “Por que sou professora?”

Muitas vezes cansava das mesmas e velhas discussões, dos mesmos e exaustivos discursos desafiando-nos a praticar o que ainda não sabíamos, buscando arrancar o chão de nossos pés, sem nos dar o suporte de um novo passo. Nesses momentos, beber em novas fontes para o reabastecimento necessário fazia-se urgente. Refiro-me à oportunidade em realizar a pós-graduação, que me ajudou a virar mais uma página da vida, canalizando as energias para novas perspectivas.

A pós-graduação realizada foi uma especialização em Psicologia da Educação, oferecida em caráter modular pela PUC de Minas Gerais (Programa Denominado PREPES). Os professores do curso expressavam tanto envolvimento, abertura e conhecimento articulado com a realidade, que marcaram a formação de todos os alunos envolvidos no processo.

Hoje compreendo que nesse tempo de formação, consegui realizar importantes sínteses na articulação de conhecimentos envolvendo vários ramos das Ciências Sociais, como a Sociologia, Psicologia, Antropologia, Filosofia e Pedagogia, enxergando suas conexões com o fenômeno educacional. Nesse contexto, tive e ainda hoje tenho a oportunidade de refletir alguns aspectos de minha própria prática. As informações, antes desconectadas, estudadas no tempo da Graduação passaram a fazer sentido, encaixando-se e articulando-se, contribuindo para um novo conhecimento em sua totalidade e complexidade, com suas certezas e incertezas, como nos afirma Morin (2002).

Antes de ingressar no mestrado, fui convidada por uma professora e amiga com quem trabalhei em minha primeira experiência profissional a integrar o corpo docente do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental oferecido em caráter modular por uma universidade privada de Belém. Aceitei o convite e no período de 2010 a 2014 atuei como docente externa da instituição ministrando a disciplina “A Construção dos Conhecimentos Sócio-Naturais”. Em momentos posteriores também assumi a docência em outra universidade particular ministrando disciplinas na Pós-graduação dedicada à Gestão Educacional.

O trabalho como professora na pós-graduação contribuiu para um novo processo de auto avaliação e ampliação de minha atuação docente, no diálogo com as experiências de meus alunos e as ricas discussões que travamos sobre as possibilidades da prática, além de ter influenciado de certa forma a escolha do mestrado em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas, cursado no período de 2014 a 2016, na Universidade Federal do Pará (UFPA).

A proposta do mestrado consistia na ação reflexiva do professor sobre sua própria prática em um processo de pesquisa com seus alunos. Para a realização da pesquisa escolhi o trabalho direcionado à construção de conhecimentos

científicos com meus alunos dos anos iniciais. No contexto da pesquisa e reflexão sobre a própria prática, elaborei como dissertação e produto (produção de vídeo) do mestrado reflexões e sugestões significativas que contribuíram grandemente para a formação de professores, experiências partilhadas com meus alunos da Pós-graduação.

No decorrer das aulas do mestrado, fui aprendendo a valorizar minha prática profissional; fui desafiada a produzir pesquisa a partir do que fazia, exatamente do que sentia falta nos processos de seleção para mestrados realizados em momentos anteriores.

Os professores precisam de mais espaço para mostrar seu trabalho. Os conhecimentos construídos a partir da prática precisam ser cada vez mais valorizados e nesses termos a pesquisa docente sobre seu próprio fazer adquire fundamental importância na construção de um conhecimento produzido pelo professor e legitimado por outros educadores e pela própria academia (ZEICHNER, 2002).

Na trajetória profissional vivenciada no Colégio Tenente Rego Barros, além da função de professora, também assumi, durante sete anos, o trabalho como coordenadora Pedagógica, atuando com professores, alunos e família, contribuindo com o processo de Gestão educacional. Esse tempo de experiência trouxe aprendizados incríveis sobre a interação entre família e escola, no acolhimento das diferenças e exercício da escuta sensível e de que maneira a organização da ação pedagógica pode contribuir com o desempenho e formação de nossos alunos. Em nosso colégio, mesmo diante das dificuldades encontradas, venho buscando dar mais sentido ao meu trabalho, no diálogo com a gestão e outros professores que também vem buscando melhorar a cada dia sua prática.

As memórias aqui relatadas, algumas mais distantes e outras nem tanto, buscam expressar as aprendizagens construídas no percurso da vida, da formação e do exercício da profissão; histórias que marcaram (e marcam) minhas escolhas no decorrer da docência e contribuíram decisivamente para a construção de quem sou hoje e de minhas perspectivas para a continuidade de um processo que está sempre em construção.



**SOBRE OS
AUTORES**



Alex Sandro Moura (CBNB)

Pós-Graduado em Língua Portuguesa pelo Instituto Liceu Literário Português em conjunto com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduação em Letras, com Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Moura Lacerda em Ribeirão Preto – SP. Professor de Língua Portuguesa no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

André gomes da conceição (CBNB)

Doutorando e mestre em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Ministério da Defesa e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Antonio Fábio Malcher Figueiredo (CTRB)

Graduado em Ciências com habilitação em Matemática pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Pós-Graduado em Instrumentação para o ensino da Matemática pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Membro do Grupo de Estudos de Pesquisa Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD) e Professor de Matemática no Ensino Fundamental do Colégio Tenente Rêgo Barros – CTRB e SO (RM1-FN) da Marinha do Brasil.

Bianca de Fátima Fonseca Jardim Pantoja (CTRB)

Mestra em Educação Científica e Matemática pela (UFPA) Universidade Federal do Pará (2022) Esp. em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Iguazu (2022); Esp. em Psicopedagogia pela Faculdade de Vitória. (2018) Especialista em Educação Especial pela Faculdade de Vitória (2018); Especialista em Administração Escolar pela UFRJ (2007) Especialista em Educação Infantil pela UFRJ. Especialista em Supervisão e Coordenação Escolar. Integrante dos Grupos de Pesquisas GEPASEA (UFPA); GEPSAD (CBNB); (EAFAB) e GPEA (CTRB). Oficial da Força Aérea Brasileira desde 2017 atuando no CTRB até a presente data. Criadora do Aplicativo e Software “Casulo TEA”.

Carmen Lúcia Crespo Pinto (CBNB)

Mestranda em Artes da Cena na Escola Superior de Artes Célia Helena. Graduada em Educação Artística com licenciatura em Música pela UNISUAM (1992). Atualmente é professora de Música e Artes visuais no Colégio Brigadeiro Newton Braga.

Tem experiência na área de Artes, com ênfase em artes visuais, teatro, música, dança, astronomia e novas tecnologias. Aposentada como professora de Música do Município do RJ. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD) das Escolas Assistenciais da Força Aérea Brasileira (FAB).

Cleonilda Maria Camargo de Abreu (CBNB)

Natural da Cidade do Rio de Janeiro. Pós-graduada em História e Cultura Afro-brasileira pela Universidade Cândido Mendes. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora da rede pública de Ensino desde 1977, na Cidade do Rio de Janeiro. Atualmente exercendo suas funções docentes, no Colégio Brigadeiro Newton Braga, desde o ano de 1996. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Elaine Cristina Ferreira de Santana Assis (CBNB)

Natural da Cidade do Rio de Janeiro. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (INTERVALE). Pós-graduada em Psicomotricidade pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (INTERVALE). Pedagoga formada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Atualmente é Pedagoga na Força Aérea Brasileira (FAB), atuando como Coordenadora dos Anos Iniciais, no Colégio Brigadeiro Newton Braga, na Cidade do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Giselle Christina Silva Figueirêdo Pinto (CBNB)

Natural do Rio de Janeiro. Militar da FAB. Pedagoga formada pelo Centro Universitário Plínio Leite. Especialização em Pedagogia Empresarial pela UCM. Especialização em Psicopedagogia pelo CUPL. Especialização em Neurociência Aplicada e Aprendizagem pelo IPUB/UFRJ. Possui vários cursos de formação complementar todos pela Fundação Municipal de Educação de Niterói. Atua no magistério desde 2000, entre instituições públicas e privadas. Atualmente é professora do 1º ano do EF e participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e saberes docentes (GEPSAD) do Colégio Brigadeiro Newton Braga.

José Carlos Pistilli (CBNB)

Natural da cidade do Rio de Janeiro, Doutor em Planejamento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Engenharia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Engenheiro pela Universidade Federal Fluminense, especialista em Didática do Ensino Superior pela SOMLEY/RJ, Especialista em Administração de

Marketing pela SOMLEY/RJ, professor de Ciências e Matemática pela FEUC/RJ. Atualmente, sou regente de turmas do Ensino Fundamental e do Ensino médio, e coordeno Projetos Multidisciplinares, no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB). Coordeno o projeto SEMEARTE, parte do Programa de Extensão UFRJ/CBNB que envolve: Projeto Guarani, trabalho que aborda questões do Meio Ambiente, fazendo uso das linguagens tecnológicas e músico - teatral; Programa Educação para o Trânsito nas Escolas, em parceria com DETRAN/RJ; Projeto Astronomia CBNB, com parceria institucional entre o Museu de Astronomia/RJ (MAST) e o Colégio Brigadeiro Newton Braga, tendo como meta a construção do Planetário CBNB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Joelma Carvalho da Conceição Molinaro (CBNB)

Natural do Rio de Janeiro. MBA em Educação Corporativa – Especialista no Treinamento e Desenvolvimento nas Organizações pela Universidade Veiga de Almeida. Especialista em Gestão de Projetos pelo PMI – Project Management Institute. Pedagoga pela Universidade Estácio de Sá. Magistério nos Anos Iniciais no Instituto Padre Leonardo Carrescia. Trabalhou por mais de 10 anos na gestão de Obras Sociais e pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e na Educação, como diretora de uma escola Montessoriana, como supervisora de Creches comunitárias pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, como professora dos Anos Iniciais durante 8 anos e como orientadora Pedagógica do Projeto Tirando Dúvidas e Sanando Dúvidas para alunos com dificuldades na aprendizagem e baixa auto-estima do Colégio Brigadeiro Newton Braga. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Jussara Cassiano Nascimento (CBNB)

Pós-doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis; Mestre em Educação pela UNIRIO. Psicopedagoga. Especialista em Educação Infantil pela PUC/Rio. Pedagoga. Pesquisadora do Laboratório de Educação e República (LER), na UERJ e do GRUFOP na Universidade Católica de Petrópolis. Professora EBTT, neste momento atuando como Adjunta do Chefe da Divisão de Ensino e Assessora Pedagógica no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Luiz Otávio Ebendinger Martins (CBNB)

Pós-graduado em Administração Escolar pela Fundação Educacional Souza Marques e em Meio Ambiente pela Pontífice Universidade Católica (PUC). Formado em Biologia pela Fundação Técnica Educacional. Diretor do Colégio Estadual Barão de Itacurussá durante 8 anos. Diretor Administrativo do Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB) durante dois anos. Diretor Geral do Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB) por 18 anos. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Maria do Amparo Torres Pinheiro (ECE)

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Especialista em Supervisão Escolar pela Faculdade Cândido Mendes - FACAM. Pedagoga pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Foi Coordenadora Pedagógica no período de 2018 a 2020, na Escola Caminho das Estrelas. Atuou como docente dos Anos Iniciais durante toda sua trajetória, sendo atualmente professora titular do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Caminho das Estrelas. Membro do Grupo de Estudos Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Maria Julia Nunes (ECE)

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Meio Ambiente da Universidade Ceuma-UNICEUMA. Psicopedagoga pela Universidade Candido Mendes/UCAM. Pedagoga pela Universidade Estadual do Maranhão/UEMA. Especialista em Gestão e Supervisão Escolar pela Faculdade do Maranhão/FACAM, Especialista em Gestão Educacional - Faculdades Integradas Potencial/FIP. Exerceu a Direção Geral de Ensino da Escola Caminho das Estrelas nos anos de 2017-2019, atuou como Coordenadora dos Anos Iniciais no período de 2006-2009 e no período de 2013-2015. Atualmente é professora da carreira EBTT na Escola Caminho das Estrelas em Alcântara/MA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Maria das Graças de Souza Lima (CTRB)

Mestra em Ciências Ambientais pela Universidade de Taubaté- SP - UNITAU, Especialista em Alfabetização e Letramento pela PUC de Minas Gerais e Pedagoga pela Universidade Estadual do Pará - UEPA. Trabalhei na SEMEC (SECRETARIA MUNICIPAL DE Educação) como professora, na EJA e nos Ciclos Básicos durante 20 anos e diretora de escolas durante 10 anos. Ministrei aulas nos cursos de Formação de Professores, pelas Universidades: UVA, UFRA, ESAMAZ. Trabalho no CTRB há 32 anos, onde já exerci a função de Coordenadora Pedagógica, Orientadora Edu-

cacional, atualmente realizo trabalhos com Letramento Literário para as turmas do 1° ao 5° ano, dos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental, priorizando práticas lúdicas com os gêneros literários do currículo. Participo do Grupo de Estudos e Pesquisas GEPSAD onde as discussões são sempre voltadas para o currículo praticado.

Maria do Socorro de Araújo Alves (ECE)

Mestre em Artes pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Especialista em Arteterapia na Educação e Saúde pela Faculdade Cândido Mendes - FACAM. Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professora de Artes no Ensino Médio do Estado do Maranhão por 25 anos, hoje já aposentada. Atualmente, professora de Artes do Ensino Fundamental na Escola Caminho das Estrelas. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Mário Aniceto Corrêa (CBNB)

Pós-graduado em Educação Matemática pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Especialista em Artes Cênicas pela Universidade Estácio de Sá. Graduado em Matemática pelo Centro Universitário Augusto Motta. Possui cursos na área de Educação, nas seguintes especialidades: Mediador Escolar e Educação Inclusiva pela FASULMG, Formação Continuada em Educação Inclusiva pela UERJ, Interpretação teatral pela FAETEC. Atualmente atua como professor de Matemática dos Anos Iniciais do CBNB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Rousiane Damasceno Evangelista

Mestranda do Curso em Meio Ambiente pela Universidade Ceuma-UNICEUMA. Especialista em Gestão Educacional Integradora, pela Faculdade Atenas Maranhense – FAMA. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Atenas Maranhense. Professora do Magistério do Ensino Básico Técnico Tecnológico na Escola Caminho das Estrelas. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD) e do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (GPEA).

Silvia Cristina da Costa Lobato

Possui Mestrado em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2016); Especialização em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MINAS (1999) e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará - UFPA (1997). Atualmente é Coordenadora Pedagógica do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rego Barros. Possui ampla experiência em docência nos anos iniciais do

Ensino Fundamental e formação de professores alfabetizadores e do ensino fundamental, acompanhando e assessorando Projetos de Alfabetização de Jovens e Adultos e atuando na formação de professores de Escolas da Rede Municipal de Belém e de Secretarias de Educação de Municípios do interior do Estado do Pará.

Suzana do Nascimento Santos (CBNB)

Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Colégio Pedro II. Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela UCAM e em Planejamento, Educação e Gestão da EAD pela UFF. Graduada e licenciada em Letras Português-Inglês pela UFRJ. Professora de Língua Inglesa EBTT no Colégio Brigadeiro Newton Braga e PI na PCRJ - Escola Municipal Francis Hime.

Zulmira Maria Marques de Pinho

Mestranda em Desenvolvimento Local pela UNISUAM-RJ. Especialização em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem pela ENSP/FIOCRUZ. Licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Educação da UFRJ. Graduação em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Ana Néri da UFRJ. Professora no Colégio Brigadeiro Newton Braga do Comando da Aeronáutica. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).



Formato: PDF
Capa: Duo Design 250g (capa)

ISBN 978-85-94431-59-2 (e-book)
ISBN 978-85-94431-58-5

Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ | Tel: +55 21 98141-1708
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com>

MEMORIAIS DE FORMAÇÃO

Profa. Pós-Doutora Jussara Cassiano Nascimento
Coordenadora do Projeto

Jussara Cassiano Nascimento
Zulmira Maria Marques de Pinho
Rousiane Damasceno Evangelista
Antonio Fábio Malcher Figueiredo
Organizadores



epitaya
Editora

ISBN: 978-85-94431-59-2

